



ROSA LUXEMBURGO

ORGANIZAÇÃO

Jörn Schütrumpf

ou o preço da liberdade





ROSA
LUXEMBURGO
*OU O PREÇO
DA LIBERDADE*

Organizador
Jörn Schütrumpf

Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade

Organizador: Jörn Schütrumpf

2ª edição brasileira, ampliada e revisada

Revisão técnica: Isabel Loureiro

Preparação de texto: Karla Lima

Traduções: Isabel Loureiro, Karin Glass, Kristina Michahelles e Monika Ottermann

Coordenação editorial: Ana Rüsche

Projeto gráfico: Fabiano Battaglia

Capa: Ana Rüsche, Gerhild Schiller e Fabiano Battaglia

Imagem da capa: Michael Mathias Precht

R 788 Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade / Jörn Schütrumpf
(org) ; tradução: Isabel Loureiro, Karin Glass, Kristina
Michahelles e Monika Ottermann : 2ª edição ampliada - São
Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.
216p.

ISBN: 978-85-68302-03-3

1. Luxemburgo, Rosa – Vida e obra. 2. Socialismo.
3. Militante – política. I. Título.

CDD: 923.247
320.531092
320.5315

Esta publicação foi realizada pela Fundação Rosa Luxemburgo
com o apoio de fundos do Ministério Federal para a
Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ).

Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença

Creative Commons BY-NC-ND



(Atribuição - Uso não comercial - Não a obras derivadas).

ROSA
LUXEMBURGO
*OU O PREÇO
DA LIBERDADE*

Organizador
Jörn Schütrumpf

Revisão técnica
Isabel Loureiro

Traduções
Isabel Loureiro, Karin Glass,
Kristina Michahelles e Monika Ottermann

2ª edição brasileira,
ampliada e revista.
2015



Sumário

Em nome da Rosa <i>por Gerhard Dilger</i>	7
Socialismo e liberdade <i>por Michael Löwy</i>	13
Vida e obra de Rosa Luxemburgo	16
Entre o amor e a cólera <i>por Jörn Schütrumpf</i>	21
<i>Lembrança para o futuro</i>	
<i>Judia, polonesa, europeia – revolucionária</i>	
<i>Do marxismo a Marx</i>	
<i>Entre socialdemocratas e bolcheviques</i>	
<i>Na revolução “errada”</i>	
<i>Ultraçada e glorificada, mas também necessária?</i>	
A acumulação do capital revisitada	72
A herança econômica recalcada <i>por Michael Krätke</i>	75
Imperialismo ocidental versus comunismo primitivo <i>por Michael Löwy</i>	87
A menos eurocêntrica de todos <i>por Isabel Loureiro</i>	97
Escritos de Rosa Luxemburgo	108
No albergue	113
Meu pobre búfalo, meu pobre irmão querido	123
Sobre cisão, unidade e saída	131
A tática da revolução, <i>com nota de Holger Politt</i>	137
A Revolução Russa	151
Segredos de um pátio de prisão	189
Dados biográficos	201
Autores	213

Em nome da Rosa

Apresentação por Gerhard Dilger

Liberdade somente para os partidários do governo, somente para os membros de um partido – por mais numerosos que sejam –, não é liberdade.

Liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente. Não por fanatismo pela “justiça”, mas porque tudo quanto há de vivificante, salutar, purificador na liberdade política depende desse caráter essencial e deixa de ser eficaz quando a “liberdade” se torna privilégio.

Rosa Luxemburgo, A Revolução Russa

O capital não conhece outra solução que não a da violência, um método constante da acumulação capitalista no processo histórico, não apenas por ocasião de sua gênese, mas até mesmo hoje. Para as sociedades primitivas, no entanto, trata-se, em qualquer caso, de uma luta pela sobrevivência; a resistência à agressão tem o caráter de uma luta de vida ou morte...

Rosa Luxemburgo, A acumulação do capital

Qual o significado de Rosa Luxemburgo (1871-1919) para as lutas sociais no Brasil de hoje? Pode ela ser mais do que um ícone, um símbolo, uma lutadora de quem a maioria só conhece algumas citações cativantes?

Sim – a nova edição de *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade* liga-se a uma longa tradição da recepção brasileira de Luxemburgo, que vai de Mario Pedrosa, Paul Singer e Michael Löwy a Isabel Loureiro. No livro *Socialismo ou barbárie – Rosa*

*Luxemburgo no Brasil*¹, organizado por ela, militantes e intelectuais falam detalhadamente sobre o significado da socialista polonesa-alemã para a esquerda brasileira.

Paulo Arantes lembra que já no ano altamente político de 1968, na Universidade de São Paulo, Rosa era sobretudo uma referência antistalinista. Pouquíssimos estudantes devem ter lido intensivamente com sua obra.

“Em qualquer canto havia reunião de grupo, você nem sabia quem era, entrava, saía, tinha reunião de departamento, a gente não sabia se era reunião do seu departamento, se era reunião da ala tal, do grupo tal, da dissidência tal; tinha professor e estudante misturado... Havia professores que já estavam militando, e havia discussão teórica, doutrinação para tudo, você não pedia um aparte, não dizia ‘vou tomar água, vou ao banheiro’ sem citar Lênin, Mao Tse-tung...”

A Rosa Luxemburgo, quando aparecia no debate, era sempre como critério moral de radicalismo. E também era um teste para saber quem era autoritário e quem era libertário: ‘Eu quero saber quantas obras da Rosa Luxemburgo você encontra em Havana, na biblioteca de Havana? Eu estive lá e não vi nenhuma! É uma infâmia, o camarada está...’ – e assim por diante. Não havia discussão – pelo menos nas rodas estudantis – do luxemburguismo; era um critério para você se identificar e era um critério moral para saber se o cara era stalinista ou não. Ou se era a favor da dissolução da assembleia constituinte na Rússia [risos]. Ou se a democracia era para todos ou era para ninguém. Era só isso.”

No século XXI isso não mudou muito. Também agora, para muitos que não conhecem sua obra, Rosa é um modelo – devido a sua *atitude*. Sua revolta coerente contra o capitalismo e as guerras e lhe deram muitos anos atrás das grades. Ela queria, com sensibilidade

¹ FRL: São Paulo, 2008/2009. Disponível em <http://rosaluxspba.org/wp-content/uploads/socialismo-ou-barbarie.pdf>

e radicalidade, ir ao fundo das coisas. Nisso pode ser comparada a Ernesto Che Guevara – ademais as circunstâncias igualmente dramáticas dos assassinatos, ela na Berlim de 1919, ele em La Higuera, na Bolívia, em 1967, fizeram praticamente de ambos “mártires da revolução”.

*

Mas não estamos aqui interessados no mito Rosa e sim na mulher e sua obra. A erudita introdução do historiador alemão e editor Jörn Schütrumpf, que ainda na RDA fez a experiência de como os governantes procuravam instrumentalizar Rosa Luxemburgo a seu favor, dá-nos indicações valiosas quanto a isso.

Rosa Luxemburgo não era em primeiro lugar teórica, mas, antes de mais nada, membro ativo de dois partidos socialistas, jornalista polêmica e oradora de língua afiada, educadora popular, internacionalista convicta – e, naturalmente, uma mulher do seu tempo. O estudo de sua obra “não é exatamente fácil” se tivermos em vista resultados que possam ser aplicados hoje, escreve a feminista alemã Frigga Haug: “Não iremos particularmente longe se procedermos como de costume e nos dedicarmos apenas à leitura conscienciosa das grandes obras”.²

No entanto, o reconhecimento de seus escritos econômicos é frequentemente negligenciado. Por essa razão, acrescentamos à primeira edição de 2006 três artigos focados em *A acumulação do capital* (1913) – a obra que inspirou David Harvey a atualizar a “acumulação primitiva permanente” no seu conceito, muito citado, de “acumulação por expropriação”. Que a análise do imperialismo feita por Luxemburgo continue sendo de uma impressionante atualidade, justamente da perspectiva latino-americana, é o que mostram Michael Löwy e Isabel Loureiro nos seus artigos.

² Frigga Haug, *Rosa Luxemburg und die Kunst der Politik [Rosa Luxemburgo e a arte da política]*, Hamburgo, 2007.

Mas a própria Rosa Luxemburgo também tem a palavra. Em relação à primeira edição, foram acrescentados três textos curtos: a carta “Segredos de um pátio de prisão” (1917), cuja força lírica é profundamente impressionante, “A tática da revolução” (1906) e por fim a “Carta aberta aos amigos políticos: sobre cisão, unidade e saída” (1917), em que polemiza com a social-democracia alemã. Por causa da guinada nacionalista dos socialistas europeus, contra a qual Rosa Luxemburgo, Jean Jaurès e muitos outros resistiram inutilmente, a Primeira Guerra Mundial não pôde ser evitada. Esse pecado original dos social-democratas levou à cisão do movimento operário, pavimentando o caminho para o fascismo de Hitler. Além disso, alguns poderão fazer paralelos com a miséria da atual social-democracia na Europa...

Neste contexto, vale particularmente a pena reler a brochura “A revolução russa”, aqui publicada na íntegra, que Rosa Luxemburgo elaborou em setembro de 1918 na prisão de Breslau (Wroclaw), ou seja, um ano e meio depois da Revolução de Fevereiro de 1917 e um ano depois da tomada do poder pelos bolcheviques e que só foi publicada postumamente, pela primeira vez, em 1922, pelo seu companheiro de partido Paul Levi. Na RDA, “A revolução russa” só veio a público em 1975, acompanhada das habituais referências aos “erros” supostamente nela contidos, e mesmo em Moscou somente em 1990. Só quando a esquerda entender, com Luxemburgo, que, em última análise, o socialismo real fracassou por causa da falta de liberdade e democracia já no início, terá ela uma chance de sair da defensiva em que se encontra há décadas.

Pelo menos tão importante quanto o conteúdo, que em muitos artigos de Luxemburgo tem apenas interesse histórico, é seu método. Frigga Haug defende que com ela “...se aprenda como estudar os acontecimentos mundiais, como os relata, com que métodos decompõe os eventos, como liga as doutrinas com as ideias comuns da população e, assim, como ela encoraja a pensar criticamente com a própria cabeça. Por isso, devemos analisar seu método de exposição, de educação popular e de agitação”.

Nesta linha, se poderiam estabelecer conexões produtivas entre as suas ponderações em “Greve de massas, partido e sindicatos”, sobre os acontecimentos da primeira Revolução Russa de 1905, e as jornadas de junho de 2013, no Brasil. Como se apresentam hoje as relações entre partidos, sindicatos e movimentos de massa? Tere-mos que pensar em formas criativas de reconstruí-las, reempode-rando as bases?

Seria igualmente um exercício ocioso, segundo Haug, examinar se Rosa Luxemburgo poderia ser chamada de feminista; em vez dis-so, deveríamos examinar se dos seus escritos de combate pelos direi-tos humanos em geral haveria algo a obter para a emancipação das mulheres. O mesmo se aplica a outras questões, como o seu amor pela natureza, mas lendo as cartas “Segredos de um pátio de prisão”, publicada aqui pela primeira vez em português, e a clássica “Meu pobre búfalo, meu pobre irmão querido...”, não é descabido imaginar Rosa como cúmplice das lutas socioambientais do século XXI...

*

Para nós, do escritório regional da Fundação Rosa Luxemburgo no Brasil e Cone Sul, é, ao mesmo tempo, uma honra e um com-promisso trabalhar em nome da grande socialista. Desde São Paulo e Buenos Aires construímos com nossos parceiros no Brasil, Para-guai, Uruguai, Argentina e Chile projetos de formação política e apoiamos a resistência de muitas pessoas contra o modelo preda-tório capitalista e extrativista. Nesse sentido, não se trata apenas de um compromisso com o socialismo democrático e os direitos hu-manos, mas também com os direitos da natureza. Nós acreditamos que a luta contra a destruição dos fundamentos da vida contém o potencial para aquelas alianças sociais amplas que são necessárias para mostrar de novo limites ao modelo econômico capitalista, se não mesmo para superá-lo.

A Fundação Rosa Luxemburgo, próxima do partido alemão *Die Linke* (A Esquerda), foi fundada em 1990. Como um dos

18 escritórios criados fora da Alemanha, nos vemos na tradição internacionalista de Rosa Luxemburgo, numa rota de equilíbrio nem sempre fácil entre a adaptação social-democrata ao sistema e os dogmatismos da velha esquerda. Pode-se saber mais do nosso trabalho – e dos nossos parceiros – consultando nossa página na web rosaluxspba.org.

Last but not least, um agradecimento: Isabel Loureiro, que há décadas divulga a obra de Rosa Luxemburgo no Brasil como ninguém mais, recentemente com uma maravilhosa edição em três volumes de escritos escolhidos³, também esteve significativamente envolvida neste livro: autora, tradutora, revisora e presença inspiradora – como tantas vezes desde que a Fundação Rosa Luxemburgo abriu seu escritório regional em São Paulo, em 2003.

Em inúmeras publicações e seminários, quer na Escola Nacional Florestan Fernandes em Guararema, quer na sede da Fundação no bairro paulistano de Pinheiros, a filósofa falou sobre a vida, a obra e a atualidade de Rosa. Desde 2009, a maior sala de seminários da escola do MST tem o nome de Rosa Luxemburgo, da pensadora e militante avessa a todo dogmatismo, e o curso de dez semanas que Isabel Loureiro ministrou em 2013 em São Paulo foi um dos destaques dos últimos anos. Obrigado, Bel!

³ Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos e cartas*, São Paulo: Editora UNESP, 2011.

Socialismo e liberdade

Prefácio por Michael Löwy

Ótima a iniciativa de Isabel Loureiro e da Fundação Rosa Luxemburgo de traduzir para o português este livro, que contém seis documentos preciosos da revolucionária judia polonês-alemã, além de uma bela introdução de Jörn Schütrumpf – nome impronunciável no Brasil, mas não faz mal –, que apresenta os principais momentos da vida e obra de Rosa Luxemburgo, e interessantes comentários sobre sua atualidade; entre parênteses, só discordo de suas críticas à opção revolucionária de Rosa Luxemburgo... O livro também contém opiniões de diversos amigos, discípulos ou adversários. Uma delas, do crítico literário alemão Walter Jens, me parece muito justa: a humanidade de nossa sociedade será medida pelo grau com que se honrar a herança de Rosa Luxemburgo.

O primeiro texto de Rosa Luxemburgo, *No albergue*, de 1912, é uma maravilhosa ilustração de seu talento literário como polemista, colocando sua ironia acerba e seu brilhante sarcasmo a serviço do protesto contra a barbárie capitalista. Além do mais, é um escrito de uma incrível atualidade no Brasil de hoje: basta substituir Berlim por São Paulo, Karl Melchior por Pedro da Silva, e o Imperador Guilherme II pelo governador do estado... Muitas coisas mudaram no mundo desde 1912, menos a lucidez do diagnóstico da doutora Rosa Luxemburgo: o micróbio que matou os pobres do asilo se chama ordem social capitalista.

O documento seguinte é uma carta da prisão, de dezembro de 1917, à sua amiga Sonia Liebknecht. As cartas de Rosa Luxemburgo, que testemunham seu caráter íntegro, sua ternura e sua sensibilidade ética, são um aspecto essencial de sua obra. Lembro-me de que o primeiro escrito dela que conheci foi uma velha edição das *Cartas da prisão*, de meados dos anos 1920, que minha mãe trouxe de

Viena quando emigrou para o Brasil: toda uma geração de jovens de esquerda na Europa se educou lendo essas cartas. Aquela que aqui se publica tem também uma dimensão profética: as próximas perseguições contra os judeus não virão mais da Rússia, mas da Alemanha, escrevia ela; claro, pensava em *pogroms*, massacres locais, não podia imaginar o extermínio em escala industrial.

O escrito a seguir é a famosa brochura sobre a Revolução Russa, escrita na prisão em 1918; sem deixar de se solidarizar com os revolucionários russos, ela formula sua crítica, radical, incisiva e profundamente lúcida aos erros dos dirigentes bolcheviques: não pode haver socialismo, insistia Rosa Luxemburgo, sem liberdade de expressão e de organização, democracia, sufrágio universal. Lembro-me ainda do entusiasmo, do fervor mesmo com que liamos esse precioso escrito, quando participei, por volta de 1956, em São Paulo, da fundação de um pequeno grupo *luxemburguista*, com amigos e companheiros de grande valor como Paul Singer, os irmãos Eder e Emir Sader, Maurício Tragtenberg, Herminio Sacchetta, os advogados Renato Caldas e Luis Carvalho Pinto. Nosso local, na Avenida Brigadeiro Luís Antonio, tinha dois metros quadrados, mas era decorado por um belo retrato de nossa inspiradora. Estou convencido de que essa brochura de 1918 é um dos textos indispensáveis não só para a compreensão do passado, mas também, e sobretudo, para uma refundação do socialismo (ou do comunismo) no século XXI.

Esta segunda edição traz três textos novos de Rosa Luxemburgo: um artigo sobre a tática da revolução, publicado no calor da batalha (março de 1906) no jornal *Bandeira Vermelha*, órgão de seu partido polonês; uma impressionante *Carta aberta aos amigos políticos* (06.01.1917), sobre a crise da social-democracia; e uma carta da prisão onde mais uma vez se manifesta sua intensa relação com a natureza.

Claro, existem muitos outros escritos importantes de Rosa Luxemburgo, sobre o internacionalismo, a relação entre reforma e revolução, a acumulação do capital, o comunismo primitivo ou a greve de massas. Gostaria de lembrar apenas um, o folheto intitulado

A crise da social-democracia, escrito na prisão em 1915 e assinado com o pseudônimo “Junius”. É ali que aparece uma fórmula crucial para a concepção marxista da história: “Socialismo ou barbárie”. Isto é: a história é um processo aberto, em que o assim chamado “fator subjetivo” – consciência, organização, iniciativa – dos oprimidos torna-se decisivo. Não se trata mais de esperar que o fruto “amadureça”, segundo as “leis naturais da economia”, mas de agir antes que seja tarde demais, antes que a barbárie triunfe. Com essa formulação, Rosa Luxemburgo não se referia a um passado tribal ou primitivo, mas às formas modernas da barbárie, como a própria I Guerra Mundial, muito pior, em sua desumanidade mortífera, do que as práticas guerreiras dos conquistadores “bárbaros” do Império Romano.

Não por acaso Rosa Luxemburgo é, como lembra o organizador deste volume, ao lado de Che Guevara e Antonio Gramsci (eu acrescentaria Leon Trotsky), uma das poucas figuras do movimento socialista/comunista do século XX que ainda sobrevivem na consciência e nas lutas do novo século que começa. Seu pensamento, associando inseparavelmente socialismo e liberdade, democracia e revolução, interessará também aqui no Brasil a todos aqueles obstinados que não se converteram à religião neoliberal, a todos aqueles teimosos que ainda acreditam que vale a pena lutar por um mundo diferente. Que a força de Rosa Luxemburgo esteja com eles!

São Paulo, 10 de novembro de 2014.

Vida e obra de Rosa Luxemburgo





“O comunismo [...] que o diabo carregue a sua prática, mas que Deus o conserve como constante ameaça sobre a cabeça daqueles que possuem propriedades [...]. Que Deus o conserve para que essa corja, a quem a insolência faz perder a cabeça, não se torne ainda mais insolente, para que a sociedade dos únicos que têm direito ao prazer [...] pelo menos também vá para a cama com pesadelos! Para que ao menos percam a vontade de pregar moral às suas vítimas e a disposição de fazer piadas sobre elas.”

Karl Kraus, 1920

“Naquela época [janeiro de 1919], participei de um comício no qual Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo falaram. Fiquei com a impressão de que eram os líderes intelectuais da revolução e decidi mandar matá-los. Por ordem minha os dois foram capturados. Era preciso tomar a decisão de rejeitar o ponto de vista do direito [...]. A decisão de eliminar os dois não foi fácil para mim [...]. Ademais, também defendendo a ideia de que essa decisão, inclusive do ponto de vista moral e teológico, é totalmente justificável.”

Capitão Waldemar Pabst, 1962

Entre o amor e a cólera

Por Jörn Schütrumpf

LEMBRANÇA PARA O FUTURO⁴

*Liberdade é sempre a liberdade
de quem pensa de modo diferente.*

Rosa Luxemburgo

A esquerda política só raras vezes soube apresentar suas ideias abstratas de liberdade e emancipação a respeito do indivíduo e da sociedade de modo compreensível e, sobretudo, atraente para as pessoas menos cultivadas. Ela procurou frequentemente compensar essa lacuna evocando, como testemunho de suas intenções, aqueles que, em um passado remoto, combateram pela liberdade. Eram lembrados Espártaco,^{*} os irmãos Graco, Thomas Müntzer, Tommaso Campanella, Jacques Roux, Graco Babeuf, Charles Fourier, Robert Owen, Friedrich Engels, Mikhail Bakunin, Ferdinand Lassalle e Piotr Kropotkin. Mais tarde, também foram escolhidas figuras contemporâneas: August Bebel, Clara Zetkin, Vladimir Ilich Lenin, Augusto Sandino, Karl Liebknecht, Leon Trotsky, Josef Stalin, Mao Tse-tung, Patrice Lumumba, Ho Chi Minh, Frantz Fanon... Mas hoje em dia, em qualquer lugar do mundo onde haja manifestações, de todos eles pouco se vê.

Com algumas exceções. Um deles, quase sempre incluído, que paira acima de todos e que, por isso, deixa frequentemente de ser mencionado, é um judeu alemão da cidade de Tréveris: Karl Marx. A seu lado encontram-se somente três pessoas, cujas imagens são mostradas por quase todo lado: a de uma judia polonesa, assassinada na Alemanha,

⁴ Tradução de todo o capítulo: Isabel Loureiro.

^{*} Os dados biográficos da maioria das pessoas mencionadas encontram-se no apêndice.

a de um argentino que, em 1967, caiu nas garras de seus assassinos na Bolívia, assim como a de um italiano que, em 1937, depois de muitos anos de cárcere, foi libertado pelos fascistas para morrer: Rosa Luxemburgo, Ernesto Che Guevara e Antonio Gramsci. Todos os três – coisa rara – mantiveram-se fiéis à unidade entre palavra e ação. Todos os três também se mantiveram fiéis ao pensamento independente, que não se submetia a nenhuma doutrina, a nenhum aparelho. E todos os três pagaram com a vida por suas convicções, tendo sido levados à morte não por adversários do próprio campo, mas pelos do campo inimigo, o que no século XX não era de forma alguma uma evidência.

Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci ainda tinham algo mais em comum: nunca precisaram exercer o poder de Estado nem manchar o nome participando de um regime ditatorial ou mesmo totalitário. A social-democrata e cofundadora do Partido Comunista Alemão Rosa Luxemburgo foi poupada da ascensão de Stalin; em janeiro de 1919, foi espancada e coronhada e por fim, como ainda vivia, levou um tiro. O social-democrata e cofundador do Partido Comunista Italiano Antonio Gramsci ficou encarcerado em sua terra natal de 1928 a 1934, quando, gravemente enfermo, foi libertado, vindo a falecer em 1937. Somente Ernesto Che Guevara foi, por um breve período, uma liderança política no governo da Cuba revolucionária, mas ali o guerrilheiro não aguentou por muito tempo.

Ainda hoje, Che Guevara dá asas à imaginação da juventude; Gramsci, há décadas, impressiona, sobretudo, os intelectuais; de Rosa Luxemburgo, no entanto, a mais complexa dos três, a maioria conhece apenas o nome e o destino, mas não o pensamento e a obra, e, na maioria das vezes, só como caricatura.

As linhas a seguir pretendem neutralizar um pouco essa situação. Elas querem despertar o interesse pela obra e pela mulher, uma das pessoas mais extraordinárias da esquerda europeia. Uma mulher que recusava privilégios pelo fato de ser mulher, pois sabia que esse tipo de comportamento só visava a legitimar a recusa da igualdade de direitos. Uma pensadora que aspirava à igualdade com liberdade e solidariedade, sem que uma fosse subordinada à outra.

O século XX, carregado de crimes e assassinatos, traições e torturas, aflige como um pesadelo a esquerda política. Ela só poderá se libertar se conseguir reencontrar as virtudes de outrora, aquelas cujo sentido foi usurpado nos porões da tortura e nos congressos partidários: honestidade perante as próprias ações, no passado e no presente; sinceridade do próprio pensamento, mesmo quando é incômoda; e também lealdade, inclusive com o adversário. Fraudes podem construir ditaduras, mas não encorajam ninguém a emancipar-se da exploração e da opressão. Por tudo isso que foi reprimido durante décadas existe o nome desta mulher: Rosa Luxemburgo.

JUDIA, POLONESA, EUROPEIA – REVOLUCIONÁRIA

Sua humanidade estava profundamente enraizada no humanismo de pensadores anteriores que influenciaram de forma permanente a cultura europeia. Ao estudar a história, a literatura e a arte de povos e nações de outros continentes, ela obteve... Inspiração.

Sua determinação ao agir e sua capacidade de compreender analiticamente novos desenvolvimentos e fenômenos sociais, e de responder a novas perguntas de maneira não dogmática, desenvolveram-se à medida que aumentavam suas experiências no movimento operário organizado em torno da social-democracia.

Annelies Laschitza

Durante a Revolução Russa de 1905-1907, Rosa Luxemburgo, que viajara às pressas da Alemanha para a sua Polônia natal, caiu em 1906 nas garras da polícia de Varsóvia. Naquela época, a Polônia não era um Estado independente, mas estava dividida entre três impérios: o da Rússia, o da Alemanha prussiana e o da Áustria. Varsóvia, a capital da Polônia, pertencia ao gigantesco Império Russo, onde o regime dos tsares, com sua polícia secreta, sua burocracia corrupta e seu terror policial, se mantinha com dificuldade no poder. Nas condições do tsa-

risso, uma prisão por motivos políticos significava o maior risco para a integridade física e a vida. Por essa razão, os amigos poloneses mais íntimos de Rosa Luxemburgo não só coletaram dinheiro para a fiança e o suborno de um alto oficial, como também fizeram circular a ameaça de que a vida de um alto funcionário russo correria perigo se tocassem em um só fio de cabelo de sua amiga. Pouco tempo depois, ela foi libertada e viajou para a Finlândia que, naquela época, também pertencia ao Império Russo, escapando dali para a Alemanha, o centro de sua vida. Ela nunca voltaria a ver Varsóvia, cidade de sua infância e juventude.

Durante muitos anos, Rosa Luxemburgo levou uma dupla vida política: era membro do Partido Social-Democrata da Alemanha, o SPD, e cofundadora da Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia, o SDKPiL – hoje quase esquecido –, sobre o qual praticamente ninguém na social-democracia alemã sabia algo preciso. Chegou à Alemanha depois de uma estada na Suíça, na época o país mais livre do mundo, onde desde 1880 as mulheres podiam frequentar a universidade. Rosa Luxemburgo apresentou-se às autoridades alemãs como Rosalia Lübeck. Por meio de um casamento de fachada com um alemão filho de emigrantes, que durou de 1898 até 1903, a economista de 27 anos, com um doutorado recém-obtido em Zurique em 1898, adquiriu a cidadania prussiana.

Na Polônia russa, a pessoas como ela estava reservado o desterro na Sibéria, ao passo que na Alemanha atuava legalmente, desde 1890, o maior de todos os partidos operários social-democratas, que, entre outras coisas, podia recordar a luta ilegal de doze anos contra sua proibição sob a famigerada lei contra os socialistas,⁵ além de muitos triunfos eleitorais. O que podia ser mais atraente para uma socialista polonesa do que se mudar para a Alemanha imperial prussiana, que, em suas regiões do Leste, dispunha

⁵ Lei contra os socialistas: “Lei contra as aspirações da social-democracia, que representam um perigo público” (1878); por iniciativa de Bismarck, proibição da social-democracia, de sua imprensa e literatura; somente os mandatos no Reichstag [Parlamento Federal] permaneceram intocados. Ao terror judicial (cerca de mil anos de pena de prisão, no total para todos os condenados) Bismarck acrescentou reformas sociais (“pão doce e chicote”). Mas, como a social-democracia era a expressão política do movimento operário, e a lei contra os socialistas era a autoconsciência do operariado, fortalecendo assim a social-democracia em vez de enfraquecê-la, a lei não foi prorrogada em 1890. O SPD tornou-se a seguir, no plano internacional, o partido socialista mais forte e influente, um modelo para os partidos de outros países.

de um território polonês anexado? Tanto mais que dominava melhor a língua alemã falada e escrita do que a maioria dos alemães? (Para não falar dos outros idiomas que conhecia: polonês, russo, francês, italiano e inglês.)

No SPD, a jovem tornou-se rapidamente conhecida. Pertencia à ala esquerda do partido e rapidamente tornou-se sua porta-voz. No movimento operário alemão, Rosa Luxemburgo era amada ou odiada, e não fazia a vida fácil nem sequer a seus admiradores. Mas sua pátria política continuou sendo o SDKPiL. Esse pequeno partido havia se separado em 1893 do Partido Socialista Polonês (PPS), fundado um ano antes; no começo, chamava-se Social-Democracia do Reino da Polônia (SDKP); mais tarde, quando a esquerda lituana entrou no partido, sob a direção do aristocrata polonês Feliks Dzierzynski, passou a chamar-se Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia. O conflito com a maioria dentro do PPS havia começado com a questão de um Estado polonês independente. O círculo de amigos a que pertencia Rosa Luxemburgo considerava ilusório o restabelecimento de um Estado polonês independente, uma vez que a integração econômica ao mercado russo estava muito avançada. Nem o proletariado industrial nem a burguesia na Polônia russa poderiam sustentar tal ideia. Tornar-se independente do superpoderoso Estado russo seria irrealista e representaria, além disso, uma ameaça à existência da indústria polonesa, profundamente integrada ao mercado russo, principal destino de sua produção. Rosa Luxemburgo havia exposto minuciosamente, em sua dissertação sobre o desenvolvimento industrial da Polônia, “que os mercados russos constituem o verdadeiro motor do atual desenvolvimento da grande indústria da Polônia”⁶

Além disso, Rosa Luxemburgo e seus amigos temiam que uma orientação no sentido da independência polonesa desviasse as forças anticapitalistas da luta contra a opressão e a exploração e as levasse a fragmentar-se. Sem falar que, para esses filhos da ilustração

⁶ Rosa Luxemburgo, *Die industrielle Entwicklung Polens*. Inaugural-Dissertation (1897). In: Rosa Luxemburgo, *Gesammelte Werke [Obras Reunidas]*, vol. 1.1, p. 147.

européia, que só pensavam em termos de humanidade e não de nações, todo nacionalismo parecia obtuso e inculto.

Por mais corretas que fossem todas essas análises e avaliações, por mais simpática que fosse a atitude daí resultante e justificado o temor diante do nacionalismo polonês, essa posição não era menos irrealista. Em quase todos os Estados europeus, na passagem do século XIX para o XX, a instigação intencional do nacionalismo desembocou em chauvinismo e xenofobia. O veneno do nacionalismo, que isenta o indivíduo de toda responsabilidade para com a sociedade e que, como nenhum outro, esconde a dominação burguesa sob uma suave névoa de agradável *autodesempoderamento*, era o adversário mais poderoso do grupo em torno de Rosa Luxemburgo – pois era internacional e formava a verdadeira Internacional, a Internacional do nacionalismo. Em última análise, a atitude de Rosa Luxemburgo e de seus amigos a respeito da questão polonesa levou ao isolamento da esquerda internacionalista na Polônia, do qual nunca mais conseguiu se libertar. Talvez também por essa razão Rosa Luxemburgo esteja, hoje, relegada ao esquecimento de grande parte da esfera pública polonesa.

Embora Rosa Luxemburgo e seus amigos tenham fracassado no que se refere à questão nacional – como, aliás, acontece até hoje com a esquerda por toda parte –, sua aversão ao nacionalismo abriu caminho para “derrubar toda situação em que o homem é um ser degradado, subjugado, abandonado, desprezível”.⁷ Antes da I Guerra Mundial existia na social-democracia europeia um consenso sobre a ideia de que só se poderiam eliminar as injustiças sociais, comuns no capitalismo, com a abolição do capitalismo. Porém, na política prática, os dirigentes da social-democracia europeia tinham em vista o próprio fortalecimento, que acreditavam ser possível alcançar no futuro – como até então – através de um aumento crescente dos correligionários: mais trabalhadores sindicalizados, mais inscritos no partido,

⁷ Cf. Karl Marx, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie [Para a crítica da filosofia do direito de Hegel]*. In: Karl Marx, Friedrich Engels, *Werke* (doravante MEW), vol. 1, p. 385.

mais cadeiras no Parlamento. A isso se acrescentava um número cada vez maior de “organizações de base” proletárias, supostamente cada vez mais fortes – de cooperativas de consumo a caixas de poupança para a construção de moradias, de comunidades religiosas independentes, responsáveis pela confirmação laica dos jovens, até funerárias e a Liga dos Abstêmios. O todo funcionava, sobretudo, no mesmo meio onde viviam os trabalhadores atingidos pelas mesmas preocupações, pelos mesmos problemas.

Somente dois pequenos partidos entendiam a política prática como algo diferente – como um trabalho incessante para abolir o capitalismo. Eram os bolcheviques russos⁸ em torno de Lenin e o SDKPiL em torno de Rosa Luxemburgo e de seus amigos. Contudo, os políticos ao redor de Lenin defendiam um partido de luta, com uma rígida organização hierárquica de tipo militar, enquanto os líderes intelectuais do SDKPiL almejavam um partido que deveria tornar os trabalhadores capazes de agir autonomamente contra o capitalismo. Ambos, porém, compartilhavam a profunda convicção de que o capitalismo levaria a humanidade à catástrofe e que, portanto, precisava ser completamente abolido.

⁸ Bolcheviques – bolchevismo; mencheviques – menchevismo, semimenchevismo: em 1903, no Segundo Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo (SDAPR), os partidários de Lenin e de seu jornal *Iskra [A Centelha]*, a favor de um “partido de novo tipo” de revolucionários profissionais, rigidamente organizado e centralizado, conseguiram a maioria (em russo, *bolschinstwo*) na eleição para o órgão dirigente do partido; as forças que queriam organizar o partido segundo padrões social-democratas tradicionais ficaram em minoria (em russo, *menschistwo*). Desde então, os partidários de Lenin chamaram-se bolcheviques, embora posteriormente, na maior parte do tempo, tivessem ficado em minoria no SDAPR. Em 1912, bolcheviques e mencheviques finalmente se separaram em dois partidos independentes e inimigos. Enquanto em 1914 os bolcheviques, tal como Rosa Luxemburgo e seus amigos, se opuseram à guerra, os mencheviques, assim como a maioria do SPD, deram-lhe seu apoio. Na revolução de fevereiro de 1917, quando um governo burguês substituiu o tsarismo, os mencheviques apoiaram a repressão aos bolcheviques; depois da revolução de outubro de 1917, os bolcheviques perseguiram, de maneira cada vez mais radical, os mencheviques. Bolchevismo designava a política dos bolcheviques; ser caracterizado como menchevique ou partidário do menchevismo representava um estigma quase insuperável, que levava, no mínimo, a golpes baixos e perseguições. Essa caracterização, em pouco tempo, passou a ser empregada não só para os verdadeiros mencheviques, mas para todos os que entravam em conflito com a “linha” dos bolcheviques. Stalin, ao classificar as ideias de Rosa Luxemburgo como “semimenchevismo” (1931, ver p. 52 ss.), impossibilitou a todos os partidários da Internacional Comunista (ver p. 53) ter uma relação positiva com ela. Como “deuses” ao lado de Stalin só restaram Marx, Engels e Lenin – emblematicamente utilizados durante o stalinismo em todo o mundo pelos partidos fiéis a Moscou.

Assim não foi por acaso que, depois da I Guerra Mundial, muitos dirigentes, não só do Partido Comunista Polonês, como também dos bolcheviques russos e do jovem Partido Comunista Alemão (KPD), fossem recrutados no pequeno SDKPiL. Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches, cérebro organizador do KPD e seu companheiro durante quinze anos, morreram em 1919 nas mãos da contrarrevolução alemã; outros antigos membros do SDKPiL morreram durante o Terror stalinista, entre eles, em 1937, toda a liderança do Partido Comunista Polonês – mais de duas mil pessoas.

Em termos organizativos, o SDKPiL era algo extraordinário. Nele uniram-se pessoas da mesma idade, com antecedentes sociais e culturais semelhantes. Muitos provinham do grupo de judeus assimilados da burguesia culta da Polônia, que haviam fugido para estudar no exterior; entre eles, certa Róza Luksenburg, jovem de pequena estatura, que nascera em 1871 na cidadezinha de Zamość e crescera na metrópole de Varsóvia. O SDKPiL não funcionava como um partido “normal” de trabalhadores e sim como um *peer group*: um grupo de iguais que não só perseguia um projeto político comum como também cultivava em seu interior estreitas relações pessoais. Cada um era aceito com suas forças e fraquezas, cada um podia confiar no outro. Aqui, Rosa Luxemburgo estava em casa. Foram essas as pessoas que em 1906 protegeram a vida de Rosa Luxemburgo na prisão tsarista – com a ameaça do terror, embora o rejeitassem e na realidade nem uma única vez o tivessem utilizado.

DO MARXISMO A MARX

Nosso “marxismo” dominante teme infelizmente dar asas ao pensamento como se fosse um velho tio artrítico.

Rosa Luxemburgo, 1913

*Esses marxistas profundos
esqueceram o abc do socialismo.*

Rosa Luxemburgo, 1918

Leo Jogiches – quatro anos mais velho que Rosa Luxemburgo –, filho de uma abastada família judia de Vilna, já tinha atrás de si anos de trabalho conspirativo na Lituânia e alguns anos de prisão; além disso, havia desertado do exército russo. Jogiches conheceu Rosa Luxemburgo como estudante de zoologia, mas levou-a rapidamente para a economia política e a política. Ele não só se tornou o mentor de Rosa Luxemburgo nas questões do socialismo como, também, seu primeiro companheiro. Quando seu relacionamento privado, que nunca foi fácil, terminou, por volta de 1907, eles continuaram estreitamente ligados, não só politicamente – mesmo quando Rosa Luxemburgo conseguiu um revólver para manter à distância o repudiado, que ameaçava matar os dois. Embora muito culto, Jogiches não era escritor nem teórico, e sim um ativista revolucionário que tinha não só autoridade como também autoritarismo – algo que especialmente na juventude lhe granjeou, junto com o respeito, algumas inimizades que duraram a vida toda. Com apenas 19 anos, Jogiches dominava o repertório do conspirador solitário: da agitação ilegal, passando pela produção de documentos falsos e pelo contrabando para o exterior de pessoas em risco, até greves, que organizava sozinho. Em 1887, os responsáveis pelo atentado contra o tsar russo Alexandre III, vendo-se em apuros, dirigiram-se ao rapaz de 20 anos pedindo-lhe que levasse para fora do país duas pessoas perseguidas – o que Jogiches cumpriu de modo rotineiro. Trinta anos depois, durante a I Guerra Mundial, era responsável pela organização da luta clandestina do

Grupo Spartakus⁹ contra o genocídio; também ele foi vítima de mãos assassinas, dois meses depois de Rosa Luxemburgo, em março de 1919, em uma cela da prisão de Moabit, em Berlim, onde se encontrava em detenção provisória.

A relação política entre Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches era simbiótica. Os estudos na Universidade de Zurique e também nos diversos círculos de refugiados na Suíça fizeram de Rosa Luxemburgo, em poucos anos, uma marxista extraordinariamente culta. Ela era não só a teórica – no pensamento da época, “o teórico” – do SDKPiL como também dispunha de fato das capacidades teóricas de uma pesquisadora arguta, postas à prova mais tarde em sua original teoria da acumulação (1913). Contudo, ela nutria pouco interesse pela teoria em si. Já no final dos estudos universitários, escrevia e publicava muito, mas na maior parte das vezes tratava-se de jornalismo político – destinado à ação, não à teoria. Ela queria agir, transformar, instigar. Porém, durante muitos anos, as questões políticas principais não foram determinadas por ela e sim por Leo Jogiches, que muitas vezes se exprimia através de Rosa Luxemburgo; sem ela, Jogiches, cuja língua materna era o russo, teria permanecido frequentemente sem fala, já que lhe faltavam paciência e habilidade para se exprimir por meio da escrita – ainda por cima em polonês ou alemão, embora dominasse bem as duas línguas no uso diário.

Em Zurique, Rosa Luxemburgo tornou-se marxista – no início, não completamente livre de traços ortodoxos. No entanto, nunca correu o risco de acabar em uma torre de marfim. Foi salva por seu espírito e por seu temperamento inquietos, ambos alimentados por uma avidez insaciável pela vida. Em seus trabalhos escritos, descobriu cedo a forma de expressão adequada para salvar-se: a polêmica. À distância de cem anos, pode-se dizer que Rosa Luxemburgo entrou na literatura mundial

⁹ Grupo Spartakus: fundado em 2 de janeiro de 1915 como Grupo Internacional, pela iniciativa de Rosa Luxemburgo e do historiador do movimento operário Franz Mehring, em protesto contra a adesão do SPD à guerra; pouco depois, o nome mudou para Grupo Spartakus, a partir das *Cartas de Spartakus* publicadas pelo Grupo Internacional. Em virtude do trabalho de propaganda clandestino contra a guerra, os membros do Grupo Spartakus foram sistematicamente perseguidos e suas lideranças, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, postas na prisão. Em 9 de novembro de 1918, mudou de nome para Liga Spartakus, independente no plano organizativo; o Grupo Spartakus, junto com os Comunistas Internacionais Alemães, foi o embrião organizativo e político do Partido Comunista Alemão, fundado na véspera do ano-novo de 1918, cuja direção foi assumida pela liderança da Liga Spartakus.

como uma de suas mais brilhantes polemistas. Na sua época, praticamente ninguém lhe chegava aos pés. Graças ao viés polêmico, seus artigos, escritos na maior parte para seus contemporâneos, conservam frequentemente um frescor inacreditável. O que Kurt Tucholsky alcançou na sátira política do século XX Rosa Luxemburgo conseguiu, com mão aparentemente mais leve, mas muito disciplinada, na polêmica política.

Não é de surpreender que muitos de seus adversários a considerassem insuportável e, conseqüentemente, a acusassem; sobretudo aqueles que não eram capazes de suportar sua pena afiada e, especialmente nos congressos do SPD, sua língua mordaz. Alguns, no entanto, não limitavam sua vingança às acusações de mulher briguenta, e procuravam humilhá-la abertamente. É verdade que a natureza não foi generosa com Rosa Luxemburgo: um metro e cinquenta de altura, cabeça desproporcionalmente grande, nariz volumoso e um problema no quadril, que quase sempre conseguia disfarçar, ofereciam aos espíritos simples, que nunca faltaram na social-democracia, a possibilidade de compensar a própria inferioridade com caçoadas baratas. Rosa Luxemburgo, que sem dúvida sofria com tudo isso, se protegia na medida do possível com a autoironia. Ela justificava sua preferência por empregadas altas e fortes – há cem anos, as tarefas domésticas exigiam o trabalho de um dia inteiro – dizendo temer que os visitantes tivessem a impressão de ter chegado a uma casa de anões.

Igualmente, no que se referia aos homens, preferia aqueles não só de elevada estatura intelectual, mas também física. Contudo, ela era mais desejada do que desejava. Em uma foto de grupo tirada durante uma reunião do *bureau* da Segunda Internacional¹⁰ (1907), aparecia uma radiante Rosa Luxemburgo no centro, rodeada de dezenas de homens, na maioria mais velhos, uma imagem de brilho raro. Os homens mais novos também ficavam fascinados por ela.

¹⁰ Segunda Internacional: organização internacional dos partidos e sindicatos socialistas (1889-1914), que deveria coordenar as ações políticas e econômicas entre seus membros. As resoluções eram adotadas nos congressos internacionais realizados regularmente; entre os congressos, era dirigida por um Bureau Socialista Internacional, no qual Rosa Luxemburgo representava a Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia (SDKPiL). No começo da I Guerra Mundial, as lideranças de todos os partidos traíram os juramentos de paz adotados por décadas, tornando-se “defensoras da pátria” que açulavam os trabalhadores de todos os países uns contra os outros.

Com exceção de Leo Jogiches, todos os seus amigos eram mais novos que ela: Costia Zetkin (1885-1980), filho de Clara Zetkin, 14 anos; Paul Levi (1883-1930), 12 anos; e o médico Hans Diefenbach (1884-1917), que morreu durante a I Guerra Mundial, 13 anos. (Diefenbach tinha-se consagrado aos detentos em prisão preventiva e por isso – como muitos insubordinados políticos, em particular ativistas do Grupo Spartakus – foi enviado às primeiras linhas do *front*, onde durante um ataque foi dilacerado por uma granada francesa.) Em público – antes de seu casamento “de fachada”, nunca se casara nem tivera filhos –, Rosa Luxemburgo era geralmente muito reservada sobre sua vida privada. Na hipócrita Alemanha guilhermina, uma mulher viajando sozinha era considerada indecente – ainda mais quando se comportava como Rosa Luxemburgo.

A dupla moral dominante a levava a não exprimir publicamente todas as suas opiniões: “Seja dito de passagem da senhora von Stein, com todo o respeito por suas folhas de hera: que Deus me castigue, mas era uma idiota. Quando Goethe a mandou passear, ela se comportou como uma tagarela venenosa; continuo acreditando que o caráter de uma mulher não se mostra quando o amor começa, e sim quando ele acaba”.¹¹

Sua relação com Paul Levi, conhecida apenas em 1983, muitas décadas depois da morte de ambos – quando a família dele tornou pública a correspondência com Rosa Luxemburgo –, mostra o quanto ela era obrigada a ser “discreta”. Levi, pouco antes da I Guerra Mundial, foi seu advogado no processo que sofreu em Frankfurt por incitação à desobediência; em 1919, tornou-se seu sucessor na direção do KPD. Em 1914, uniu-os uma breve, porém intensa, relação amorosa; a amizade e a confiança mantiveram-se até a morte dela. Paul Levi salvou sua obra póstuma e editou em 1922, sob forte hostilidade, *A Revolução Russa*, o trabalho mais citado e mais frequentemente mal-interpretado de Rosa Luxemburgo, que inclui o

¹¹ Carta a Mathilde Jacob de 9 de abril de 1915 [da prisão feminina da Barnimstrasse em Berlim]. In: Rosa Luxemburgo, *Cartas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p.198.

célebre imperativo categórico, evidentemente usado fora de contexto: “Liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente”.

“Cultivada”, segundo um de seus biógrafos, seria a palavra que caracteriza da maneira mais precisa sua posição perante a vida. “Suas relações pessoais eram tão claramente ordenadas quanto suas posses: cada um tinha seu lugar fixo e somente podia aproximar-se quando convidado, e, mesmo assim, apenas um passo. Mas sua relação com as pessoas não era rígida nem formal. Em seu círculo mais íntimo, despertava uma fidelidade e um devotamento que, se ela tivesse permitido, ter-se-ia convertido em uma espécie de amor.”¹²

No confronto político – e na crítica ao capitalismo –, Rosa Luxemburgo era impiedosa. No início, limitava-se a aplicar às questões contemporâneas o conhecimento marxista que havia adquirido. Ficou conhecida em 1899 com a brochura *Reforma social ou revolução?*, na qual buscava ajustar contas com um dos poucos discípulos pessoais de Friedrich Engels, Eduard Bernstein. Na época da lei contra os socialistas, Bernstein, a partir do exílio, havia dirigido a imprensa do país do qual estava distante, sendo considerado uma sumidade nas questões teóricas do socialismo. Porém, alguns meses depois da morte de Engels, começou renegar a interpretação teórica, amplamente difundida entre os socialistas, segundo a qual os problemas da sociedade fundada no modo de produção capitalista aumentariam sem cessar e que, conseqüentemente, essa sociedade deveria ser não só combatida, mas totalmente superada. Bernstein acreditava ver indícios que contradiziam essa interpretação: as oposições se enfraqueciam em vez de se fortalecerem e, assim sendo, era preferível a cooperação com a sociedade *capitalista-burguesa* ao confronto praticado até então.

Bernstein, no fim das contas, só dizia aquilo que pensavam muitos parlamentares social-democratas e, sobretudo, dirigentes sindicais, embora não o admitissem publicamente. Os dirigentes sindicais nunca se entusiasmaram seriamente com a ideia de uma

¹² J. P. Nettl, *Rosa Luxemburg*. Köln-Berlin, 1967, p. 42.

oposição fundamental porque, a seu ver, justamente em momentos de crise, como havia mostrado a lei contra os socialistas, ela punha em perigo a existência das organizações construídas arduamente – e, com isso, o poder dos próprios dirigentes sindicais.

Porém, mesmo naquele momento, apenas uns poucos ousavam apoiar abertamente Bernstein. Este, sem se dar conta das consequências, tinha cometido um grave sacrilégio. As reações dos “guardiões do templo”, em primeiro lugar do líder teórico do SPD, Karl Kautsky, foram evidentemente muito fortes. Até o período em que aconteceu o congresso do SPD, em 1903, ocorreu o chamado debate sobre o revisionismo¹³ no qual Rosa Luxemburgo ganhou claramente mais que um primeiro reconhecimento – ainda que, no tocante ao conteúdo, ela apenas resumisse conhecidas posições do marxismo. Os antagonismos no capitalismo aumentariam de tal forma que a humanidade cairia na barbárie. A tarefa do movimento operário consistia em fazer tudo para impedir que isso acontecesse. O socialismo era a salvação em face do declínio, donde a fórmula: “Socialismo ou barbárie”.

Os especialistas pensam que nenhum outro livro tenha entusiasmado maior número de pessoas pelo projeto de Marx de banir permanentemente da comunidade humana a exploração, a opressão e a guerra do que essa obra juvenil de Rosa Luxemburgo, *Reforma social ou revolução?*. Ainda hoje ela oferece, de forma estimulante, um bom panorama do marxismo originário – ou seja, daquele

¹³ Debate sobre o revisionismo, polémica sobre o revisionismo (1896-1903): desencadeado a partir da série de artigos de Eduard Bernstein na revista *Die Neue Zeit [O tempo novo]*, “Problemas do socialismo. Os próprios e os transmitidos”, em que caracterizava como utopismo os fundamentos teóricos nos quais a social-democracia baseava sua política, exigindo sua revisão. O socialismo não começaria só depois do colapso do capitalismo, mas cresceria por meio da pressão do movimento operário no interior da sociedade *capitalista-burguesa*. Era necessário afastar-se de todas as ilusões revolucionárias e exercer uma política puramente evolucionista. Rosa Luxemburgo, em contrapartida, defendia incisivamente uma política revolucionária. O congresso de Dresden do SPD, em 1903, adotou o ponto de vista dela e “encerrou” o debate. No entanto, depois de 1907, as ideias de Bernstein prevaleceram no essencial. Nem o caminho de Bernstein nem a posição revolucionária defendida por Rosa Luxemburgo no debate sobre o revisionismo levaram ao socialismo; historicamente, a polémica não teve vencedores. Em contrapartida, é provável que a ideia de *Realpolitik revolucionária* mais tarde desenvolvida por ela tenha partido desse debate.

marxismo que ainda não havia sido desfigurado, quer pelo velho Kautsky, quer por Stalin e seus adeptos, que o violentaram até torná-lo irreconhecível.

Com efeito, o próprio Marx havia rejeitado essa entidade, o “marxismo”, pensando ironicamente que se, contudo, algo desse gênero existisse, ele, Karl Marx, não seria marxista. Karl Kautsky, a outra autoridade nas questões teóricas do socialismo ao lado de Eduard Bernstein, esforçara-se, desde os anos 1880, com uma série de escritos, por popularizar e sistematizar o ideário de Karl Marx na área de língua alemã. Ao resultado disso chamou “marxismo”: um edifício de dogmas, esquemas argumentativos, deduções históricas e “fundamentações científicas”. Para cada nova questão que se apresentava, Karl Kautsky, o incansável empregado do partido para questões teóricas, tinha uma teoria própria à mão. Todos foram à escola de Kautsky: Lenin, Trotsky e Rosa Luxemburgo, assim como milhares de marxistas esquecidos há muito tempo.

Até o debate sobre o revisionismo, Kautsky havia sido o senhor indiscutível de qualquer forma de interpretação. A polêmica com Bernstein inclusive consolidou sua posição, pois o debate sobre o revisionismo, por decisão partidária, encerrou-se a seu favor. Com essa “solução”, o comitê executivo do SPD, ainda que contra a sua vontade, abriu uma caixa de Pandora: pela primeira vez em uma grande organização política – com exceção da Igreja católica – questões teóricas e visões de mundo eram levadas do campo do debate intelectual para a política e aí eram “decididas”; uma violação do espírito que, no decorrer do século XX, haveria de se tornar um processo “natural” no movimento comunista.

Mas, por enquanto, continuava a vigorar a ideia da superação do capitalismo e de todas as suas consequências. No entanto, o comitê executivo do SPD, composto pelos velhos lutadores da época da lei contra os socialistas, já não era tão revolucionário; ele atuava pragmaticamente. Além disso, o SPD conseguira algo bastante curioso: na Alemanha prussiana crescentemente imperialista, com seu militarismo, seu antisemitismo oculto, seu delírio colonialista e seu

fetichismo pelo uniforme, ele havia criado uma sociedade proletária, um *contramundo* com instituições próprias e assistência contra as inclemências da vida em geral, não somente da vida proletária.

O quarto estado, como era chamado por Theodor Fontane, romancista anterior à I Guerra Mundial – o proletariado, o operariado, a classe trabalhadora, como Karl Marx, entre outros, também o denominava –, tinha sido metralhado pela primeira vez durante a rebelião dos tecelões da Silésia em 1844. Quando o jovem Gerhard Hauptmann, meio século mais tarde, levou esse escândalo ao palco do Deutsches Theater [Teatro Alemão], em Berlim, o imperador renunciou a seu camarote. A Alemanha prussiana da época guilhermina¹⁴ resultava da fracassada Revolução de 1848; da guerra vitoriosa contra a Áustria, em 1866; e da reconstrução de que fora alvo em 1871, na sala dos espelhos de Versalhes, após vencer uma França que durante séculos, e apesar de muitas convulsões, foi todo-poderosa. Nesta Alemanha, o proletariado era considerado lixo.

Foi o jovem movimento operário alemão que, influenciado pelo judeu forçado ao exílio Karl Marx, e dirigido pelo grandiloquente judeu Ferdinand Lassalle, deu consciência ao proletariado pela primeira vez. Pessoas de origem judaica, que frequentemente haviam abandonado a religião, representavam, antes da I Guerra Mundial, um papel importante no movimento proletário alemão; o mesmo ocorreu nos primeiros anos do KPD (o qual, no entanto, nos últimos anos antes de sua destruição, se converteu voluntariamente e sem esforço, pelo menos no que se refere à sua bancada parlamentar, em um partido “livre de judeus”). Os desprezados na sociedade *capitalista-feudal* alemã, aqui trabalhadores, acolá filhos da burguesia judaica culta e assimilada, entre eles Eduard Bernstein e Karl Kautsky, tinham-se encontrado e criado uma nova força política.

¹⁴ Época guilhermina: período de reinado do imperador alemão Guilherme II (1888-1918). Caracterizado pela modernização na economia, na ciência e técnica, pelo reacionarismo e pelo militarismo na política interna, assim como por um imperialismo e um colonialismo agressivos. Ponto culminante de uma cultura pretensiosa, caracterizada por um historicismo exagerado e uma pomposidade encenada publicamente. Conduziu à ruptura civilizacional representada pela I Guerra Mundial.

Também na burguesia culta tradicional muitos judeus assimilados, como Albert Einstein e Stefan Zweig, eram bem-sucedidos, enquanto que, na virada do século, o apogeu da influência judaica sobre as elites econômicas já havia muito fora ultrapassado. Ao não conseguirem fugir da Alemanha, eles ou seus descendentes acabaram todos em Auschwitz ou em outros campos de extermínio. Foi o caso de Mathilde Jacob, a frequentemente subestimada “mão direita” de Rosa Luxemburgo, que já tinha sido embarcada no trem para Theresienstadt quando chegou o cheque que iria libertá-la das mãos dos nazistas e levá-la aos Estados Unidos.

Com o debate sobre o revisionismo, os oito membros do comitê executivo do SPD viam-se perante um problema difícil, do qual nem Karl Kautsky nem a muito jovem Rosa Luxemburgo, recém-entrada na política, tinham consciência. No entender desses oito, Eduard Bernstein, no fundo, tinha razão. No entanto, parecia-lhes perigoso desfazer-se sem maior cerimônia da teoria com a qual acreditavam manter unida a sua *contrassociedade*. Por isso, viam no revisionismo de Eduard Bernstein uma ameaça ao sucesso de seu projeto. Tudo o que parecesse poder vir a perturbar, no futuro, essa ascensão aparentemente incessante deveria ser reprimido – mesmo que se tratasse de um companheiro com tantos méritos como Bernstein, com quem naturalmente continuavam mantendo as antigas relações de amizade fora do protocolo oficial. O empate entre os guardiões da organização, sobretudo os sindicatos, e os vigilantes da ideologia em torno de Karl Kautsky foi sempre, nessa época, cuidadosamente tratado pelos dirigentes do SPD.

Rosa Luxemburgo, que não pertencia ao círculo interno do SPD – um círculo de homens maduros e de homens idosos – e que, na melhor das hipóteses, só podia desconfiar de algo, mas não sabia de nada, encontrava-se, nesse momento, no topo. O *copresidente* do SPD, August Bebel, bom sujeito e ao mesmo tempo um tático que queria proteger sua obra do fracasso, gostava da jovem, mas também a utilizava para seus fins. Ela, por seu lado, estava francamente fascinada pelo velho e grande homem. Em um congresso do partido naqueles anos deixou escapar, publicamente: “August, eu te amo”.

Quando Rosa Luxemburgo, em 1906, camuflada como a jornalista alemã Anna Matschke, caiu na armadilha da polícia tsarista em Varsóvia, Bebel tomou todas as providências para lhe proteger a vida e libertá-la da prisão. Porém, após ser libertada, ela recusou sua oferta de receber apoio financeiro pessoal com recursos do comitê executivo, assim como, na prisão, tinha desautorizado a tentativa dele de pedir ao chanceler do *Reich* uma intervenção diplomática junto aos russos para que fosse libertada. Em primeiro lugar, insistia em ser cidadã, no sentido da Revolução Francesa – autoconsciente, ciosa de sua liberdade, o que era uma raridade na Alemanha. Recusando a gratidão que a obrigaria a qualquer dependência, estava disposta a pagar um preço alto, por vezes muito alto, até mesmo alto demais, como pensava uma de suas amigas. Rosa Luxemburgo odiava esconder-se, só se sentindo livre na luta aberta.

Ela detestava a fraqueza – precisamente o que se havia difundido entre os antigos heróis da época da lei contra os socialistas. Em um domingo do início de 1907, Rosa Luxemburgo e sua velha amiga de Stuttgart, Clara Zetkin, uma decidida pioneira da emancipação feminina, foram convidadas para o almoço na casa da família de Karl Kautsky. As duas mulheres foram dar um passeio e se atrasaram. August Bebel, presidente do SPD, que também estava presente, comentou brincando que durante a espera haviam temido o pior. Rosa respondeu com bom humor que, caso uma desgraça lhes acontecesse algum dia, deveriam escrever em suas lápides: “Aqui repousam os dois últimos homens da social-democracia alemã”.

Em 1907, os estrategistas do SPD sofreram seu Waterloo nas eleições para o Reichstag [Parlamento Federal]. Eles não tinham nada de sério a contrapor à campanha ultranacionalista dos partidos burgueses e monárquicos contra os “camaradas sem pátria” do SPD. Assim, o grande partido dos trabalhadores alemães, mal-acostumado com o sucesso, perdeu distritos eleitorais em massa e, consequentemente, cadeiras, ainda que mais uma vez tivessem aumentado os votos absolutos. Pela primeira vez, a *contrassociedade* proletária atingia os limites que a sociedade guilhermina majoritária vinha-lhe impondo

de forma cada vez mais perceptível. Nessa sociedade majoritária, os políticos governantes, com uma atitude cada vez mais imperialista, haviam conseguido enraizar profundamente o sonho de um “lugar ao sol” e, assim, o delírio nacionalista. Isso também surtiu efeito no ambiente proletário.

A liderança do SPD precisava entender que sua *contrassociedade* proletária se esgotava – precisamente na medida em que se desenvolvia com sucesso. As duas sociedades só podiam coexistir uma ao lado da outra, e uma contra a outra, enquanto ambas se mantivessem separadas. Porém, desde os anos 1880, a sociedade majoritária, por muito tempo hermeticamente isolada dos “de baixo”, fazia, entre as camadas proletarizadas, a propaganda cada vez mais eficaz de uma oferta de integração ideológica: o nacionalismo. De modo particularmente claro nas eleições de 1907, ele surgiu como um instrumento apropriado para limitar e fazer retroceder a influência da social-democracia.

Em termos estratégicos, isso significava um fracasso da tática social-democrata, desenvolvida para eliminar o capitalismo. Teoria e prática encontravam-se, assim, em uma curiosa e tensa relação. Teoricamente, tratava-se – o resultado do debate sobre o revisionismo havia enfatizado isso mais uma vez – de uma coerente superação do capitalismo, ou seja, tratava-se da ideologia socialista, por meio da qual a liderança do SPD esperava um alto poder de coesão. Contudo, praticava-se – o que era muito menos perigoso para as próprias organizações – o caminho dos compromissos e um parlamentarismo cada vez mais desdentado. Finalmente, a sociedade majoritária tradicional – que em algum momento se tornaria minoria – devia ser superada com os votos de uma sociedade proletária em permanente expansão e, assim, o socialismo seria introduzido de modo pacífico. No mais tardar desde as eleições de 1907, a liderança do SPD pressentiu que sua concepção, levada à prática, era falsa, e que jamais alcançaria a maioria dos votos das duas sociedades.

Tratava-se de escolher entre dois cenários: ou empreender uma luta ofensiva pelo socialismo com uma clientela em estagnação e

mesmo estrategicamente menos numerosa, adepta do socialismo – como, naturalmente, exigiam Rosa Luxemburgo e a esquerda –, e correr o duplo risco de perder não só a influência sobre parte da própria clientela, atraída pelo nacionalismo, mas também, enfraquecidos pela previsível perda de influência, de destruir o poder da organização estabelecida. Ou, então, derrubar silenciosamente os conceitos vigentes até aí e mudar de direção sem fazer barulho. A liderança do SPD escolheu a última opção: ela queria, enquanto tivesse força suficiente, em vez de continuar a construir a própria *contrassociedade*, tentar integrá-la na sociedade burguesa, fazendo pelo menos um esforço para compartilhar o poder. O que implicava, naturalmente, abandonar o objetivo da superação do capitalismo; em vez disso, no futuro, devia-se apenas controlá-lo. Exteriormente, quase nada mudara; em contrapartida, interiormente, mudara quase tudo. Essa decisão a favor da integração estratégica à sociedade guilhermina levou o SPD a passar por diversos estágios, como a aprovação dos créditos de guerra em 4 de agosto de 1914, a participação no governo, desejada pelo menos desde 1907, em 3 de outubro de 1918, para chegar finalmente à destruição do movimento operário, em 2 de maio de 1933.

A esquerda *socialista-internacionalista* perdeu em 1907, aos olhos da liderança do SPD, sua função de garantir uma visão de mundo que unisse todos. Muitos membros da esquerda, em dificuldades com o crescente isolamento, renegaram suas convicções e transformaram-se em “soldados do partido”, que logo estariam dispostos a qualquer trabalho sujo por quase nada. Pela primeira vez, veio à luz um fenômeno que até hoje se lamenta: a maior parte da esquerda não mantém pela vida afora uma política *socialista-revolucionária*, ou seja, voltada para a superação do capitalismo, mas, a partir de certo ponto, reconcilia-se “com a vida” e apenas alega que faz política de esquerda.

Depois de 1907, a esquerda dentro do SPD reduziu-se a alguns poucos que não aceitaram capitular. A partir de 1911, formou-se ao redor de Franz Mehring e Rosa Luxemburgo um “esquadrão dos justos” ao qual, após o começo da guerra, também se uniu Karl

Liebkecht, enquanto importantes membros da esquerda, como o organizador da escola do partido, Heinrich Schulz, se renderam definitivamente ao nacionalismo.

O enraizamento de Rosa Luxemburgo no SPD, na época dessas reorientações secretas, já não era tão forte como antes de sua viagem à Polônia russa revolucionária. Perante as lutas na Rússia, sobretudo em relação à greve de massas, ela renunciou a algumas posições marxistas ortodoxas. No fundamental, mudou principalmente sua relação com a organização proletária. Segundo o cânone marxista, uma organização forte era considerada a precondição decisiva para a ação em geral, e para a ação revolucionária em particular. Rosa Luxemburgo chegou nesse momento à convicção de que o sistema organizativo do SPD havia se transformado em um entrave para qualquer ação, sobretudo para a ação revolucionária. A liderança do SPD via na ação um perigo crescente para a existência das organizações, considerando mais importante protegê-las da destruição por parte do Estado *policia-militar* do que agir contra a sociedade majoritária – posição presente já antes de 1907, porém mais clara a partir daí.

Rosa Luxemburgo tinha vivenciado, durante a Revolução Russa de 1905 a 1907, como a organização se formava graças à ação revolucionária, a partir, por exemplo, da greve política de massas – em suma, como a ação precedia a organização. Com a ideia da greve política de massas na bagagem ela havia ido, em 1906, ao congresso do SPD, onde sofreu um retumbante fracasso. Posteriormente, a brochura *Greve de massas, partido e sindicatos*, que ela havia escrito especialmente para esse congresso, revelou-se como o ponto de partida teórico para a autonomia da esquerda dentro do SPD, embora Rosa Luxemburgo tivesse com esse trabalho uma intenção totalmente oposta: ela não queria separar-se do SPD e sim ganhar o SPD para a política revolucionária – em caso de necessidade, ganhar apenas a base do partido contra uma liderança cada vez mais conservadora.

Segundo a compreensão política da social-democracia, com sua defesa da greve política de massas, Rosa Luxemburgo tinha se

aventurado em terreno minado. Na social-democracia, a defesa da greve geral e da greve de massas políticas era considerada uma manifestação aberrante de um movimento que devia ser combatido com todas as forças: o anarquismo. No começo dos anos 1870, Karl Marx havia tido uma briga terrível com Mikhail Bakunin, socialista russo que, durante a revolução de 1848, estivera nas barricadas de Dresden. Marx acreditava que a libertação da classe operária da exploração e da opressão decorreria de leis históricas cujas causas últimas se encontravam na economia. Não bastava a vontade de mudar. Para fazer política revolucionária era necessário conhecer essas leis e agir de acordo com elas, quer dizer, acelerar permanentemente o progresso em direção a uma sociedade sem exploração nem opressão. Bakunin, em contrapartida, era um socialista que argumentava em termos morais e éticos, para quem o indivíduo e sua libertação vinham em primeiro lugar. Bakunin via na vontade de agir, alimentada pela consciência das injustiças gritantes produzidas pelo capitalismo, e na agitação elementos essenciais da política revolucionária. Os anarquistas não queriam fazer uso da greve como arma apenas nos conflitos econômicos entre capital e trabalho, como faziam os sindicatos de tendência social-democrata, mas queriam usá-la, sobretudo, na luta política. Alguns até esperavam, com uma greve geral, derrubar todo o sistema.

Com Marx e Bakunin, e mais ainda com seus discípulos, que frequentemente não passavam de epígonos, houve um enfrentamento irreconciliável entre o chamado socialismo científico e o chamado socialismo libertário. Se considerarmos a questão sobriamente, veremos em ambos os lados uma série de importantes aspectos em comum, que foram intencionalmente postos em segundo plano. Por causa de sua inimizade pessoal, os dois homens, que estavam ficando velhos, alimentaram ainda mais as divergências, sem dúvida existentes, legando assim, à esquerda, um cisma presente até hoje, embora totalmente absurdo.

As duas correntes quase não se distinguem quanto aos fins, pelo menos no fundamental; as divergências reais residiam na questão

do caminho a seguir. Aqui, pela primeira vez, começou um conflito que dividiria a esquerda no século XX em grupos e grupelhos cada vez menores e mais sectários: os leninistas com suas fragmentações, os trotskistas com mais fragmentações ainda, os *brandleristas*, os maoistas, os espontaneístas... Quem quiser que complete a lista.

“Cada um tem razão”, já ironizava Kurt Tucholsky. Cada um desses grupos pensava ser o único que conhecia o caminho correto para sair do vale de lágrimas do capitalismo e combatia todos os outros “infieis” de acordo com o seguinte modelo: quanto mais próximas suas ideias estiverem das nossas, tanto mais perigosas elas são – por isso, devemos combater seus defensores da maneira mais eficaz. A esquerda europeia passou boa parte do século XX nessa infantilidade. O capitalismo desenvolveu-se esplendidamente e gerou as guerras e as crises mais devastadoras; o capitalismo financeiro desenfreado dos novos tempos, em toda a sua absurdidade e misantropia, é apenas uma consequência lógica desse desenvolvimento.

Só os stalinistas, vestidos de marxistas-leninistas, teriam êxito. Os stalinistas, como no princípio chamaram a si mesmos – só muito mais tarde o stalinismo se converteu em um estigma meticulosamente evitado –, surgiram de um grupo de jovens revolucionários. Eles se distinguiram dos “velhos” em torno de Lenin e seu círculo – ao qual, aliás, não pertenciam só “velhos”, mas também muitos emigrantes mais jovens e cultivados – especialmente em relação a três pontos: como praticamente não haviam tido a experiência da emigração, possuíam, antes de mais nada, um horizonte impregnado pelas circunstâncias russas semibárbaras; a luta revolucionária na Rússia não lhes dava quase tempo para uma formação intelectual sistemática, sem falar de um trabalho teórico sério; assim, sua “teoria” movia-se nas categorias preto-branco e *amigo-inimigo*. Durante os anos de guerra civil depois da Revolução de Outubro, eles tinham aprendido, sobretudo, a ser brutalmente impiedosos, mas não eram levados totalmente a sério pelos “velhos”, entre os quais muitos tinham a mesma idade.

Como não ocorreu a revolução mundial, cujo começo, para os bolcheviques, havia sido a Revolução de Outubro, estes passaram

a manobrar entre as forças de classe, fazendo crescentes concessões à burguesia urbana e rural. A Rússia soviética estava em via de tornar-se um país capitalista “emergente”, e o fim do domínio bolchevique parecia apenas uma questão de tempo. A partir de 1927, Stalin passou de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética à ditadura sem limites, estabelecendo um regime de esquerda radical e totalitário no qual uma sociedade igualitária e incapaz de qualquer forma de resistência – propagandeada como socialismo – foi sistematicamente assassinada por meio do Terror. O furor não poupava ninguém: camponeses, operários, intelectuais, funcionários...

O pensamento de Rosa Luxemburgo representava um perigo incalculável para a dominação stalinista. O que ela abominava – a ditadura de uma clique, a “liderança” usurpada em lugar da hegemonia fundada no consenso, a substituição do debate político pelo terror policial, a burocracia como o elemento ativo mais importante na sociedade, o *kitsch* no lugar da cultura – constituía o fundamento essencial da dominação stalinista.

Os stalinistas estabeleceram a consolidação de seu poder como objetivo de todas as suas reflexões e ações. Para eles, a teoria consistia em “agitação e propaganda” – *agitprop* –, com a função prioritária de justificar e enfeitar a política em curso. Em comum com o marxismo ou com Marx, esse sistema só tinha o nome. Em contrapartida, Marx – e com ele, Rosa Luxemburgo – era perigoso para a dominação stalinista. Rosa Luxemburgo, em particular, que já havia criticado incisivamente o começo da dominação bolchevique, precisava ser calada postumamente. Com Marx, não era possível fazer a mesma coisa. Ele era imprescindível para a propaganda – afinal, o stalinismo apresentava-se como marxismo-leninismo, desencorajando muita gente a estudar os textos de Marx. Além disso, a recepção das ideias de Marx, muito dispersas, não era assim tão fácil; para que o estudo dessas ideias colocasse em dúvida o “socialismo realmente existente” era necessário um trabalho sistemático. Mesmo assim, a obra de Marx continuou sendo subversiva. Jovens que, no

início de sua atuação política, tinham muitas vezes sido fervorosos partidários de Stalin, após debater seriamente os escritos de Marx foram se tornando cada vez mais críticos da situação dominante.

Não poucas pessoas, entre elas muitos intelectuais, sobretudo no exterior, viam a União Soviética como socialista. Interpretavam o stalinismo como um fenômeno inevitável, que não tocava na essência do socialismo e que era a única alternativa à guerra, à exploração e à repressão engendradas pelo capitalismo. Cercados pela aura da Revolução de Outubro de 1917, e depois de 1945 fortalecidos também pela vitória sobre o nacional-socialismo alemão, os stalinistas conseguiram impressionar de tal modo forças anticapitalistas maciças que muitas dentre elas se deixaram manietar pelo menos durante algum tempo. Assim sendo, tendências emancipadoras, como as que Rosa Luxemburgo havia seguido, perderam evidentemente a base. Não ser partidário da União Soviética e, ainda assim, fazer política socialista era, nessas condições, um desafio mais do que exigente.

Assim como, na Alemanha, os nacional-socialistas tomaram emprestados o vocabulário e as vestimentas do movimento operário, os stalinistas se enfeitaram, a partir da Rússia, com o ideário e as pretensões pelos quais qualquer pessoa que os quisesse ver transformados em realidade pagava com a liberdade, às vezes igualmente com a vida, pelo menos nos lugares onde o stalinismo havia chegado ao poder.

Rosa Luxemburgo livrou-se de tudo isso. Ela vivenciou, com toda a inocência, somente o início desse processo absurdo. E também não tentou escapar do enfrentamento entre marxistas e anarquistas (um enfrentamento que devia adquirir caráter genocida na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), quando o marxismo soviético convergiu totalmente para o stalinismo). Em vez disso, durante toda a vida, Rosa Luxemburgo demarcou-se verbalmente de modo incisivo em relação ao anarquismo – e na verdade tanto mais fortemente quanto mais dele se aproximava. Sua defesa de mais ação e menos cuidados com a organização – com sua burocracia crescente e sua pachorrenta autossuficiência –, e ainda mais a defesa da greve

política de massas, levaram à acusação maciça de que ela queria contrabandear o anarquismo para dentro da social-democracia e, com isso, questionar todas as conquistas obtidas.

Rosa Luxemburgo desafiou todos esses ataques ao preço de ficar politicamente isolada durante anos. Transcorriam os anos anteriores à I Guerra Mundial quando seu aliado mais próximo na social-democracia alemã, Karl Kautsky, inventava continuamente novas teorias marxistas para justificar a política de adaptação ao regime guilhermino praticada pelo comitê executivo do SPD; como consequência, os dois se afastaram para sempre. Para Rosa Luxemburgo, o marxismo começou a se transformar em um insulto.

Apesar de ter entrado para o movimento social-democrata como marxista sincera, ela quase nunca qualificou a si mesma como marxista – algo que, no entanto, não era comum nos partidos da Segunda Internacional. Na primeira década do novo século, ela havia deixado para trás muitos – embora não todos, como mostramos – dogmas do marxismo *kautskista* e havia encontrado o próprio caminho para a obra de Marx e a aplicação de seu método. Nesse campo, nenhum dos contemporâneos lhe chegava aos pés (para não falar de pessoas como Ruth Fischer, Ernst Thälmann e Walter Ulbricht, que depois de 1923 assumiram a direção do Partido Comunista Alemão, de cuja fundação Rosa Luxemburgo participou no final de dezembro de 1918). A partir de 1910, ela usava as palavras “marxistas” e “marxismo” principalmente entre aspas, e quase sempre com intenção depreciativa.

Mesmo que até o último momento a votação dos créditos de guerra em 4 de agosto de 1914 pela bancada do SPD no Reichstag fosse para ela inimaginável, seu olhar foi ficando cada vez mais sóbrio. Em 1913, ela fez um balanço dos sucessos parlamentares da social-democracia alemã: “Durante cinquenta anos de trabalho exemplar, a social-democracia conseguiu extrair de um terreno, que agora é pedregoso, o que havia em termos de esclarecimento de classe, bem como de ganho material palpável para a classe trabalhadora. A vitória eleitoral mais recente, a maior de nosso partido, tornou claro para todos que uma bancada social-democrata de 110 pessoas, na era dos

delírios imperialistas e da impotência parlamentar tanto no tocante à reforma social quanto à agitação, pode extrair não mais, porém menos do que poderia, anteriormente, uma bancada com um quarto dessa força. Além disso, hoje, o cerne do desenvolvimento político interno da Alemanha – o direito de voto na Prússia – destruiu, por meio de seu afundamento patético, todas as perspectivas de uma reforma parlamentar forçada pela mera pressão de ações eleitorais. Na Prússia, assim como no Império, a social-democracia, com todo o seu poder, vai cegamente contra as barreiras que Lassalle, já em 1851, formulara com as seguintes palavras: ‘Nunca uma assembleia legislativa derrubou, ou derrubará, o estado de coisas vigente. Tudo o que uma assembleia desse tipo fez ou pôde fazer foi proclamar o estado de coisas vigente lá fora, sancionar a derrubada da sociedade já levada a cabo no exterior e desenvolvê-la em suas consequências particulares, suas leis etc. Uma assembleia desse tipo será para sempre impotente para derrubar, por si própria, a sociedade que ela representa’. Alcançamos, porém, um estágio de desenvolvimento em que as exigências de defesa mais prementes e irrecusáveis do proletariado – o sufrágio universal na Prússia e um exército popular geral no Império – significam uma derrubada efetiva das relações de classe prusiano-alemãs vigentes. Se a classe trabalhadora quer hoje impor seus interesses vitais no Parlamento, ela precisa, primeiro, levar a cabo a verdadeira derrubada ‘lá fora’. Se ela quer conferir fecundidade política ao parlamentarismo novamente, então precisa levar a própria massa ao palco político por meio de ações extraparlamentares”.¹⁵

Com essa posição ela ficou muito sozinha.

Quando, no início da I Guerra Mundial, Karl Kautsky, usando o marxismo, se aventurou a explicar a adesão do SPD à política de união nacional com o Império em guerra, Rosa Luxemburgo só podia dirigir sarcasmos irritados contra esse “ismo”: “Quando a guerra explodiu, a social-democracia alemã apressou-se em enfeitar o

¹⁵ Rosa Luxemburgo, *A herança de Lassalle*. In: Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos*, vol. 1. São Paulo: Editora UNESP, 2011, pp. 454-5.

saqueio do imperialismo alemão com um escudo ideológico tirado do quarto de despejos do marxismo, declarando que se tratava da expedição libertadora contra o tsarismo russo, desejada por nossos velhos mestres em 1848”¹⁶

No fim, a condição do partido social-democrata a fazia reagir cnicamente, embora isso não fosse hábito seu: Associações, instâncias, conferências, assembleias gerais, livros-caixa, carteirinhas de membros, eis “o partido” para os camaradas ao estilo de Scheidemann, assim como para os camaradas ao estilo de Haase. Tanto uns quanto outros não percebem que associações, instâncias, carteirinhas de membros e livros-caixa se transformam em farrapos sem valor no instante em que o partido deixa de exercer a política exigida por sua natureza. Tanto uns quanto outros não percebem que suas disputas sobre a questão da cisão ou da unidade da social-democracia alemã não passam de uma briga a respeito das barbas do imperador, visto que hoje a social-democracia alemã como um todo já não existe mais.

Imaginemos por um instante que na Basílica de São Pedro, em Roma, esse venerável templo da fé cristã, esse precioso monumento da cultura religiosa, em uma bela manhã – a pena quase se recusa a escrevê-lo –, em lugar do culto católico, se desenrolasse aos olhos de todos uma orgia desavergonhada, como em um bordel. Imaginemos algo ainda mais espantoso, pensemos que os padres, nessa orgia, tivessem conservado as sotainas, os ornamentos e os incensários que usavam anteriormente na missa solene. Será que então a Basílica de São Pedro ainda seria uma igreja, ou seria algo totalmente diferente? As paredes esbeltas ainda seriam certamente as mesmas, os altares e os paramentos sacerdotais seriam os antigos, mas depois de olharem para dentro, horrorizados, todos recuariam, assustados, e perguntariam, consternados: “O que aconteceu com a Igreja no mundo inteiro?”¹⁷

¹⁶ Rosa Luxemburgo, *A Revolução Russa*, p. 170 neste volume.

¹⁷ Rosa Luxemburgo, *Carta aberta aos amigos políticos*. In: Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos*, vol. 2. São Paulo: Editora UNESP, 2011, pp. 152-3.

O único “ismo” que Rosa Luxemburgo sempre aceitou era sem dúvida o socialismo; este bastava totalmente para o seu objetivo. No discurso ao congresso de fundação do Partido Comunista Alemão, em 31 de dezembro de 1918, do qual participaram pessoas de esquerda de várias tendências, muitas partidárias declaradas das ideias de Marx, ela voltou mais uma vez ao marxismo. Para não assustar ninguém, diferentemente de outras vezes, não polemizou contra o marxismo em geral, mas distinguiu o “marxismo oficial” do “marxismo verdadeiro, não falsificado”, embora preferisse outra referência para o novo partido. Ela não disse: “Retornamos ao marxismo”, e sim: “Retornamos a *Marx*, retornamos à sua bandeira. Ao declararmos hoje em nosso programa que a tarefa imediata outra não é senão – resumida em poucas palavras – fazer do socialismo uma verdade e um fato e destruir radicalmente o capitalismo, po-mo-nos no terreno em que Marx e Engels se encontravam em 1848 e cujos princípios nunca abandonaram”.¹⁸

No século XX, inúmeras pessoas em todo o mundo se sacrificaram e deram a vida pelos ideais do marxismo, isto é, pela abolição de toda forma de opressão e de exploração. Mas foram traídas e manipuladas por políticos sem escrúpulos ávidos pelo poder, inclusive genocidas, que com o marxismo fundamentaram e justificaram praticamente tudo: desde a afirmação, no início dos anos 1930, de que os social-democratas eram *social-fascistas*, até o pacto entre as duas ditaduras totalitárias da Europa, passando pela conspiração de Hitler e Stalin contra o povo polonês em 1939, para culminar na repressão à Primavera de Praga em 1968. Não somente Stalin, Beria e Molotov, mas também Mao Tse-tung e Pol Pot se consideravam bons “marxistas”, executando suas políticas de extermínio sob a bandeira do marxismo.

¹⁸ Rosa Luxemburgo, Congresso de Fundação do Partido Comunista Alemão (KPD). In: op. cit., p. 350.

ENTRE SOCIAL-DEMOCRATAS E BOLCHEVIQUES

*Rosa Luxemburgo errou [...]; ela errou [...];
ela errou [...]; ela errou [...]; ela errou [...].
Mas, apesar de todos os seus erros,
ela foi e continua sendo uma águia.*

Lenin, 1922

*O caminho não leva à tática revolucionária pela maioria
Ele leva à maioria pela tática revolucionária.*

Rosa Luxemburgo, 1918

Rosa Luxemburgo não tratava a greve política de massas como uma forma de luta “em si”. Para ela, a greve política de massas era antes sinônimo de toda uma gama de ações, com as quais as massas proletárias qualificavam a si mesmas na luta contra o regime econômico e político dominante, de conduta crescentemente chauvinista, devendo, assim, emancipar-se igualmente da tutela de suas lideranças. Mas Rosa Luxemburgo tinha algumas ilusões sobre as “massas proletárias” – embora em relação a isso ela não estivesse sozinha nas esquerdas.

Por um lado, os cartistas¹⁹ na Inglaterra e, por outro, Karl Marx na Alemanha haviam acreditado, na primeira metade do século XIX, ter finalmente encontrado no proletariado o sujeito social que a esquerda procurava havia séculos, e que permitiria tornar realidade suas ideias para melhorar o mundo.

Na social-democracia da passagem daquele século, essa interpretação continuava inquestionável, independentemente de o sujeito ser reformador ou revolucionário. Mais tarde, no stalinismo, ela seria levada ao absurdo. Por um lado, os trabalhadores que haviam

¹⁹ Cartismo: antigo movimento operário britânico; tinha como programa a *People's Charter (Carta do Povo, 1837/1838)*, uma proposta de constituição que previa o sufrágio universal e secreto, eleições anuais e remuneração dos deputados.

ficado na produção e, mais ainda, a população rural, que, com medidas coercitivas, havia sido convertida em operariado como na época inicial do capitalismo, foram despojados de seus direitos políticos e em alguns países foram, inclusive, submetidos a uma exploração intensificada. Por outro lado, celebrava-se oficialmente um endeuamento da “classe trabalhadora” que, na fase inicial, era acompanhado por uma prática especial no momento do recrutamento de “quadros” dispostos a fazer qualquer coisa: eram qualificados para ser pessoas de primeira categoria e, conseqüentemente, ascenderem à nova classe dominante, aqueles que pudessem demonstrar antecedentes puramente proletários; de todos os outros era preciso desconfiar ainda mais – ainda que muitas “forças não proletárias” fossem simplesmente imprescindíveis.

Não se encontra tal concepção *social-racista* do proletariado em Rosa Luxemburgo. No seu entender, pertencia à classe trabalhadora quem nela e com ela se engajasse contra as condições dominantes, não importando sua origem ou condição social. A prática, não o *status*, era seu critério. Ela entendia a classe como movimento – ou isso ou nada. As pessoas que dependiam de salário e não participavam do movimento eram consideradas como “massa” que podia ser atraída para o movimento.

No entanto, tampouco Rosa Luxemburgo estava totalmente livre da crença de que o trabalhador era o escolhido. Diferentemente da liderança do SPD – secretamente desiludida –, ela esperava “dos trabalhadores” uma afinidade quase sociogenética com uma atitude anticapitalista, se não revolucionária. No entender de Rosa Luxemburgo, era tarefa da política despertar e incentivar essa atitude por meio da prática do movimento; por assim dizer, era tarefa da política dar à “classe” o beijo para que despertasse. Ela se manteve apegada a essa ideia até morrer, mesmo quando mais de uma vez caiu em desespero em relação às “massas proletárias”, mesmo que tenha mais de uma vez duvidado das “massas proletárias”, até deixar de entendê-las. Quando, em 4 de agosto de 1914, a bancada do SPD no Reichstag aprovou os créditos de guerra e grande parte das “massas proletárias”, coroada de

flores, partiu para os campos de batalha ávida de saques e honra, Rosa Luxemburgo considerou seriamente suicidar-se, para deixar um marco e sacudir as massas. Seu *alter ego* francês – pelo menos em questões de guerra e paz –, o socialista e pacifista Jean Jaurès, foi assassinado naqueles dias por fanáticos franceses a favor da guerra. Também na França nada aconteceu, também ali as “massas proletárias” marcharam alegremente para o matadouro.

No final das contas, a esquerda não foi feliz com seu “sujeito revolucionário”, a classe trabalhadora, ainda que em uma perspectiva sociológica os trabalhadores fossem o maior grupo da sociedade entre aqueles que, pelo menos temporariamente, se entusiasmaram por ideias revolucionárias, ou inclusive por ações revolucionárias. No plano internacional, no começo do século XX, duas tendências foram relevantes na esquerda, segundo a forma como atuavam em relação à classe operária, e ainda hoje vale a pena considerá-las mais minuciosamente: a esquerda alemã, a do círculo em torno de Rosa Luxemburgo; e a esquerda russa, a dos bolcheviques em torno de Lenin.

As duas tendências interpretaram o trabalho de adaptação da social-democracia alemã – então considerada modelo por muitos partidos e movimentos proletários de outros países, sobretudo aqueles reunidos na Segunda Internacional – como “desvio” e “traição” dos dirigentes políticos. Nem o círculo em torno de Rosa Luxemburgo nem aquele em torno de Lenin chegaram perto da ideia de que os trabalhadores “como classe” aspiravam ao socialismo, mas que somente produziam o maior número de pessoas interessadas nos ideais socialistas. As duas tendências defendiam uma concepção segundo a qual a esquerda *socialista-internacionalista* formava a parte do proletariado politicamente mais esclarecida e, conseqüentemente, seu braço político. E ambas as tendências viam na conquista de uma influência decisiva sobre a classe trabalhadora a condição para um mundo melhor. Para elas, o socialismo continuou sendo missão da classe trabalhadora. Para as duas tendências, era impensável a ideia de que o movimento visando ao socialismo não fosse um movimento dos trabalhadores. O mérito permanente das duas tendências foi ter mantido as ideias

socialistas no espaço político – diferentemente do SPD que, no máximo, só queria que elas permanecessem como um valor.

No entanto, as duas tendências divergiam fundamentalmente em um ponto: enquanto Lenin pensava, de acordo com Karl Kautsky, que o proletariado não podia tornar-se consciente por si mesmo de que era portador do socialismo e, por isso, essa consciência tinha que ser introduzida “de fora”, para Rosa Luxemburgo o socialismo não consistia em uma teoria da qual as pessoas se apropriavam para agir de acordo com ela como se fossem os dez mandamentos. Esclarecimento mediante tutela não só lhe repugnava profundamente como também contradizia em última análise o ideal libertador do socialismo. A seu ver, o proletariado devia adquirir consciência de suas tarefas pela prática vivida – pela experiência dos próprios êxitos e ainda mais das próprias derrotas – e se convencer assim da alternativa entre “Socialismo ou barbárie”.

Rosa Luxemburgo sabia como o Iluminismo (*Aufklärung*) europeu no século XVIII tinha extirpado, sobretudo da cabeça da burguesia francesa emergente, a ideia da dominação feudal desejada por Deus, e desencadeado nela uma vontade inquebrantável de conquistar o poder político. Sem Iluminismo, nada de Revolução Francesa, que abriu o caminho na Europa para a era burguesa. A dominação moderna, baseada no modo de produção capitalista, para Rosa Luxemburgo era também a dominação sobre as cabeças – uma combinação entre Igreja, Estado, escola, exército e opinião pública. Para ela, emancipar-se de toda forma de opressão e exploração começava por libertar-se dessa dominação. Era nisso que residia o primeiro passo insubstituível para uma transformação que levasse a relações sem servidão nem opressão.

Para ela, a política não consistia no permanente crescimento numérico das organizações proletárias e dos eleitores, mas no aumento da autoconsciência e da capacidade de ação.

Porém, quanto mais ela envelhecia, mais ficava consciente de que a luta a favor do esclarecimento seria sempre acompanhada de derrotas, desencadeadas, de um lado, por um nacionalismo desenfreado

e, de outro, ironicamente, por concessões arrancadas às forças dominantes. Por isso, o centro de sua atuação política consistia em pôr a descoberto as contradições, cada vez mais agudas, existentes de fato na sociedade. Ela procurava incessantemente “os que pensam de maneira diferente” e trazer à luz da esfera pública suas verdadeiras intenções e ações, forçando-os assim a se defenderem publicamente – ou seja, exibir os que dominam, algo que ainda hoje eles odeiam como o diabo, a água benta.

Rosa Luxemburgo seguia a máxima segundo a qual quem não ataca é atacado. Para ela ocorria uma guerra permanente, embora sempre desmentida e velada na esfera pública: a guerra das forças dominantes contra o “resto da sociedade” – por meios pacíficos e, quando se deixava, pelo terror. Seu interesse se dirigia às pessoas que aprendem a superar a impotência agindo coletivamente, participando do movimento para obter consciência de suas próprias forças e assim, nos combates diários, adquirir consciência de seus próprios interesses não alienados.

Para ela, o movimento operário socialista não era em primeiro lugar a luta, conduzida sobretudo pelos sindicatos, para obter melhores condições de vida – mesmo que soubesse do significado dessa luta e estivesse longe de desprezá-la –, mas a luta pela ampliação dos direitos à liberdade política, que queria complementar com a liberdade de acesso aos direitos sociais. Em 1918, tomou posição contra a prática dos bolcheviques que, proclamando a liberdade de acesso aos direitos sociais, apenas conseguiram dismantelar a propriedade privada dos meios de produção, frequentemente pelo assassinato dos proprietários: “Nunca fomos idólatras da democracia formal só pode significar que sempre fizemos distinção entre o núcleo social e a forma política da democracia *burguesa*; que sempre desvendamos o áspero núcleo da desigualdade e da servidão sociais escondido sob o doce invólucro da igualdade e da liberdade formais – não para rejeitá-las, mas para incitar a classe trabalhadora a não se contentar com o invólucro, incitá-la a conquistar o poder político para preenchê-lo com um conteúdo social novo. A tarefa histórica do

proletariado, quando toma o poder, consiste em instaurar a democracia socialista no lugar da democracia burguesa, e não em suprimir toda democracia. A democracia socialista não começa somente na Terra prometida, quando tiver sido criada a infraestrutura da economia socialista, como um presente de Natal, já pronto, para o bom povo que, entretanto, apoiou fielmente o punhado de ditadores socialistas. A democracia socialista começa com a destruição da dominação de classe e com a construção do socialismo. Ela começa no momento da conquista do poder pelo Partido Socialista. Ela nada mais é que a ditadura do proletariado.

Perfeitamente: ditadura! Mas esta ditadura diz respeito à maneira de *aplicar* a democracia, não à sua supressão; ela se manifesta nas intervenções enérgicas e resolutas questionando os direitos adquiridos e as relações econômicas da sociedade burguesa, sem o que a transformação socialista não pode ser realizada. Mas esta ditadura precisa ser obra da *classe*, não de uma pequena minoria que dirige em nome da classe; quer dizer, ela deve, a cada passo, resultar da participação ativa das massas, ser imediatamente influenciada por elas, ser submetida ao controle público no seu conjunto, emanar da formação política crescente das massas populares²⁰.

Para ela, o caminho para essa transformação passava por uma ampliação dos direitos à liberdade política, que deviam ser arrancados às forças dominantes, ou seja, passava por um *autoempoderamento* – com o objetivo de deslocar de tal modo a correlação de forças que o lado dominante pudesse cada vez menos difundir suas mentiras. Este teria de tal maneira perdido o poder que o emprego da violência seria para ele cada vez mais difícil. Rosa Luxemburgo sabia que a violência só funciona quando a maioria está paralisada ou indiferente – seja por medo ou por pão e circo. Ataques inteligentes e públicos em que as próprias forças se reagrupam constantemente eram para ela a única forma eficaz de esclarecimento e de autoesclarecimento – algo completamente diferente da política feita pela esquerda e seus representantes até hoje.

²⁰ Rosa Luxemburgo, *A Revolução Russa*, pp.183-4, neste volume.

No fim da vida, ela detestava precisamente aquela esquerda que, tendo obtido conquistas semiliberais, só sabia usá-las para praticar uma política igual à de todos os homens políticos: a política burguesa dos conchavos. Para Rosa Luxemburgo, tratava-se de deixar o circo político burguês e de levar à consciência pública, de modo público, constantemente passíveis de ser controlados e, naturalmente, também de ser atacados, a desumanidade e o ressentimento engendrados por esta sociedade dominada pelo modo de produção capitalista.

A “liberdade de quem pensa de modo diferente” que reivindicava – regularmente denunciada como impostura pelas forças dominantes e seus ideólogos – era para ela algo extremamente sério, não por razões de moralidade superficial ou de justiça estupidamente suicida. Para Rosa Luxemburgo, tratava-se realmente da liberdade para todas as partes e não somente de liberdade “para a classe revolucionária”, para o operariado – o que para certa espécie de esquerda, em particular a pós-stalinista, permanece até hoje incontestável.

Como cientista da natureza, que também era, Rosa Luxemburgo entendia a sociedade como algo orgânico, como um organismo vivo. A sociedade só poderia mudar de maneira duradoura se todas as lutas fossem conduzidas abertamente; para isso, todos os atores deveriam ser livres. Tudo o mais lhe parecia absurdo.

Contra a maioria dos políticos de esquerda, ela havia pressentido que só a liberdade de quem pensa de modo diferente permite uma política emancipatória – que só via ameaçada por limitações, fossem de que tipo fossem. Uma emancipação com meios e métodos *antiemancipatórios*, ou seja, a concepção leninista de política – mais tarde justificada pelos comunistas pelas “condições desfavoráveis” e pela ideia particularmente popular da “imaturidade das massas” – teria significado para Rosa Luxemburgo uma renúncia ao seu ideário político. Para ela, era claro que só a exposição aberta das contradições poderia permitir ao “resto da sociedade” perceber a própria opressão e exploração e libertar-se, assim, da dominação da própria cabeça.

Ela estava firmemente convencida de que tudo que era artificial, de que todas as condições criadas “de cima”, ou desembocariam em uma

dominação pelo terror – pois condições criadas dessa maneira só podem ser mantidas pela opressão e, por fim, pelo terror – ou então não seriam viáveis. Para ela, as duas coisas eram lamentáveis. A história do socialismo no século XX mostrou que não existe nenhuma terceira via passando entre esses dois polos; os anos decorridos desde o seu desaparecimento mostraram quão “sustentavelmente” esse socialismo, décadas depois, estava ancorado na sociedade.

Rosa Luxemburgo defendia transformações duráveis. “O sistema social socialista não deve nem pode ser senão um produto histórico, nascido da própria escola da experiência, na hora da sua realização, nascido da história viva fazendo-se, que, exatamente como a natureza orgânica, da qual faz parte em última análise, tem o belo hábito de produzir sempre, junto da necessidade social real, os meios de satisfazê-la; ao mesmo tempo em que a tarefa a realizar, a sua solução. E assim sendo, é claro que o socialismo, por sua própria *natureza*, não pode ser outorgado nem introduzido por decreto. Ele pressupõe uma série de medidas coercitivas – contra a propriedade etc. Pode-se decretar o negativo, a destruição, mas *não* o positivo, a construção. Terra nova. Mil problemas. Só a experiência [é] capaz de corrigir e de abrir novos caminhos. Só uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil formas novas, improvisações, mantém a *força criadora*, corrige ela mesma todos os seus erros. Se a vida pública nos Estados de liberdade limitada é tão medíocre, tão miserável, tão esquemática, tão infecunda, é justamente porque, excluindo a democracia, ela obstrui a fonte viva de toda a riqueza e de todo o progresso intelectual.”²¹

Liberdade é a liberdade de quem pensa de modo diferente, ou seja, de todos. Essa é a *ultima ratio* de sua concepção política, tão frequentemente e, não raro, intencionalmente incompreendida até hoje.

Em 1922, Paul Levi, voltado à concepção de revolução de Rosa Luxemburgo – e contra a prática revolucionária do terror de Lenin e Trotsky – assim resumiu essa ideia: “Ela sabia conduzir a luta como

²¹ Idem, p.180 neste volume.

luta, a guerra como guerra, a guerra civil como guerra civil. Mas ela só podia conceber a guerra civil como jogo livre de forças no qual a própria burguesia não seria desterrada para as caves com medidas policiais, pois só na luta aberta as massas poderiam crescer e reconhecer a grandeza e a dificuldade da sua luta. Ela não queria a aniquilação da burguesia por meio do terrorismo estéril, da monotonia dos enforcamentos, tal como o caçador não quer exterminar os animais de rapina na sua floresta. Em luta com estes, deve a caça tornar-se mais forte e maior. Para ela, a aniquilação da burguesia, que também desejava, era *resultado* da transformação social que a revolução representava.”²²

Sua concepção política estava fundada no *autoempoderamento* por meio da ação pública, do ataque, contra-ataque e aprendizado, sendo ela da opinião de que se aprende mais com as derrotas. Naturalmente, só se essas não forem dissimuladas, pois o embelezamento das próprias fraquezas e erros levaria ao *autodesempoderamento*. Apesar disso, este é um dos esportes preferidos dos políticos de esquerda até hoje; também aí eles quase não se distinguem do *mainstream*.

Rosa Luxemburgo entendia a formação política, que, para ela, tinha um significado fundamental – não por acaso iniciou com Franz Mehring a Escola do SPD, onde também ensinava –, não como um meio para “introduzir a consciência” que faltava, isto é, para impor alguma coisa a alguém. Ela entendia a formação política como auxílio para o *autoauxílio*.

Por isso, atribuía ao partido uma função diferente da que lhe davam, por um lado, a velha social-democracia alemã e, por outro, os bolcheviques russos. Enquanto para os primeiros o partido se transformava cada vez mais em uma associação eleitoral, que devia conquistar a maior quantidade possível de cadeiras no Parlamento e que, após a derrota eleitoral de 1907, estava disposto a fazer cada vez mais

²² Paul Levi, *Einleitung zu Die russische Revolution. Eine kritische Würdigung. Aus dem Nachlass von Rosa Luxemburg. [A introdução à Revolução russa. Uma homenagem crítica. Do espólio literário de Rosa Luxemburgo]* In: Annelies Laschitzka (org.). *Rosa Luxemburg und die Freiheit der Andersdenkenden [Rosa Luxemburgo e a liberdade dos que pensam diferente]*, Berlim, 1990, p.224.

concessões ao chauvinismo e ao militarismo na Alemanha, para os segundos o partido era uma maquinaria, com a qual se deveria conquistar o poder por meio de uma revolução, a fim de eliminar todo o mal da história anterior. No fim das contas, quanto mais êxito tinham, tanto mais a relação com a classe em favor da qual atuavam era instrumental e tutelar. Para Rosa Luxemburgo, ambas as variantes eram um horror. O partido deveria fazer propostas aos trabalhadores e deixá-los decidir – mesmo correndo o risco de uma recusa, que era preciso em todo caso aceitar, também e precisamente depois de uma revolução vitoriosa: “Controle público é absolutamente necessário. Senão, a troca de experiências fica só no círculo restrito dos funcionários do novo governo. A corrupção [torna-se] inevitável... A prática do socialismo exige uma transformação completa no espírito das massas, degradadas por séculos de dominação da classe burguesa. Instintos sociais em vez de instintos egoístas; iniciativa das massas em vez de inércia; idealismo, que faz superar todos os sofrimentos etc., etc.

O único caminho que leva ao renascimento é a própria escola da vida pública, a mais ampla e ilimitada democracia, *opinião* pública. É justamente o domínio do terror que desmoraliza.

Se tudo isso for suprimido, o que resta, na realidade? [...] Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem livre debate de opiniões, a vida se estiola em qualquer instituição pública, torna-se uma vida aparente, em que a burocracia subsiste como o único elemento ativo. A vida pública adormece progressivamente, algumas dúzias de chefes partidários, de uma energia inesgotável e de um idealismo sem limites, dirigem e governam; entre eles, na realidade, uma dúzia de cabeças eminentes dirige, e a elite do operariado é convocada de tempos em tempos para reuniões, para aplaudir os discursos dos chefes e votar unanimemente as resoluções propostas; portanto, no fundo, é uma clique que governa – de fato, uma ditadura, não a ditadura do proletariado, e sim a ditadura de um punhado de políticos, isto é, uma ditadura no sentido burguês, no sentido da dominação jacobina... E mais: esse estado de coisas produz necessariamente um recrudescimento da selvageria na vida

pública: atentados, execução de reféns etc. É uma lei objetiva, todo-poderosa, a que nenhum partido pode fugir”²³

Lenin não podia perdoar-lhe esse “desvio”. Alguns anos a seguir à morte de Rosa Luxemburgo, ele ainda proclamou de forma jesuítica um quántuplo “ela errou...”, antes de deixar escapar um “mas...”.

Um problema que naturalmente a preocupava como partidária de uma transformação radical da sociedade era a questão da revolução. É justamente por causa deste ponto que as difamações estão até hoje na ordem do dia. Uma particularmente pérfida diz que ela era favorável ao terror. Era exatamente o contrário: “Nas revoluções burguesas, o derramamento de sangue, o terror, o assassinato político eram as armas indispensáveis nas mãos das classes ascendentes.

A revolução proletária não precisa do terror para realizar seus fins, ela odeia e abomina o assassinato. Ela não precisa desses meios de luta porque não combate indivíduos, mas instituições, porque não entra na arena cheia de ilusões ingênuas que, perdidas, levariam a uma vingança sangrenta. Não é a tentativa desesperada de uma minoria de moldar o mundo à força de acordo com o seu ideal, mas a ação da grande massa dos milhões de homens do povo...”²⁴

E também em um segundo ponto ela sabia exatamente o que não queria: qualquer forma de blanquismo. Louis Auguste Blanqui (1805-1881), que passou a maior parte da vida na prisão, havia desenvolvido a ideia de uma liga secreta rigidamente organizada, que conquistaria o poder por meio de um golpe de Estado e em seguida introduziria o socialismo. Em 1904, Rosa Luxemburgo havia pela primeira vez criticado Lenin e os bolcheviques por terem tal propósito: o “partido de novo tipo” de Lenin, o partido bolchevique de revolucionários profissionais, era mais um partido blanquista do que um partido operário e, quando chegasse o momento político oportuno, não se importaria com os interesses da classe trabalhadora. Rosa Luxemburgo nem sequer poderia imaginar como tinha razão nesse ponto. Depois de assumir o poder, e

²³ Rosa Luxemburgo, *A Revolução Russa*, p. 182 neste volume.

²⁴ Rosa Luxemburgo, *O que quer a Liga Spartakus?*. In: *Textos escolhidos*, vol. 2, São Paulo, Editora UNESP, 2011, p. 291.

diferentemente do que postulava a teoria, os bolcheviques, débeis numericamente, não se apoiaram tanto na classe trabalhadora quanto em um movimento *revolucionário-camponês* de soldados. Por iniciativa de Trotsky, criaram um novo poder militar, leal a eles – o Exército Vermelho – e, com isso, tanto uma base social quanto uma base de poder político para si mesmos. Inclusive, depois do extermínio de todo o seu comando em 1938,²⁵ esse exército, ao lado do aparato stalinista do partido, do Estado e da polícia política, continuou sendo, até 1991 – como nova classe –, a base social decisiva da dominação política na União Soviética. Mesmo a atual situação política na Rússia não pode ser completamente entendida se não levarmos em conta estes três elementos: partido, Estado e polícia política. É verdade que os serviços secretos perderam quem lhes dava ordens, o partido, em 1991, depois de dez anos de “transformação”, mas, finalmente, tomaram seu lugar.

A concepção revolucionária de Lenin não estava somente orientada para o poder, mas era também mecânica: com um partido de luta, em uma situação revolucionária, deveria ocorrer a ruptura no ponto da sociedade em que a transformação fosse mais fácil. Esse ponto consistia no poder de Estado, que devia ser conquistado e nunca mais devolvido. Em seguida, a sociedade, com o auxílio do poder de Estado, deveria ser transformada a partir de cima, começando pelas relações de propriedade. Aquilo que na teoria era dissimulado por uma suave aparência divina produziu na prática algo pouco divino: o socialismo realmente existente. Este atravessou três fases: a fase revolucionária, até 1927-1928; a totalitária, até 1953; e a de uma ditadura burocrática em lenta decomposição, até 1989-1991. No final, caiu como uma árvore oca; as ruínas sociais que deixou encontram-se principalmente em seu país natal, a Rússia, até hoje em um estado deplorável – sem falar dos milhões de pessoas assassinadas durante a fase totalitária.

²⁵ Depois que, desde 1934, Stalin e seu grupo fizeram exterminar os líderes políticos do bolchevismo revolucionário, em 1938 quase todo o comando e o corpo de oficiais do Exército Vermelho foram assassinados – cerca de 20 mil homens. No total, caíram vítimas do terror stalinista mais de 10 milhões de pessoas – de camponeses a professores universitários, de revolucionários profissionais a filhos de agentes secretos que estavam a serviço do poder soviético no exterior.

Rosa Luxemburgo, em contrapartida, era animada por um respeito sagrado por toda forma de vida. A botânica e amiga dos animais detestava tudo que era mecânico; seu pensamento era orgânico. Enquanto Lenin planejava e organizava a grande ruptura, ela perseguia antes as mudanças duradouras, não tão facilmente reversíveis quanto é reversível a tomada do poder político. Ela não queria a tomada do poder por um pequeno grupo, a dominação da maioria por uma minoria; queria ver a classe trabalhadora amadurecer e emancipar-se, até que sentisse necessidade de conquistar o poder.

Foi precisamente no que se refere à revolução que Rosa Luxemburgo menos se emancipou do marxismo tradicional. Ela pensava com as categorias da Revolução Francesa de 1789; na melhor das hipóteses, com as da Comuna de Paris de 1871. No entanto, Rosa Luxemburgo – e isso enfatiza sua grandeza – estava bem consciente de que lhe faltavam respostas convincentes para várias questões. Nas suas últimas horas de vida, esperando ser novamente presa, planejava dedicar-se na prisão a uma grande análise da revolução recém-vivida.

Era evidente para Rosa Luxemburgo que essa transição seria realizada por uma *Realpolitik revolucionária* que empregaria todos os meios, inclusive as reformas, e, ainda que não considerasse a revolução como totalmente desejável, pelo menos a considerava como muito provável. Contudo, no fim das contas, ela mesma não tinha clareza de como se comportaria em uma revolução. Essa era a grande diferença em relação a Lenin, que sabia exatamente o que queria: tomar o poder na primeira ocasião favorável, tomar todo o poder, e depois ver o que fazer.

E havia ainda outra diferença – o problema da separação, em termos organizativos, em relação à social-democracia. Enquanto os bolcheviques consideravam a questão organizativa como ponto de partida de toda prática revolucionária e atuavam de acordo com isso, Rosa Luxemburgo havia tirado a conclusão contrária da Revolução Russa de 1905-1907. Ela pensava que a esquerda deveria permanecer tanto tempo quanto possível nos grandes partidos da social-democracia e, assim, ficar próxima da classe trabalhadora. Caso contrário, estava ameaçada de virar uma seita.

Por essa razão, recusou-se veementemente a sair do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) após o início da guerra, apesar da traição do 4 de agosto de 1914. Com efeito, ela formou com Franz Mehring o Grupo Internacional, logo chamado Grupo Spartakus, mas o fez dentro da social-democracia. Quando, em 1917, o SPD se dividiu perante a questão da guerra ou da paz, Rosa Luxemburgo e seus amigos, conservando sua autonomia política, foram para o Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD). Ela considerava prejudicial a criação de um partido próprio. Pensava que, se uma revolução ocorresse, o movimento das massas – tal como se dera na Rússia, em 1905, com os soviets – produziria as formas organizativas correspondentes. Por isso, só concordou que o Grupo Spartakus se transformasse em Liga Spartakus independente depois que a revolução eclodiu. O Partido Comunista Alemão (KPD) – nome que não lhe agradava – que daí resultou era produto dessa revolução.

NA REVOLUÇÃO “ERRADA”

Rosa Luxemburgo procurava, em artigos e manifestos, esclarecer o proletariado sobre o sentido da revolução [...]. Mas quantos trabalhadores e quantos soldados entendiam Liebknecht e Luxemburgo? A cabeça dos soldados estava confusa. Liebknecht era quem tinha desejado a paz e gritado “abaixo a guerra”. Para o soldado, isso era bom [...]. Agora, o homem clamava [...] por “nova guerra”, a guerra dos oprimidos contra os opressores [...].

O soldado não conseguia entender.

*E o que sabiam eles de Luxemburgo? [...]
As massas não entendiam nenhum dos dois [...]*

Fritz Heckert, 1921

Em 1913, em Bockenheim, perto de Frankfurt do Meno, Rosa Luxemburgo havia feito um apelo aos soldados para que, em caso de guerra, se recusassem a obedecer; foi condenada a um ano de prisão, que começou a cumprir no início de 1915, na prisão feminina da Rua Barnim, em Berlim. Depois disso, permaneceu pouco tempo em liberdade. Até a Revolução de Novembro ficou detida em “prisão preventiva” na cidade silesiana de Wronke e em Breslau, enquanto o Grupo Spartakus realizava um trabalho difícil e perigoso de propaganda clandestina contra a guerra. Visivelmente envelhecida, com o cabelo quase todo branco, a mulher de 47 anos lançou-se à revolução no dia 8 de novembro de 1918.

E uma vez mais contava com as “massas proletárias”. A direção do SPD, que durante quatro anos havia apoiado a matança de milhões de trabalhadores nos campos de batalha da I Guerra Mundial, foi recompensada por sua lealdade ao imperador entrando no governo no dia 3 de outubro de 1918. Acreditava naquele momento ter finalmente alcançado seu objetivo, a divisão do poder entre a velha sociedade e a *contrassociedade* proletária. Por isso, quando, em novembro de 1918, o movimento revolucionário dos soldados varreu essa divisão do poder, a direção social-democrata formou uma aliança com a direção das Forças Armadas destituídas de poder, salvando assim o militarismo para as elites alemãs.

O Grupo Spartakus, que durante anos havia trabalhado pela revolução, exercia uma influência quando muito marginal sobre ela, apesar de seu abnegado trabalho contra a guerra. Ele só começou a agir quando tudo já havia acontecido: o imperador fugira, a guerra acabara, a República fora proclamada, a jornada de trabalho de oito horas havia sido introduzida, o voto censitário das três classes na Prússia desaparecera. Tão rápido quanto havia surgido, o movimento dos soldados voltou a se desintegrar – em maridos e filhos que queriam apenas uma coisa: voltar para casa.

A esquerda em torno de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, fixada em um operariado cansado sobre o qual acreditaram por um breve período que tivesse mudado radicalmente, compreendeu tarde demais que, na sua maioria, o operariado não só não queria uma

revolução, como tampouco podia começar algo sério com a República que o movimento de soldados lhe deixara. Essa República não era filha do movimento operário. A liderança do SPD, satisfeita com a divisão do poder, não havia desejado a República. Tampouco o USPD, obcecado com o fim da guerra. Tampouco o Grupo Spartakus, que pensava na revolução anticapitalista.

Para as massas proletárias, o voto das três classes na Prússia, em termos políticos, havia sido, quando muito, um problema cuja solução teria sido igualmente possível em uma monarquia constitucional. Foi antes por descuido do que por engano que os alemães perderam a monarquia prussiana juntamente com todos os outros governantes dinásticos. Paz e pão, assim como uma situação política um pouco mais moderna, mais aberta ao mundo, era na verdade tudo o que desejavam. Em vez disso, obtiveram uma República, durante anos uma situação parecida com uma guerra civil e uma inflação galopante que expropriou a classe média até o osso, fazendo com que nas cidades as pessoas famélicas esquartejassem cavalos vivos.

Era 1923, Rosa Luxemburgo tinha havia muito virado um ícone com que o movimento, que se afastava dia a dia das ideias de sua fundadora, se enfeitava. A primeira onda da guerra civil, em janeiro de 1919, havia lhe custado a vida: quando explodiram as lutas de rua no centro de Berlim, os trabalhadores, para os quais o recém-fundado Partido Comunista Alemão não era suficientemente radical, ela – perante a alternativa de posicionar-se a favor ou contra uma ação desesperada – se decidiu pelo apoio. Sua influência permaneceu marginal; contudo, ainda hoje se fala de insurreição *spartakista*. Rosa Luxemburgo se comportou como Karl Marx em 1871, durante a Comuna de Paris. Com uma diferença: Marx estava em um refúgio seguro, vivia em Londres, ao passo que Rosa Luxemburgo caiu nas mãos de seus assassinos no bairro de Wilmersdorf. Gustav Noske (SPD), recém-nomeado comandante-chefe das Forças Armadas, havia dado sua bênção ao assassinato, como se pôde comprovar há alguns anos.

ULTRAJADA E GLORIFICADA, MAS TAMBÉM NECESSÁRIA?

Eles [Parvus e Rosa Luxemburgo] inventaram um esquema utópico e semimenchevique, o da revolução permanente (uma caricatura do modelo de revolução de Marx), atravessado por uma completa negação menchevique da política de alianças entre a classe operária e o campesinato, opondo-o ao modelo bolchevique da ditadura revolucionária-democrática do proletariado e do campesinato...

Stalin, 1931

Seus adversários, tanto os do próprio campo quanto os do campo inimigo, não perderam o medo da pequena mulher, nem sequer depois de ela estar morta. Os nazistas, já em 1933, fizeram retirar a estrela vermelha do monumento à revolução, projetado por Mies van der Rohe, que estava ao lado dos túmulos de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht em Berlin-Friedrichsfelde. Em 1935, o monumento foi totalmente demolido, assim como os túmulos. As lápides estão hoje em um museu.

Os inimigos de seu próprio campo tiveram que empregar muito mais energia. Em 1931, quando Stalin começou a “depurar” o movimento operário e a ideia do socialismo de qualquer traço de democracia, substituindo-a pelo “centralismo democrático”, um eufemismo para o sistema stalinista de obediência cega, Rosa Luxemburgo recebeu uma homenagem particularmente curiosa. Stalin lembrou-se de um construto que havia sido criado por um de seus antigos concorrentes, o presidente da Internacional Comunista²⁶ Grigori Zinoviev – o *luxemburguismo*.

²⁶ Internacional Comunista (também Terceira Internacional): 1919-1943; fundada para coordenar a revolução mundial, transformou-se, após o fim da maré revolucionária na Europa, em um instrumento da política externa soviética. Rosa Luxemburgo, pouco antes de morrer, manifestou-se incisivamente contra a formação de uma nova Internacional, depois do desmoronamento da Segunda Internacional no começo da I Guerra Mundial.

Isso era tanto mais curioso porque Rosa Luxemburgo, como vimos, excetuando sua teoria da acumulação, que hoje volta a ser discutida, nunca apresentou suas ideias teóricas de forma fechada, nem sequer sistemática, mas quase sempre desenvolveu suas posições teóricas polemizando com as ideias alheias. Não existe nenhuma construção teórica de Rosa Luxemburgo, com uma economia política, uma filosofia, uma teoria política ou uma psicologia social própria.

O legado de Rosa Luxemburgo, o que a fazia tão perigosa para o stalinismo em ascensão, não era de modo algum um sistema teórico, e sim suas posições políticas: sua implacável exigência de democracia e de vida pública no campo da esquerda, assim como sua incorruptível insistência na liberdade como condição fundamental para qualquer movimento emancipador. E, como tal coisa dificilmente poderia ser contestada, precisava-se fabricar um sistema teórico, e aí os ideólogos de Stalin atuaram de fato com conhecimento de causa e minúcia.

Eles examinaram os escritos de Lenin e de Rosa Luxemburgo atrás de declarações sobre os mais variados temas, filtraram as diferenças e, canonizando os textos de Lenin, proclamaram como “erros” todas as opiniões divergentes de Rosa Luxemburgo. Em uma última operação, esses “erros” foram sistematizados. O “*luxemburguismo*” estava pronto. O ataque contra o “modelo utópico e *semimenchevique*” de Rosa Luxemburgo foi executado quando a Internacional Comunista estava quase completamente amordaçada e ninguém mais ousava protestar.

Aliás, só com Trotsky, o rival de Stalin a quem também se atribuía um “ismo” próprio – o trotskismo, que, no entanto, seria empregado mais tarde pelos partidários de Trotsky de modo positivo, e proclamado como sua bandeira –, os stalinistas tiveram tanto trabalho. O trotskismo foi considerado uma coisa diabólica e o estigma “trotskista”, a partir de meados dos anos 1930, levava quase automaticamente ao fuzilamento, enquanto o *luxemburguismo* foi caracterizado como “*semimenchevismo*”, um atributo que só os especialistas podem decifrar sem problemas, e que se pode traduzir como “trotskismo suave”. Tratava-se de destruir a autoridade de Rosa Luxemburgo e de impedir que, na esfera de influência

stalinista, alguém em algum momento pudesse invocar sua exigência de democracia e liberdade sem correr perigo.

Em contrapartida, os stalinistas sabiam muito bem o que fazer com o cadáver de Rosa Luxemburgo, pois diferentemente de Trotsky – que ainda não havia sido assassinado –, a revolucionária Rosa Luxemburgo, “depurada” de sua obra, era útil para eles – como ícone mudo. Essa esquizofrenia – ainda que com uma tendência decrescente – foi cultivada no bloco oriental até 1989. Na República Democrática Alemã, os falsificadores dos ideais de Rosa Luxemburgo apresentavam-se, no segundo domingo de janeiro, ano após ano, em uma tribuna aquecida para serem festejados. Diante de um cenário expressamente construído para isso, em 1951, desfilaram dezenas de milhares de pessoas – longe do lugar inicial onde Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht haviam sido enterrados.

Desde 1990, no segundo domingo de janeiro, realiza-se em Berlim um desfile silencioso em memória de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht; para muitos que chegam de perto e de longe, o luto pelas duas vítimas do terror branco mescla-se com o luto pelo fracasso da esquerda no século XX, mas também, para um número não tão pequeno, pela perda do antigo poder.

Na cidade dividida entre 1948 e 1989, onde em 1919 ocorreu o assassinato, encontram-se mais monumentos dedicados a Rosa Luxemburgo do que a qualquer outra personalidade – contudo, durante muito tempo, não na praça que leva seu nome: Praça Rosa Luxemburgo, onde desde 1914 se ergue o Volksbühne [Teatro do Povo].

A primeira tentativa de construir ali um monumento foi impedida em 1951 pela direção do Partido Socialista Unificado da Alemanha. Somente em 2006 se colocou na praça um símbolo em memória de Rosa Luxemburgo. Respeitando sem dúvida a maneira como ela via a si mesma, não se queria colocá-la num pedestal, ainda que nesse lugar incomodasse menos. Em vez disso, foram inseridas no solo cem frases suas em letras de metal. Nunca saberemos se Rosa Luxemburgo não teria dado boas gargalhadas ao ver suas afirmações fundidas em bronze para a eternidade. Mas não se trata aqui de denunciar o gesto em si.

O que permanecerá dessa Rosa Luxemburgo, nascida em Zamość, Polônia, jogada nas águas do Tiergarten, em Berlim, de quem muitos conhecem certamente o nome e a história da morte, mas quanto ao resto, na maior parte das vezes, quase somente lendas? Algumas palavras-chave bastam, por agora:

Enquanto antes no meio proletário havia indícios, pelo menos temporários, de algo como uma classe, hoje em dia uma cultura e uma vida comunitária tornaram-se exceções. Solidariedade e, por conseguinte, resistência eficaz só podem – se puderem – ser produzidas pela ação, pelo movimento. Nessa perspectiva, Rosa Luxemburgo é muito estimulante, e ainda precisa ser descoberta por completo.

A ideia que hoje adquire importância cada vez maior, ainda que sua aparente banalidade seja quase assustadora, é a concepção de Rosa Luxemburgo para **movimento**. Ao entender a classe como movimento, e não como *status*, ela “depositou” uma chave para a resistência futura. Como hoje as relações tradicionais de classe se desintegram cada vez mais e são substituídas por novas frentes, a ideia de *ação conjunta como precondição para a emancipação* aparece sob uma luz diferente. Aliás, isso também é válido para a ideia de emancipação entendida como libertação da menoridade da qual o próprio ser humano é culpado, tal como formulou o filósofo da Ilustração, Immanuel Kant.

Espaço público era para Rosa Luxemburgo a primeira condição de qualquer democracia. Tirou da obscuridade para a luz com uma ira quase sagrada o que acreditava dizer respeito ao espaço público. A polêmica era o instrumento de Rosa Luxemburgo. Por essa razão, era amada por uns e odiada por outros. Nos dias de hoje, em que é normal inundar a sociedade até o cansaço com pseudoinformações e escamotear os fatos reais atrás de uma cortina de fumaça, é preciso reaprender a polêmica como remédio contra o descompromisso orgulhosamente cultivado.

Rosa Luxemburgo, aliás, encontrou seu credo em Ferdinand Lassalle, o precursor da social-democracia. Ela sempre citava, para desgosto de seus adversários, os *Realpolitiker* [políticos realistas] e intrigantes, que pensam em última análise que a política de esquerda

só pode ser estragada pela “plebe”, e que por isso a “parte séria” da política deve ser praticada no quarto dos fundos: “O ato mais revolucionário consiste em dizer sempre publicamente aquilo que é”. Dessa maneira, pode-se evidentemente fazer muitos inimigos poderosos, mas raramente amigos corajosos.

Numa época como a nossa, em que sob a bandeira da “individualização” a sociedade se decompõe em pessoas isoladas e indefesas, sem individualidade nem personalidade – incapazes de cooperar e, conseqüentemente, de resistir –, pode-se aprender o **individualismo** com Rosa Luxemburgo. Ela era uma grande individualista, às vezes até a exaltação; entretanto, sabia muito bem que o individualismo sem cooperação leva à esterilidade e à ineficácia, temendo ambas mais do que a morte.

Não menos atual é a crítica de Rosa Luxemburgo às **burocracias e organizações**. Hoje em dia, na época das grandes burocracias autosuficientes, a convicção de Rosa Luxemburgo de que as organizações se convertem em cascas inúteis, quando atuam *prioritariamente* como um fim em si, é de uma atualidade chocante. Elas sufocam qualquer tipo de movimento, qualquer tipo de vida, substituindo-os por uma existência fictícia. Isso representa o fim de qualquer intenção emancipatória. Tais organizações só são úteis para aqueles que se servem delas. E isso não aconteceu só no stalinismo.

Last but not least, Rosa Luxemburgo pertence à **literatura universal** – um espírito brilhante, sempre em busca da contradição, o que pouco se encontra na esquerda atual.

No plano político e no privado, na teoria e na prática, Rosa Luxemburgo alcançou um nível que desde então só raras vezes foi atingido, quando foi. Denunciada e difamada, ela somente é tolerável – e útil – para muitos, mesmo em nossos dias, como ícone mudo. Por isso, essa pequena grande mulher continua sendo um desafio e, sobretudo, um estímulo.



*A acumulação do capital
revisitada*



A herança econômica recalçada

Por Michael Krätke²⁷

*Habent sua fata libelli –
Livros têm seu destino*

Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci tiveram quase o mesmo destino. Amigos e inimigos a viam como teórica política elogiada ou condenada. Uma espécie de Hannah Arendt da esquerda, analista política e cabeça quente, com o dom da palavra e cheia de ideias. Porém, não foi compreendida como economista, o que era por formação, por inclinação e por atividade, e sua herança teórica, hoje quase esquecida, permanece inexplorada. No entanto, uma Rosa Luxemburgo dividida ao meio, da qual a economia política foi expulsa, serve apenas à lenda.

Sua tese de doutorado, aprovada com louvor e imediatamente publicada, versava sobre o desenvolvimento industrial da Polônia no contexto do Império Russo. Uma investigação estatística, empírica e ao mesmo tempo analítica da industrialização de uma economia anteriormente regional e agrária, um argumento econômico contra o nacionalismo polonês. Ela escreveu sua obra-prima, *A acumulação do capital*, de 1913, como “contribuição à explicação econômica do imperialismo”. Seu trabalho principal como jornalista, professora e intelectual pública consistia no esclarecimento e na crítica: esclarecimento das condições econômicas e crítica da economia abertamente política ou aparentemente apolítica do seu tempo – esclarecimento e crítica do desenvolvimento do capitalismo atual, na Europa e no mundo inteiro. Em vez de uma “teoria

²⁷ Tradução de Karin Glass. Revisão técnica de Isabel Loureiro.

da revolução”, pela qual as “novas esquerdas” sempre esperam, ela forneceu uma *Introdução à economia política*, até mesmo uma continuação da crítica marxista da economia política. Os escritos aos quais a belicosa e nobre pena de Rosa Luxemburgo deve sua fama são incompreensíveis se nos esquecermos da economista política.

TRÊS ESCRITOS POLÊMICOS

No anti-Bernstein (*Reforma social ou revolução?*), de 1899, não se trata de preferências políticas, de estratégia e tática. Trata-se centralmente e em primeiro lugar da questão de se devem ser e como devem ser julgadas as modificações estruturais do capitalismo mais recente, ou seja, desde o início da primeira Grande Depressão em 1873 – e o que essas modificações estruturais significam para o futuro do capitalismo. Bernstein é despachado por Rosa Luxemburgo como mau economista político que desconhece os fatos, ou seja, interpreta-os erroneamente, cria confusão teórica em vez de clareza, não compreendendo absolutamente o desenvolvimento recente do capitalismo. O revisionismo e o oportunismo baseavam-se em teorias econômicas errôneas, a crítica do revisionismo era a crítica da economia política no estágio do desenvolvimento capitalista atual, e a polêmica revisionista somente podia ser conduzida e decidida com argumentos econômicos. Segundo a crítica de Rosa Luxemburgo, Bernstein não entendia o que de fato tinha mudado no decorrer da Grande Depressão e durante os primeiros anos da longa prosperidade – nem o desenvolvimento mais recente das grandes empresas capitalistas, nem o desenvolvimento do sistema de crédito e dos mercados financeiros, nem as enormes mudanças no mercado mundial que levaram à corrida imperialista dos principais países capitalistas.²⁸

²⁸ Ver Rosa Luxemburgo, *Reforma social ou revolução?*. In: Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, vol. 1, p. 11ss, p. 46ss. Kautsky, Bebel, Luxemburgo, todos, inclusive seus simpatizantes no SPD, ficaram profundamente decepcionados com o livro de Bernstein.

Seu escrito sobre a greve de massas foi um trabalho pioneiro. Uma questão aparentemente apenas tática do movimento operário é tratada aí de modo exemplar, a saber, em termos econômicos e políticos. Rosa Luxemburgo analisou os primeiros dois anos (1905-06) da Revolução Russa de 1905-07 como uma sequência de lutas econômicas e políticas que se condicionavam reciprocamente e se impeliam alternadamente – e para tanto ela precisava examinar o mais recente desenvolvimento da grande indústria capitalista na Rússia, impulsionado pelo Estado absolutista. Os movimentos de massa proletária, as verdadeiras lutas de classes, tinham sua lógica, que só pode ser compreendida quando se conseguem ver as leis gerais do desenvolvimento capitalista em conexão com o respectivo contexto histórico, nacional e internacional, em mutação. O desenvolvimento capitalista dá saltos, transcorre “não em uma bela linha reta, mas em um zigue-zague grosseiro, similar a um raio”, impelido pelas contradições imanentes do capitalismo.²⁹

Também a *Brochura de Junius*, publicada em 1916 com o título de *A crise da social-democracia*, trata de economia política. Para entender o desenvolvimento que levou à catástrofe de agosto de 1914, à I Guerra Mundial, Rosa Luxemburgo analisou a constelação completa do capitalismo europeu nos seus países principais. Ela examinou sucessivamente as particularidades do desenvolvimento capitalista nesses países, que, na Europa e no mercado mundial, se encontram como grandes potências concorrentes e rivais – começando pela já contestada força hegemônica do mercado mundial, pelo capitalismo britânico e a versão britânica de imperialismo, passando pelos capitalismos francês e alemão e suas políticas coloniais, até o capitalismo austríaco, italiano e russo e suas respectivas variantes de imperialismo.³⁰ A I Guerra Mundial não era uma catástrofe natural, um acaso, mas a consequência lógica de uma determinada situação

²⁹ Rosa Luxemburgo, *Greve de massas, partido e sindicatos*. In: op. cit., p. 331.

³⁰ Rosa Luxemburgo, *A crise da social-democracia*. In: Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, vol. 2, p. 44-95.

histórica em que as “contradições do desenvolvimento capitalista” se evidenciam – podendo ser retardadas, porém, dificilmente evitadas por muito tempo.

ECONOMIA E POLÍTICA

A tese de que na obra de Rosa Luxemburgo economia e política se dissociam completamente é de John Peter Nettl. Análises políticas, escritos de combate e estudos econômicos andam lado a lado, sem nenhuma relação entre si.³¹ Isto não procede de forma alguma. Rosa Luxemburgo não se enquadra em esquemas: ela não se submete à divisão de trabalho finamente depurada e academicamente estabelecida entre, de um lado, “teóricos do Estado”, “teóricos da revolução” e, do outro, “teóricos das crises e do capitalismo”. Desde o início, ela considera o processo mundial e histórico da acumulação do capital como sendo ao mesmo tempo econômico e político. Tomadas como um todo, como um processo de desenvolvimento histórico, a acumulação capitalista e sua dinâmica específica somente podem ser compreendidas quando se tem em vista a relação do processo econômico com a violência política, da “concorrência pacífica” com a “violência ruidosa” do Estado capitalista. Apenas juntos, “interligados organicamente”, o processo econômico e a violência do Estado resultam no processo histórico da “trajetória do capital”.³² Sem formação de Estados, sem Estados territoriais centralizados, burocratizados, sem o absolutismo, seria impensável o desenvolvimento do capitalismo moderno na Europa. A formação do Estado e o desenvolvimento capitalista se condicionavam e promoviam reciprocamente; dependendo do meio histórico, a ligação dos processos econômicos com os políticos era diferente e gerava formas históricas distintas de capitalismo.

³¹ Ver John Peter Nettl, *Rosa Luxemburg*: Köln-Berlin, 1967, p. 216, 508 ss.

³² Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, vol. 2, p. 87.

ECONOMIA POLÍTICA

Rosa Luxemburgo falava mal da economia contemporânea. Em comparação com a economia clássica, os representantes da escola histórica e do “socialismo de cátedra” na Alemanha, da teoria da utilidade marginal na Inglaterra e na Áustria eram estéreis, sem teoria, metodologicamente confusos; ou seja, estavam completamente enganados. A escola histórica negava toda a teoria econômica, a escola subjetiva rejeitava o único método de pesquisa objetivo.³³ A economia acadêmica não sabia o que fazer quanto aos novos fenômenos do desenvolvimento capitalista, ou seja, insistia em afirmações absurdas – como a da imposição de uma “economia nacional” e a da importância cada vez menor do mercado mundial.³⁴ No marxismo contemporâneo reinava a estagnação, não havia progresso teórico, não tinha havido nenhuma continuação da teoria de Marx e Engels desde 1895, apesar de *O capital* de Marx ter permanecido incompleto e inacabado e de inúmeros problemas aguardarem uma revisão. A herança de Marx não era usada e seu método, fruto da crítica sistemática da economia política clássica, permanecia inutilizado. Marx tinha superado a dedução falsamente abstrata, metafísica, dos economistas clássicos, seu “método dialético” permitia reter abstrações específica e historicamente determinadas, conceituar a conexão histórica e a dinâmica do desenvolvimento de uma forma histórica determinada de economia e sociedade.³⁵

Quem ler a *Introdução à economia política* de Rosa Luxemburgo, baseada em suas aulas na Escola do Partido (SPD) em Berlim, poderá pensar que ela lecionava história econômica: ela vai do comunismo primitivo à Antiguidade, da Idade Média aos tempos atuais,

³³ Rosa Luxemburg, *Karl Marx*. In: Rosa Luxemburg, op. cit., vol. 1, p. 139.

³⁴ Rosa Luxemburg, *Hohle Nüsse [Nozes ocas]*. In: *Gesammelte Werke, [Obras completas]*, vol.1.1, Berlim: Dietz Verlag, 1982, pp. 489, 491; *Zurück auf Adam Smith! [Volta a Adam Smith!]*. In: *Gesammelte Werke*, vol. 1.1, p. 730 ss; *Aus dem literarischen Nachlass von Karl Marx [Do espólio literário de Karl Marx]*. In: *Gesammelte Werke*, vol. 1.2, p. 473.

³⁵ Rosa Luxemburg, *Zurück auf Adam Smith!*. In: vol.1.1, p. 735 s.; *Aus dem literarischen Nachlass von Karl Marx. [Do espólio literário de Karl Marx]*. In: vol. 1.2, p. 468 ss.

a época do capitalismo moderno. No fim encontra-se o futuro, as tendências do desenvolvimento da economia capitalista.³⁶

Rosa Luxemburgo critica a falta de teoria e, portanto, a superficialidade da história da economia tal como era tratada pelos protagonistas da escola histórica. Sua exposição é teoricamente refletida, ela queria reproduzir o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo moderno, a “construção da Torre de Babel capitalista”. Ela entendia a economia política como uma ciência social, particular e histórica que só pôde se desenvolver com o capitalismo moderno. Essa nova ciência foi inventada porque a realidade econômica cotidiana do capitalismo parecia, e deveria parecer, impenetrável, enigmática aos que dela participavam. Pelo fato de no capitalismo a economia “ter-se tornado um fenômeno estranho, alienado, independente de nós”, era necessário um esforço científico, eram necessárias pesquisa e formação teórica para sondar “o sentido e a regra” dessa economia social. Sem o “fetichismo”, sem o mundo de ponta-cabeça das relações de produção capitalistas, não há economia política. No caos dos acontecimentos do mercado já os economistas clássicos encontravam conexões, leis. Por detrás da confusão perturbadora das oscilações do mercado, das conjunturas e crises, era possível encontrar uma ordem dominante carregada de conflitos: o domínio do capital, uma forma característica de economia, historicamente específica, baseada na anarquia do mercado e na livre concorrência, na atomização da reprodução social, baseada em numerosos empreendimentos e domicílios privados.³⁷

Todas as categorias da economia teórica são ao mesmo tempo históricas, com alcance e validade diferentes. A crítica da economia política, a obra de Marx, rompe o fetichismo, a falsa aparência das relações econômicas “naturais”, sem validade temporal, e mostra por toda a parte o sentido e o caráter históricos das categorias que, como valor, mercadoria, dinheiro, mercado, circulação, capital, e

³⁶ Paul Levi, que publicou em 1925 os fragmentos da *Introdução [à economia política]* do espólio de Rosa Luxemburgo, caracterizou o livro como “primeiro esboço de uma abrangente história da cultura e da economia marxistas” (Paul Levi: Vorwort [Prefácio]. In: Rosa Luxemburg, *Einführung in die Nationalökonomie [Introdução à economia política]*, Berlim, 1925, p. VIII).

³⁷ Rosa Luxemburg, *Einführung in die Nationalökonomie [Introdução à economia política]*. In: Rosa Luxemburg, *Gesammelte Werke*, vol. 5, p. 576 s., 579.

assim por diante, são os elementos da teoria econômica. Na crítica, esses elementos foram ligados pela primeira vez na “teoria do desenvolvimento capitalista”, tal como se exprime na curta e adequada fórmula de Rosa Luxemburgo.³⁸ Essa teoria não está de modo algum acabada, ela contém um programa de investigação que Rosa Luxemburgo seguia de maneira consequente: se o capitalismo fosse também uma forma econômica histórica como as anteriores, ou seja, apenas “uma fase histórica passageira” do desenvolvimento social, a economia política tinha que explicar as “leis da origem, do desenvolvimento e da expansão” do capitalismo e, conseqüentemente, descobrir também “as leis da decadência do capitalismo”.

À sua investigação relativa às condições de possibilidade de desenvolvimento do capitalismo segue-se a investigação das condições nas quais ele se torna impossível, insustentável, tendo assim que sucumbir.³⁹ Para a socialista Rosa Luxemburgo este é o ponto decisivo: a crítica da economia política precisa fundamentar a “necessidade histórica objetiva do socialismo” e esta resultaria forçosamente “da impossibilidade econômica objetiva do capitalismo a certa altura do seu desenvolvimento”.⁴⁰ Para Rosa Luxemburgo, economia crítica significava determinar justamente esse limite extremo da vitalidade do capitalismo, bem como as tendências objetivas do desenvolvimento capitalista que se dirigiam para aquele limite.⁴¹

Mas ela não afirmava o colapso, a morte automática do capitalismo. Uma longa estagnação nos ramos mais importantes da indústria e dos países industrializados, e a concorrência acirrada nas esferas do investimento e dos mercados, interrompidas por crises cada vez mais violentas, levariam a revoltas políticas contra o insustentável e intolerável regime capitalista.

³⁸ Rosa Luxemburgo, *Karl Marx*. In: Rosa Luxemburgo, op. cit., vol. 1, p. 132.

³⁹ Rosa Luxemburgo, *Einführung in die Nationalökonomie*. In: *Gesammelte Werke*, vol. 5, p. 587.

⁴⁰ Rosa Luxemburgo, Anticrítica. In: *A acumulação do capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, vol. 2, p. 124 (tradução modificada).

⁴¹ Rosa Luxemburgo, *Kautskys Buch wider Bernstein [O livro de Kautsky contra Bernstein]*. In: *Gesammelte Werke*, vol. 1.1, pp. 549, 550; Anticrítica, p. 124.

A OBRA PRINCIPAL DE ROSA LUXEMBURGO – A ACUMULAÇÃO DO CAPITAL

Com sua obra *A acumulação do capital*, Rosa Luxemburgo queria nada mais, nada menos, do que corrigir um erro fundamental na teoria marxista e, ao mesmo tempo, fechar uma grande lacuna teórica. Marx havia deixado a teoria da acumulação do capital inacabada e incorreta, e também mal construída. Ela queria resolver um dos problemas centrais da teoria marxista – havia vários –, e, concomitantemente, fornecer a chave para a explicação econômica do imperialismo.⁴² Quando seu livro foi lançado, em 1913, foi duramente criticado por quase todos os teóricos marxistas da época. Não é de admirar, pois implicitamente, sem mencioná-los, Rosa Luxemburgo criticou todos eles: Rudolf Hilferding, Otto Bauer, Karl Kautsky, Parvus. Nenhum deles avançou o suficiente, nenhum deles viu o erro de Marx e por isso nenhum captou a verdadeira raiz do imperialismo.

Até o verão de 1881, Marx havia trabalhado no segundo volume d' *O capital* e não conseguira terminá-lo. Sua análise da acumulação do capital social total foi interrompida. Rosa Luxemburgo viu o problema com o qual Marx havia lutado: o problema da dinâmica do processo de acumulação, da transição da acumulação “simples” para a acumulação “acelerada”, para o crescimento do capital que inclui mudança de estrutura, progresso técnico, revolução do valor. Marx o havia mencionado no fim do primeiro volume d' *O capital*, mas não o retomou no final do segundo volume.⁴³

Rosa Luxemburgo não queria se dar por satisfeita com as “leis do movimento” do capitalismo. Ela precisava das “leis do desenvolvimento”, ou seja, da acumulação acelerada e dinâmica, tanto para a explicação das crises – na leitura de Rosa Luxemburgo, o segundo

⁴² Rosa Luxemburgo, *Anticrítica*, op. cit., p. 115.

⁴³ Para tanto ele tomou emprestada de Sismondi a imagem de uma espiral que vai se abrindo para cima. Rosa Luxemburgo queria examinar exatamente as sinuosidades dessa espiral e determinar o fim desse processo de crescimento histórico.

volume d' *O capital* era o ponto-chave para a explicação teórica das crises no capitalismo – como, também, para a determinação dos limites imanentes que o próprio mecanismo da acumulação do capital teria que colocar à expansão do capitalismo. A solução esboçada por Marx não era suficiente, ela queria uma explicação condizente com o “verdadeiro processo histórico do desenvolvimento capitalista” – e, assim, rejeitando os pressupostos marxistas, fez explodir a lógica dos esquemas de reprodução.

Com um salto audacioso ela remeteu a problemática geral para o plano do mercado mundial, portanto para onde, também na concepção de Marx, o mundo capitalista e seu meio histórico se encontram com o mundo das sociedades e economias *não-capitalistas*. Lá ela pensava ter encontrado a solução histórica e logicamente compatível para o problema da acumulação: apenas pela expansão no interior de espaços *não-capitalistas* a economia capitalista como um todo podia realizar a mais-valia crescente (ou seja, sua parte destinada à acumulação), e assim conseguir uma acumulação acelerada.

É facilmente compreensível por que este achado tinha que entusiasmar Rosa Luxemburgo. Em termos históricos e na escala do globo terrestre, os espaços *não-capitalistas* são finitos. Para torná-los úteis para os fins da acumulação, o capitalismo em expansão precisava destruir as formas econômicas *não-capitalistas* nesses espaços. Quanto mais sucesso ele tivesse, tanto maior o ímpeto da acumulação, tanto mais urgente a necessidade de mais espaços *não-capitalistas* para a conquista e a capitalização total, e tanto mais enfurecida a luta entre as potências capitalistas pelos espaços *não-capitalistas* restantes, que encolhem inexoravelmente. Com o tempo, a continuação da acumulação capitalista iria tornar-se impossível por falta de espaços *não-capitalistas*. Quanto mais bem-sucedida fosse a expansão capitalista, tanto mais isso ocorreria. Sem outras formas econômicas *não-capitalistas* como meio e substrato, o capitalismo não poderia existir, como tampouco poderia existir sem uma constante expansão. Por fim, o capitalismo pereceria por causa dessa contradição, por causa da sua tendência imanente

“a impor-se como forma universal” e da “incapacidade intrínseca de existir como forma de produção universal”.⁴⁴ Com isso, o fim do capitalismo era determinável, até mesmo previsível, mesmo que o verdadeiro processo histórico ainda pudesse durar décadas e gerações.

A crítica de Rosa Luxemburgo a Marx era incorreta, falha e extremamente vulnerável dos pontos de vista metodológico e teórico. Sua solução do problema da acumulação não era isenta de erros, sendo, além do mais, incompleta. Seus críticos se encontravam em uma posição cômoda. Ela não formulou uma teoria do subconsumo das crises, e falta por completo uma apresentação dos ciclos e das crises do mercado mundial. Apenas uma pequena parte do livro – sete de 32 capítulos, menos de um quarto do texto – é dedicada à análise do imperialismo, à penetração capitalista nos espaços *não-capitalistas*. Apesar disso, é justamente esse o seu ponto forte – a investigação detalhada dos métodos com os quais economias *não-capitalistas* são transformadas em economias capitalistas.

Nesse processo de transformação, o Estado desempenha um papel central, tal como no processo da assim chamada acumulação primitiva na Europa. Que o processo de expropriação, de destruição violenta de formas camponesas de economia, formas de propriedade pré-capitalistas e *não-capitalistas*, faz parte da história do capitalismo desde o início até hoje; que as nações capitalistas desenvolvidas se enriquecem continuamente à custa dos países e regiões da Terra onde a forma de produção capitalista ainda não domina, ou domina apenas parcialmente; que todo o mercado mundial capitalista, inclusive o de países e regiões que, como colônias ou semicolônias, fazem parte dos “impérios” dos principais países capitalistas, constitui uma relação de exploração – são ideias que devemos a Rosa Luxemburgo.

Podemos ler sua análise da transformação dos espaços *não-capitalistas* como o início de uma explicação para o empobrecimento dos países coloniais, portanto, como uma teoria do “subdesenvolvimento” causado pela expansão capitalista. Podemos ampliar

⁴⁴ Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital*, op. cit., p. 98.

sem receio a tese central de Rosa Luxemburgo e generalizá-la como conceito de um “açambarcamento de terras” (“Landnahme”) capitalista, que pode ser aplicado a espaços *não-capitalistas*, tanto fora quanto dentro dos limites dos principais países capitalistas. Muitos sociólogos e historiadores fizeram o mesmo. Com o militarismo, o armamento constante e a indústria de armamentos em expansão nos principais países capitalistas, Rosa Luxemburgo discutiu pela primeira vez, casualmente, a possibilidade da criação artificial, pelo Estado, de um “terceiro mercado”, criado artificialmente com o dinheiro dos contribuintes para a produção capitalista nesses países. Como o imperialismo e o colonialismo não podem viver sem frota nem exército, ambas formas de “terceiros mercados”, as colônias e a indústria de armamentos estão ligadas. Depois da II Guerra Mundial, no contexto da corrida armamentista entre as potências nucleares, muitos economistas marxistas retomaram a ideia de Rosa Luxemburgo sobre uma acumulação acelerada do capital, por meio da produção de armamentos paga com impostos e créditos públicos.

Por último, mas não menos importante: com sua crítica a Marx, Rosa Luxemburgo estimulou um longo debate entre os economistas marxistas, que continuou até os anos 1940. No decorrer desse debate, por meio de muitas contribuições individuais, os esquemas marxistas da “reprodução ampliada” originais, incompletos e, em parte, incorretos foram reformulados, aperfeiçoados, ampliados e completados. Na teoria do processo de acumulação existe uma linha que vai de Rosa Luxemburgo através de seus críticos – como Otto Bauer e Nikolai Bukharin – até Michał Kalecki. Com Rosa Luxemburgo tem início a teoria marxista do crescimento econômico capitalista, que antecipa e supera em muito a análise keynesiana do crescimento capitalista.

Imperialismo ocidental versus comunismo primitivo – *Uma releitura dos escritos econômicos de Rosa Luxemburgo*

Por Michael Löwy⁴⁵

A discussão sobre as teorias de Rosa Luxemburgo sobre o imperialismo tem se concentrado principalmente no aspecto econômico: os esquemas de reprodução, o processo de circulação, a necessidade dos mercados externos etc. Há, porém, outra dimensão, no mínimo tão importante quanto essa: a luta do imperialismo contra as economias pré-capitalistas, a destruição implacável das economias “naturais” e camponesas, muitas delas formas de *comunismo primitivo*. O interesse de Rosa Luxemburgo pelas sociedades comunistas primitivas encontra-se documentado em sua *Introdução à economia política* e a guerra imperialista contra elas é discutida tanto nessa obra quanto nos últimos capítulos de *A acumulação do capital*. Uma abordagem totalmente original da evolução das formações sociais, contrariando o ponto de vista “progressista” linear da ideologia burguesa, é feita nessas reflexões.

Um aspecto raramente discutido dos escritos econômicos de Rosa Luxemburgo é seu interesse apaixonado pelas comunidades pré-capitalistas. Começamos com sua *Introdução à economia política*, obra publicada por Paul Levi em 1925. O manuscrito foi redigido na prisão em 1914-1915 com base nas notas dos cursos de economia política dados por ela na Escola do Partido Social-Democrata da Alemanha (1907-1914). Apesar de ser um texto inacabado,

⁴⁵ Tradução de Isabel Loureiro.

é surpreendente que os capítulos dedicados à sociedade comunista primitiva e sua dissolução ocupem mais espaço do que o conjunto dos capítulos dedicados à produção mercantil e à economia capitalista. Essa maneira inabitual de abordar a economia política é provavelmente a razão pela qual a obra foi ignorada pela maioria dos economistas marxistas (Ernest Mandel, autor do prefácio da edição francesa, é uma exceção) e mesmo pelos biógrafos de Rosa Luxemburgo (salvo Paul Frölich). Já o Instituto Marx-Engels-Lenin-Stalin de Berlim Oriental, responsável pela reedição do texto em 1951, afirma no prefácio que o livro é uma “apresentação popular das características fundamentais do modo de produção capitalista”, esquecendo que praticamente metade é consagrada às formações pré-capitalistas. De fato, o tema central do livro consiste na análise das formações sociais designadas por ela como *sociedades comunistas primitivas* e de sua oposição à sociedade capitalista de mercado.⁴⁶ Uma abordagem totalmente original da evolução das formações sociais é desenvolvida neste texto, em oposição à concepção linear e evolucionista do “progresso”.

Qual será a razão do interesse de Rosa Luxemburgo pelas assim chamadas comunidades “primitivas”? Por um lado, é evidente que ela procura utilizar a existência dessas antigas sociedades comunistas como um meio de abalar e até mesmo de destruir “a velha noção do caráter eterno da propriedade privada e de sua existência desde o começo do mundo”. É por causa da incapacidade de conceber a propriedade comunal, e da incompreensão em relação a tudo o que não se assemelhe à civilização capitalista, que os economistas burgueses se recusaram obstinadamente a reconhecer o fenômeno histórico

⁴⁶ O exemplar que estou usando tem uma história curiosa. É uma seleção dos escritos de Rosa Luxemburgo publicada pelo Marx-Engels-Lenin-Stalin Institut beim ZK der SED [Instituto Marx-Engels-Lenin-Stalin do Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha], com um prefácio de Wilhelm Pieck, o líder stalinista da RDA, seguido de introduções de Lenin e Stalin enfatizando os vários “erros” da revolucionária judia polonesa-alemã. Comprei este exemplar em um sebo em Tel Aviv e descobri que tinha uma dedicatória manuscrita com as seguintes palavras: “Desculpe, não pudemos encontrar uma edição das obras de R.L. sem esta ‘introdução’ supérflua. Saudações cordiais, Tamara e Isaac. Throttle Green, 25 de agosto de 1957”. Evidentemente, os autores da frase eram Tamara e Isaac Deutscher.

das comunidades. Por outro lado, Rosa Luxemburgo⁴⁷ vê o comunismo primitivo como um ponto de referência histórico precioso para criticar o capitalismo, desvelar seu caráter irracional, reificado, anárquico, e trazer à luz a oposição radical entre valor de uso e valor de troca.⁴⁸ Assim sendo, o objetivo de Rosa Luxemburgo, pelo menos até certo ponto, consiste em encontrar e “salvar” do passado primitivo tudo o que possa prefigurar o socialismo moderno.

Como Marx e Engels, Rosa Luxemburgo estuda atentamente os escritos do historiador Georg Ludwig von Maurer sobre a antiga comuna germânica (“marca”); como eles, fica maravilhada com o funcionamento democrático e igualitário dessa formação e com sua *transparência social*: “Não é possível imaginar nada de mais simples e harmonioso do que o sistema econômico das antigas marcas germânicas. Todo o mecanismo da vida social funciona à vista de todo o mundo. Um plano rigoroso e uma organização robusta determinam a atividade de cada um e o integram como um elemento do todo. As necessidades imediatas da vida quotidiana e sua satisfação igual para todos, tal é o ponto de partida e o coroamento dessa organização. Todos trabalham em conjunto para todos e decidem em conjunto a respeito de tudo. De onde provêm e em que se fundam essa organização e o poder da coletividade sobre o indivíduo? Do comunismo do solo, quer dizer, da posse em comum do mais importante meio de produção pelos trabalhadores”⁴⁹.

Rosa Luxemburgo destaca as características dessa formação comunitária que a *opõem ao capitalismo* e a tornam, em certos aspectos, humanamente superior à civilização burguesa moderna: “Portanto, há dois mil anos e até mesmo antes (...) reinava entre os povos germânicos um estado de coisas fundamentalmente diferente

⁴⁷ Luxemburgo, Rosa. *Einführung in die Nationalökonomie [Introdução à economia política]*, 1955 [1925]. In: *Ausgewählte Reden und Schriften [Discursos e escritos escolhidos]*, Berlim: Dietz Verlag, 2ª edição, p. 513.

⁴⁸ Como observa Ernest Mandel no prefácio à tradução francesa, “a explicação das diferenças fundamentais entre uma economia fundada na produção de valores de uso, destinada a satisfazer às necessidades dos produtores, e uma economia fundada na produção de mercadorias, ocupa a maior parte da obra”. (In *Rosa Luxemburgo*, 1970, [1925], *Introduction à l'économie politique*, Paris, Anthropos, p. XVIII).

⁴⁹ Luxemburgo, Rosa, op. cit., 1955, p. 580.

da situação atual. Nada de Estado com leis coercitivas escritas, nada de divisão entre ricos e pobres, entre senhores e trabalhadores”.⁵⁰

Apoiando-se nos trabalhos do historiador russo Maxime Kovalevsky, pelo qual Marx já havia manifestado vivo interesse, Rosa Luxemburgo insiste na *universalidade* da comuna agrária como forma geral da sociedade humana em um determinado estágio de seu desenvolvimento, um estágio que se encontra não só entre os indígenas americanos, os incas e os astecas, mas também entre os cabilas, as tribos africanas e os hindus. O exemplo peruano parece-lhe ser particularmente significativo, levando-a a sugerir uma comparação entre a *marca* inca e a sociedade “civilizada”: “A arte moderna de se alimentar exclusivamente pelo trabalho dos outros e de fazer da ociosidade o atributo do poder era estranha a essa organização social, na qual a propriedade comum e a obrigação geral de trabalhar constituíam costumes populares profundamente enraizados”. Ela manifesta também sua admiração pela “incrível resistência do povo indígena e das instituições comunistas agrárias cujos vestígios, apesar das condições, conservaram-se até o século XIX”.⁵¹ Cerca de vinte anos mais tarde, o eminente pensador marxista peruano José Carlos Mariátegui desenvolve uma tese que apresenta convergências impressionantes com as ideias de Rosa Luxemburgo, embora muito provavelmente desconhecesse suas observações sobre o Peru: para ganhar as massas camponesas, o socialismo moderno deve se apoiar nas tradições indígenas que remontam ao comunismo inca.

Nesse domínio, o autor mais importante para Rosa Luxemburgo, assim como para Marx e Engels, é o antropólogo americano Lewis Morgan. Partindo de sua obra clássica *Ancient Society* (1877), ela vai mais longe que Marx e Engels, desenvolvendo toda uma visão grandiosa da história, uma concepção heterodoxa da evolução milenar da humanidade, em que a civilização contemporânea “com sua propriedade privada, sua dominação de classe, sua dominação masculina, seu Estado

⁵⁰ Luxemburg, Rosa, op. cit., 1955, p. 501.

⁵¹ Luxemburg, Rosa, op. cit., 1955, pp. 584, 601.

e casamento coercitivos” aparece como um mero parêntese, uma transição entre a sociedade comunista primitiva e a sociedade comunista do futuro. A ideia revolucionária do vínculo entre o passado e o futuro encontra-se no âmago desse horizonte visionário: “A nobre tradição do passado longínquo estendia assim a mão às aspirações revolucionárias do futuro, o círculo do conhecimento fechava-se harmoniosamente e, nessa perspectiva, o mundo atual da dominação de classe e da exploração que pretendia ser o *nec plus ultra* da civilização, o objetivo supremo da história universal, não era mais do que uma minúscula etapa temporária da grande marcha civilizacional da humanidade”.⁵²

Desse ponto de vista, Rosa Luxemburgo observa a colonização europeia dos povos do “Terceiro Mundo” como um empreendimento fundamentalmente desumano e socialmente destrutivo. A ocupação inglesa da Índia foi um exemplo revelador: saqueou e destruiu as estruturas agrárias tradicionais, com consequências trágicas para os camponeses. Rosa Luxemburgo partilha com Marx a convicção de que o imperialismo leva o progresso econômico às nações colonizadas, embora utilizando “os métodos ignóbeis de uma sociedade de classes”.⁵³ Mas enquanto Marx, sem esconder sua indignação com tais métodos, enfatizava o papel *economicamente progressista* das estradas de ferro introduzidas pela Inglaterra na Índia, Rosa Luxemburgo insiste, sobretudo, nas consequências socialmente destrutivas do “progresso” capitalista: “Os antigos vínculos foram rompidos, o pacífico isolamento do comunismo das aldeias foi aniquilado e substituído pelas querelas, a discórdia, a desigualdade e a exploração. Daí resultaram enormes latifúndios de um lado, e, de outro, uma enorme massa de milhões de arrendatários sem meios. A propriedade privada entrou na Índia e com ela o tifo, a fome e o escorbuto, como hóspedes permanentes das planícies do Ganges”.⁵⁴

⁵² Luxemburg, Rosa, op. cit, 1955, p. 523.

⁵³ Luxemburg, Rosa, op. cit, 1955, p. 634.

⁵⁴ Luxemburg, Rosa, op. cit, 1955, p. 509.

Essa diferença em relação a Marx corresponde provavelmente a uma etapa histórica distinta, que permitiu uma nova maneira de olhar os países colonizados, mas é também a expressão da sensibilidade particular de Rosa Luxemburgo em relação às qualidades sociais e humanas das comunidades primitivas.

Esse argumento é desenvolvido não só na *Introdução à economia política*, mas também n' *A acumulação do capital*, em que critica novamente o papel histórico do colonialismo inglês e manifesta sua indignação com o desprezo criminoso dos conquistadores europeus em relação ao antigo sistema de irrigação. O capital, na sua cega e desenfreada ganância, “é incapaz de ver suficientemente longe para reconhecer o valor dos monumentos econômicos de uma antiga civilização”; a política colonial provocou o declínio desse sistema tradicional e, como resultado, em 1867 a fome começou a fazer milhões de vítimas na Índia. Quanto à colonização francesa na Argélia, ela é, no seu entender, caracterizada pela tentativa sistemática e deliberada de destruir e deslocar a propriedade comunal, levando à ruína econômica da população indígena.⁵⁵

No capítulo 27 de *A acumulação do capital* – “A luta contra a economia natural” –, ela mostra que todos os empreendimentos coloniais europeus compartilham a mesma política brutal de extirpar as estruturas sociais indígenas pré-capitalistas: “Como as organizações sociais primitivas dos nativos constituem os baluartes na defesa dessas sociedades, bem como as bases materiais de sua subsistência, o capital serviu-se, de preferência, do método da destruição e da aniquilação sistemáticas e planejadas dessas organizações sociais *não-capitalistas*, com as quais entra em choque por força da expansão por ele pretendida. (...) Cada nova expansão colonial se faz acompanhar, naturalmente, de uma guerra encarniçada dessas, do capital contra as relações econômico-sociais, assim como pela desapropriação violenta de seus meios de produção e pelo roubo de sua força de trabalho.”⁵⁶

⁵⁵ Luxemburgo, Rosa. *The accumulation of capital*, Londres: Routledge and Kegan Paul, 1951, [1913], pp. 376, 380.

⁵⁶ Luxemburgo, Rosa. *A acumulação do capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, vol. 2, pp. 32-3.

Marx já havia denunciado n’*O capital* – no capítulo sobre a acumulação primitiva – a violência da política colonial. O novo argumento sugerido por Rosa Luxemburgo é que a “acumulação primitiva” é um *traço permanente da expansão imperialista* do século XVI aos dias de hoje: “O capital não conhece outra solução que não a da violência, um método constante da acumulação capitalista no processo histórico, não apenas por ocasião de sua gênese, mas até mesmo hoje. (...) O método da violência é a consequência direta do choque que se estabelece entre o capitalismo e as formações que, na economia natural, interpõem barreiras à sua acumulação. (...) A política desenvolvida pelos ingleses na Índia e a dos franceses na Argélia constituem exemplos clássicos do emprego desses métodos capitalistas nas colônias”⁵⁷.

Embora nesse capítulo e na maior parte do livro o principal conceito usado por Rosa Luxemburgo para definir essas estruturas indígenas pré-capitalistas seja o de “economia natural”, ela se refere também ocasionalmente a *comunismo* quando descreve a “antiquíssima organização econômica dos indianos – a comunidade aldeã comunista”, a qual “manteve-se intacta por milênios, sob várias formas, passando por um longo processo de transformação interna, mas resistindo a todas as tempestades ocorridas nas ‘regiões nebulosas da política’”, até que finalmente foi destruída pelo colonialismo britânico⁵⁸. Ou quando discute a política colonial francesa no norte da África, que durante meio século perseverou na “destruição planejada e consciente da propriedade comunal e sua repartição”, mas finalmente “falhou por pretender, de um só golpe, introduzir a propriedade privada burguesa em uma organização familiar comunista agrária”⁵⁹.

A maioria dos exemplos discute o colonialismo europeu, mas ela traça um paralelo com as políticas expansionistas dos Estados Unidos e de sua guerra cruel contra as comunidades

⁵⁷ Tradução brasileira modificada. Luxemburgo, Rosa op.cit. 1988, pp.37,42.

⁵⁸ Luxemburgo, Rosa, op. cit., 1988, p.33.

⁵⁹ Luxemburgo, Rosa, op. cit., 1988, pp.39, 41.

indígenas: “Sob a presidência de Monroe, o Congresso da União decidiu, em 1825, transferir os índios do leste do Mississipi para o oeste. Os peles-vermelhas – ou pelo menos os que restaram das carnificinas das quarenta guerras indígenas – resistiram bravamente, mas acabaram sendo expulsos como ladrões, impelidos para o oeste como manadas de búfalos e enfiados em ‘reservas’ qual animais enjaulados”.⁶⁰

Para além de quaisquer exemplos específicos, Rosa Luxemburgo denunciou todo o sistema colonial – independentemente de ser espanhol, português, holandês, inglês, americano ou alemão, na África, na Ásia e nas Américas. Ela adotou o ponto de vista das vítimas da modernização capitalista, como enfatiza na *Introdução à economia política*: “Para todos os povos primitivos nos países coloniais, a passagem de seu estado comunista primitivo ao capitalismo moderno ocorreu como uma catástrofe súbita, como um desastre indizível acompanhado dos mais atrozes sofrimentos”.⁶¹

Para ela, a luta dos povos indígenas contra a metrópole imperial mostrava admiravelmente a resistência tenaz das velhas tradições comunistas contra a busca ávida de lucros, brutalmente imposta pela europeização capitalista. A burguesia instintivamente pressentiu uma sombria conexão entre essa resistência do antigo comunismo e o “novo evangelho das massas proletárias” na Europa. Assim, em 1873, a Assembleia Nacional Francesa – apenas alguns anos depois do massacre da Comuna de Paris – insistiu que as antigas formas da propriedade comunal na Argélia deveriam ser aniquiladas, pois “favoreciam nos espíritos o desenvolvimento de tendências comunistas”.⁶² Lendo nas entrelinhas pode-se discernir aqui a ideia de uma aliança entre a luta anticolonial dos povos colonizados e a luta anticapitalista do proletariado moderno, como uma convergência revolucionária entre o antigo e o novo comunismo.

Quer isso dizer, como acredita Gilbert Badia – autor de uma notável biografia de Rosa Luxemburgo e um dos raros autores a

⁶⁰ Luxemburgo, Rosa, op. cit., 1988, pp.53, 54.

⁶¹ Luxemburgo, Rosa, op. cit., 1955, p.525.

⁶² Luxemburgo, Rosa, op. cit., 1955, pp.525, 661.

examinar criticamente esse aspecto de sua obra –, que ela apresenta as estruturas antigas das sociedades colonizadas de modo excessivamente rígido, em um “contraste em preto e branco com o capitalismo”? Segundo Badia, Rosa Luxemburgo opõe essas antigas comunidades, “dotadas de todas as virtudes e concebidas como quase imóveis”, à “função destrutiva de um capitalismo que já não tem absolutamente nada de progressista. Estamos longe da burguesia conquistadora evocada por Marx no *Manifesto*”.⁶³

Essas objeções nos parecem injustificadas pelas seguintes razões: (1) Rosa Luxemburgo não concebe as antigas comunidades como imóveis ou congeladas; pelo contrário, mostra suas contradições e transformações. Sublinha que “por sua própria evolução interna, a sociedade comunista primitiva conduz à desigualdade e ao despotismo”.⁶⁴ (2) Ela não nega o papel economicamente progressista do capitalismo, mas denuncia os aspectos “ignóbeis” e socialmente regressivos da colonização capitalista. (3) Embora destaque os aspectos mais positivos do comunismo primitivo, em contraste com a civilização burguesa, não deixa de apontar suas falhas e limitações: horizonte localmente restrito, baixo nível de produtividade do trabalho e do desenvolvimento civilizador, impotência diante da natureza, violência brutal, estado de guerra permanente entre comunidades, etc.⁶⁵ (4) Com efeito, a abordagem de Rosa Luxemburgo é muito diferente daquela do hino à burguesia de Marx em 1848; em compensação, está muito próxima do espírito do capítulo 31 d’*O capital* (“Gênese do capitalismo industrial”), em que Marx descreve as “barbaridades” e “atrocidades” da colonização europeia.

Além disso, no tópico sobre a comuna rural russa, a perspectiva de Rosa Luxemburgo é muito mais crítica que a de Marx. Partindo das análises de Engels sobre o declínio da *obschtchina* no fim do século XIX, ela enfatiza os limites históricos das comunidades

⁶³ Rosa Luxemburg, *journaliste, polémiste, révolutionnaire*, Paris: Editions Sociales, 1975, pp. 498 - 501.

⁶⁴ Luxemburg, Rosa, op. cit., 1955, p. 632.

⁶⁵ Luxemburg, Rosa, op. cit., 1955, pp. 585, 586.

tradicionais em geral e a necessidade de sua superação.⁶⁶ E, com os olhos postos no futuro, ela se separa dos populistas russos, insistindo na “diferença fundamental entre a economia socialista mundial do futuro e os grupos comunistas primitivos da pré-história”.⁶⁷

Seja como for, os escritos de Rosa Luxemburgo sobre esse tema são muito mais do que um olhar erudito para a história econômica: eles sugerem *outra maneira* de conceber o passado e o presente, a historicidade social, o progresso e a modernidade. Confrontando a civilização industrial capitalista com o passado comunitário da humanidade, Rosa Luxemburgo rompe com o evolucionismo linear, o “progressismo” positivista e todas as banais interpretações “modernizadoras” de Marx dominantes em sua época.

As atuais lutas dos indígenas, na América Latina, contra as multinacionais do petróleo ou da mineração ilustram a atualidade da argumentação de Rosa Luxemburgo no século XXI. Serão as comunidades indígenas do Peru, da Bolívia e do Equador, ou da floresta amazônica do Peru e do Brasil relíquias do “comunismo primitivo”? Em todo caso, é em nome de suas tradições comunitárias e de suas formas de organização social e econômica coletiva, em harmonia com o meio-ambiente, que elas – assim como suas irmãs em outros continentes – lutam contra os empreendimentos destrutivos feitos em nome do “crescimento”, da “modernização” ou do “progresso” em benefício das empresas locais ou multinacionais do agronegócio, companhias petrolíferas e grandes pecuaristas. A resistência das comunidades camponesas e indígenas contra formas brutais e violentas de *acumulação primitiva permanente* continua em nossos dias.

⁶⁶ Luxemburg, 1955, p. 621. “Com a comunidade rural russa, o destino movimentado do comunismo agrário primitivo se esgota, o círculo se fecha. Começando como um produto natural da evolução social, como a melhor garantia do progresso econômico, da prosperidade material e intelectual da sociedade, a comunidade agrária tornou-se um instrumento de atraso político e econômico. O camponês russo vergastado pelos membros de sua própria comunidade a serviço do absolutismo tsarista é a mais cruel crítica histórica dos estreitos limites do comunismo primitivo e a expressão mais impressionante do fato de que a forma social também está submetida à regra dialética: a razão torna-se contrassenso; o benéfico, flagelo.”

⁶⁷ Luxemburg, Rosa, op. cit., 1955, p. 575.

A menos eurocêntrica de todos *Rosa Luxemburgo e a acumulação primitiva permanente*

Por Isabel Loureiro⁶⁸

*A civilização burguesa imperialista
está num beco sem saída.
Deste beco não temos que participar –
os bugres das baixas latitudes e adjacências.*

Mário Pedrosa,
Discurso aos tupiniquins ou nambás, 1975.

A acumulação do capital, de Rosa Luxemburgo (1913), foi criticada por várias gerações de economistas. Mesmo os que simpatizam com suas ideias reconhecem o fracasso da solução encontrada por ela para os problemas da teoria da acumulação de Marx. No entanto, existem outras leituras que deixam de lado os erros técnicos e teóricos da obra para enfatizar que Rosa Luxemburgo foi a primeira teórica marxista a compreender o capitalismo como um sistema mundial. Nessa perspectiva, ela aparece como a teórica que pela primeira vez deu lugar permanente, na civilização ocidental, aos países da periferia do capitalismo, não somente porque serviram como fonte de acumulação primitiva do capital, mas porque, desde a época da colonização até agora, foram um elemento imprescindível do desenvolvimento capitalista mundial. Essa novidade foi reconhecida na América Latina dos anos 1970 por intelectuais marxistas não-stalinistas que se deram conta de que Rosa Luxemburgo havia

⁶⁸ Uma versão modificada deste texto foi apresentada na conferência pelo 140º aniversário do nascimento de Rosa Luxemburgo em Moscou (5-6.10.2011) e no Colóquio Internacional “Pós-colonialismo? Conhecimento e política dos subalternos” (USP, 17-19.9.2013).

tido uma intuição original (que não desenvolveu) ao enfatizar a unidade dialética entre metrópole e periferia: o sistema capitalista mundial, no seu processo de constituição histórica, gerava o subdesenvolvimento na periferia como um aspecto complementar do desenvolvimento nos países centrais. Nesse sentido, ela teria antecipado em 60 anos as conclusões às quais chegou a teoria da dependência.

A grande originalidade de Rosa Luxemburgo, que não foi levada em conta pelo marxismo ortodoxo no século XX, consiste em ter percebido que “a pilhagem que ocorre nos países coloniais por parte do capital europeu”, que Marx restringia ao período da “acumulação primitiva”, é uma característica do capitalismo “mesmo em sua plena maturidade”.⁶⁹ Nas suas palavras: “(...) já não se trata de acumulação primitiva, mas de um processo que prossegue inclusive em nossos dias. (...) O capital não conhece outra solução que não a da violência, um método constante da acumulação capitalista no processo histórico, não apenas por ocasião de sua gênese, mas até mesmo hoje. Para as sociedades primitivas, no entanto, trata-se, em qualquer caso, de uma luta pela sobrevivência; a resistência à agressão tem o caráter de uma luta de vida ou morte levada até o total esgotamento ou aniquilação”.⁷⁰

Assim, nas leis da acumulação do capital, Rosa Luxemburgo acredita ter encontrado as raízes econômicas do imperialismo que, no seu entender, “não é senão um método específico da acumulação”.⁷¹ Na boa formulação de Paul Singer, para quem a posição de Rosa Luxemburgo é diferente da de Lenin: “Para ela, o imperialismo *não* é um estágio do capitalismo, é uma característica central do próprio capitalismo desde sempre. Desde o início, o capitalismo precisou capturar mercados externos para ter a razão de ser da própria expansão. O capitalismo se expande via Estado, via

⁶⁹ Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital*, São Paulo, Nova Cultural, 1988, vol. 2, p. 28, tradução modificada.

⁷⁰ Idem, pp. 32, 33.

⁷¹ *Die Akkumulation des Kapitals oder Was die Epigonen aus der Marxschen Theorie gemacht haben – eine Antikritik*. [A acumulação do capital ou o que os epígonos fizeram da teoria marxista: uma anticrítica] In: Rosa Luxemburg, *Gesammelte Werke* 5, Berlim, Dietz Verlag, 1985, p. 431.

conquista, transforma economias naturais que não são mercantis em economias de mercado. (...) Esse tipo de interpretação, a meu ver, é extremamente fecundo e interessante para se aplicar a um país como o Brasil”.⁷²

A posição de Rosa Luxemburgo a favor dos países periféricos – segundo Mário Pedrosa, “o espírito menos *européu-centrista* de todos”⁷³ – foi um dos fatores que estimularam o interesse dos socialistas latino-americanos por sua obra. Enquanto para Marx os lucros procedentes das colônias eram só um elemento entre outros similares que explicavam a acumulação primitiva, para Rosa Luxemburgo, como já foi dito, as regiões *não-capitalistas* ocupavam uma função necessária no desenvolvimento das metrópoles.⁷⁴

Já na década de 1970, Mário Pedrosa⁷⁵ se inspira nessa obra de Rosa Luxemburgo para analisar a crise daquela época e admite que ela estava certa quando dizia que os métodos violentos da “acumulação primitiva”, combinados com a força do dinheiro e da corrupção, continuavam a ser necessários à reprodução ampliada do capital. Esse mecanismo de “acumulação primitiva”, que associa antigas formas de expropriação (privatização da terra e expulsão da população camponesa, mercantilização da força de trabalho e supressão de formas de produção e consumo autóctones, apropriação de recursos naturais etc.) com novos mecanismos de mercantilização em todos os domínios, é o que David Harvey chama de “acumulação por expropriação”.⁷⁶ Para dar o passo que atualiza a concepção de Rosa Luxemburgo, Harvey cita a passagem em que ela se refere à acumulação do capital como apresentando dois aspectos distintos: um, formalmente pacífico, que se realiza

⁷² Paul Singer, *A teoria da acumulação do capital em Rosa Luxemburgo*. In: Isabel Loureiro e Tullo Vigevani (org.), *Rosa Luxemburgo, a recusa da alienação*, op. cit., p.85. Também Mário Pedrosa, para quem a abordagem de Rosa Luxemburgo tinha uma “profunda originalidade”, entende que para ela o imperialismo era “o primeiro ato de nascimento do capitalismo” (Pedrosa, op. cit., p. 69).

⁷³ Op. cit, p. 17.

⁷⁴ Cf. Fritz Weber, *Implicaciones políticas de la teoría del derrumbe de Rosa Luxemburgo*. In: J. Trias, M. Monereo (org.), *Rosa Luxemburgo – actualidad y clasicismo*, El Viejo Topo, s/d, p. 54.

⁷⁵ *A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

⁷⁶ David Harvey, *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.

nos “locais produtores de mais-valia”; o outro, que se realiza “entre o capital e as formas de produção *não-capitalistas*. Seu palco é o cenário mundial. Aqui reinam como métodos a política colonial, o sistema internacional de empréstimos, a política das esferas de interesse, as guerras. Aqui a violência, a fraude, a repressão, o saque se apresentam de maneira totalmente aberta e sem disfarces, dificultando, sob esse emaranhado de atos de violência política e demonstrações de força, a descoberta das leis férreas do processo econômico”.⁷⁷ E Rosa Luxemburgo conclui (trecho que Harvey não cita) dizendo que economia e política estão intrinsecamente ligadas: “Na realidade, a violência política é também aqui somente o veículo do processo econômico; ambos os aspectos da acumulação do capital estão organicamente ligados pelas condições de reprodução do capital, apenas juntos fornecem a carreira histórica do capital”.⁷⁸

Tendo em mente a observação de Rosa Luxemburgo sobre a permanência da acumulação primitiva, Harvey também constata que as práticas predatórias e violentas que ocorreram na Europa entre os séculos XV e XVIII, descritas por Marx (remoção dos camponeses de suas terras, mercantilização da força de trabalho, trabalho forçado, comércio de escravos, fim dos *commons*, extração do ouro e da prata e aniquilamento dos povos indígenas na América, apropriação violenta de ativos, inclusive de recursos naturais, sistema de crédito), não são restritas a uma etapa original do capitalismo, que inclusive não são externas ao capitalismo como sistema fechado, como supunha Rosa Luxemburgo (ou seja, a violência é intrínseca, cada vez mais, ao próprio processo de trabalho), mas fazem parte desse processo em andamento. Os exemplos são irrefutáveis: expulsão de camponeses e formação de um proletariado sem terra no México e na Índia (também no Brasil) desde os anos 1970; privatização de recursos naturais como a água; privatização de indústrias

⁷⁷ Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital*, op. cit., pp. 86-7. Tradução modificada segundo *Gesammelte Werke* 5, p. 397.

⁷⁸ *Gesammelte Werke* 5, p. 398.

nacionais; substituição da agropecuária familiar pelo agronegócio; persistência da escravidão (sobretudo no comércio sexual); o sistema de crédito e o capital financeiro, “grandes trampolins de predação, fraude e roubo”.⁷⁹

Além disso, foram sendo criados “mecanismos inteiramente novos de acumulação por expropriação”,⁸⁰ novas formas de privatização dos bens comuns da humanidade: patentes de material genético e de sementes; biopirataria em benefício de empresas farmacêuticas; destruição e mercantilização da natureza; mercantilização da cultura e da educação; privatização da saúde e das aposentadorias. A essa lista podemos acrescentar a “economia verde”, com seus mercados de carbono, a mais recente fonte de acumulação primitiva permanente.⁸¹

A perspectiva de Rosa Luxemburgo assume assim nova atualidade na época da globalização. A expansão imperialista, que requeria a apropriação de regiões atrasadas do globo para serem transformadas em zonas capitalistas, foi um processo que praticamente se completou na segunda metade do século XX. Hoje, as novas fronteiras de expansão capitalista já não são apenas territoriais (embora na América Latina também sejam) e sim econômicas, com a mercantilização de tudo o que ficou fora da esfera da valorização do valor. É contra esse processo de acumulação por expropriação que os movimentos socioambientais na América Latina criaram, com enormes dificuldades, suas formas de resistência. Eles denunciam a simbiose entre Estado e grandes empresas como sendo responsável por extorquir os meios de vida das camadas subalternas da sociedade – povos da floresta, indígenas, populações ribeirinhas, quilombolas, trabalhadores sem terra, pequenos agricultores – em favor da mineração e do agronegócio. Ou seja, naquilo que, numa síntese

⁷⁹ Harvey, op. cit., p. 122.

⁸⁰ Idem, p. 123.

⁸¹ Ver Camila Moreno, *Las ropas verdes del rey*. In: Miriam Lang, Claudia López, Alejandra Santillana (org.). *Alternativas al capitalismo/colonialismo del siglo XXI*, Buenos Aires: Fundação Rosa Luxemburgo, 2013.

feliz, foi chamado de “consenso das *commodities*”⁸² ou “neoextrativismo progressista”⁸³.

Os movimentos de resistência à acumulação por expropriação, diferentemente do desenvolvimentismo socialista tradicional, que apoiava a modernização forçada ainda que à custa de terríveis sacrifícios (por exemplo, coletivização forçada da agricultura na URSS, na China e no Leste europeu), valorizam formas sociais tradicionais e muitos deles, como os movimentos indígenas na América andina, não veem o desenvolvimento capitalista como progressista. Essas resistências múltiplas, permeadas de contradições internas, traduzem-se em lutas específicas contra alvos específicos: contra a construção de *megarrepresas* na Índia e na América Latina; contra transgênicos; contra as madeiras, pela preservação das reservas florestais para os povos indígenas; contra o agronegócio e o uso de agrotóxicos etc. Harvey acredita que a luta anticapitalista só poderá ser bem-sucedida se unir as resistências progressistas locais e particulares contra a acumulação por expropriação (equivocadamente consideradas irrelevantes pelos movimentos comunistas e socialistas tradicionais) com as lutas contra a reprodução ampliada, típicas da esquerda tradicional. Porém, considera que na acumulação por expropriação está “a contradição primária a ser enfrentada”⁸⁴.

OUTRO MODELO DE DESENVOLVIMENTO

Voltemos a Rosa Luxemburgo e ao parágrafo final de *A acumulação do capital*: “O capitalismo é a primeira forma econômica com força para propagar-se, uma forma que tende a estender-se a todo o globo terrestre e a eliminar todas as outras formas econômicas, não tolerando nenhuma outra a seu lado. Mas ele é, ao mesmo tempo, a primeira forma econômica incapaz de subsistir sozinha, sem outras formas econômicas de que se alimentar. Tendo tendência a tornar-se uma forma

⁸² Ver Maristella Svampa, *Consenso de los commodities, giro ecoterritorial y pensamiento crítico en América Latina*, OSAL (Buenos Aires: CLACSO), ano XIII, n° 32, novembro de 2012.

⁸³ Eduardo Gudynas, *Estado compensador y nuevos extractivismos – las ambivalencias del progresismo sudamericano*, Nueva Sociedad, n° 237, enero-febrero de 2012. www.nuso.org

⁸⁴ Harvey, op. cit., p. 144.

mundial, ele sucumbe por sua incapacidade intrínseca de existir como forma mundial da produção. O capitalismo é, em si, uma contradição histórica viva; seu movimento de acumulação é, ao mesmo tempo, a expressão, a solução progressiva e a potencialização dessa contradição. A certa altura do desenvolvimento, essa contradição só poderá ser resolvida pela aplicação dos princípios do socialismo – daquela forma de economia que por sua natureza é ao mesmo tempo um sistema internacional e harmônico, por não visar à acumulação, mas à satisfação das necessidades vitais da própria humanidade trabalhadora, por meio do desenvolvimento de todas as forças produtivas do planeta”⁸⁵

Ao dizer que o socialismo pressupõe o desenvolvimento de todas as forças produtivas do planeta, a marxista Rosa Luxemburgo repete maquinalmente a fórmula de Marx, pois não podia imaginar naquela época o desastre ambiental e social implicado no fetichismo do desenvolvimento das forças produtivas, mais apropriadamente chamadas de “forças efetivamente destrutivas”⁸⁶

Em nossos dias, mergulhados em uma crise em que não se pode dissociar os problemas sociais dos ambientais, é possível rever ecologicamente a tão criticada tese central de *A acumulação do capital*. Enquanto Rosa Luxemburgo acreditava que o capital não poderia se acumular indefinidamente porque haveria limites geográficos para sua expansão, hoje a sua teoria da acumulação pode ser atualizada a partir da ideia dos recursos limitados. Ou seja, independentemente de o capitalismo ser dotado de infinita flexibilidade, de poder reproduzir-se para sempre (questão para a qual não há nenhuma resposta segura), o que interessa é o *custo* dessa expansão, a hipoteca que ela deixa, em termos sociais e ecológicos.⁸⁷

⁸⁵ *Gesammelte Werke* 5, p. 411.

⁸⁶ Michael Löwy, *O que é ecossocialismo?*, São Paulo, Cortez, 2014, p. 49.

⁸⁷ Ver Armando Fernández Steinko, Rosa Luxemburgo, *una teórica de los recursos limitados*. In: Trias, J; Monereo, M. (org.). *Rosa Luxemburgo – Actualidad y clasicismo*, El Viejo Topo, 2001, sd. p. 67. Ver também Ulrich Brand, Markus Wissen, *Crisis socioecológica y modo de vida imperial*. In: Lang, López e Santillana (org.), op. cit, p. 456. Em *O fim do capitalismo como o conhecemos* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010), Elmar Altvater defende a tese de que o capitalismo, cuja expansão é indissociável do uso de energias fósseis, está esbarrando em limites intransponíveis não em virtude das contradições e crises internas, mas, sobretudo, por causa dos limites dos recursos naturais.

Tocamos assim na questão mais crucial do nosso tempo: que modelo de desenvolvimento queremos para a América Latina? O atual modelo de “acumulação por expropriação” (ou de “consenso das *commodities*”), baseado em um padrão econômico extrativista voltado para a exportação de *commodities*, supõe uma “troca ecológica desigual”, em que os países do sul abastecem as economias do norte com matérias-primas baratas, contribuindo assim para que o custo de reprodução da força de trabalho seja mantido em um nível rebaixado.⁸⁸ Além disso, implica práticas agrícolas insustentáveis: expansão das monoculturas, uso de agrotóxicos, degradação dos solos, desmatamento, resíduos tóxicos, destruição da biodiversidade, desperdício de recursos hídricos, poluição das fontes de água, risco para a segurança alimentar, aumento do preço dos alimentos.

Os debates que ocorrem no âmbito de uma parte dos movimentos socioambientais criticam o padrão consumista imposto pelo capitalismo e defendem um modelo de desenvolvimento alternativo, que alia os saberes locais, muitos de origem camponesa e indígena, às contribuições da tecnologia, desde que reconfigurada segundo um modo de vida justo, igualitário e ecológico. Um exemplo é a ideia de “bem viver” que, depois de um processo de ampla participação social, foi implantada nas constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009).⁸⁹

É uma ideia complexa, proveniente das tradições e valores dos indígenas andinos, que consiste basicamente em um novo modelo de vida, centrado na integração harmoniosa entre a sociedade e a natureza. Nesse sentido, apresenta-se como alternativa à concepção ocidental de progresso, baseada no crescimento sem limites e que ignora as externalidades negativas, tanto sociais quanto ambientais. É amplamente reconhecido que a ideia de “bem viver” está em construção e, portanto, em disputa.⁹⁰ Segundo um de seus simpatizantes,

⁸⁸ Lang, López e Santillana (org.), op. cit., p. 462.

⁸⁹ Além disso, a constituição do Equador também reconhece os direitos da natureza.

⁹⁰ Ver Maristella Svampa, op. cit., p. 24.

seria “a contribuição específica que os povos originários de Abya Yala [América] oferecem à construção de uma nova civilização”, e que poderia ser traduzida, em termos ocidentais, pela expressão “ecossocialismo” (Michael Löwy, Joel Kovel) ou “socialismo do bem viver” (Boaventura de Souza Santos).⁹¹

Não podemos evidentemente esquecer os problemas que uma concepção originária das comunidades rurais indígenas enfrenta para convencer a população urbana de sua viabilidade.⁹² Ela implica muitos desafios, dentre os quais o maior de todos talvez seja mudar o imaginário cultural, que se alimenta da ideia dominante de progresso e de que uma boa vida significa consumo contínuo de produtos efêmeros, programados para se tornarem rapidamente obsoletos.

Como contribuição para chacoalhar esse imaginário petrificado, vale a pena refletir sobre algumas propostas de ações concretas que traduzem na prática o conceito de bem viver ou de boa vida. No caso da América Latina, trata-se antes de mais nada de defender alternativas pós-extrativistas, que implicam redução drástica da exploração de minérios, de petróleo e de monoculturas;⁹³ encerrar a energia como bem comum, como parte dos direitos coletivos, e não como mercadoria;⁹⁴ desenvolver a agroecologia em lugar da agricultura industrial/química. Isso levaria a uma profunda transformação da vida rural e da urbana, pois permitiria alimentação saudável, fruto de uma produção agrícola não dependente de agrotóxicos, voltada para o mercado interno e local, o que por sua vez

⁹¹ François Houtart, *El concepto de sumak kawsay (buen vivir) y su correspondencia con el bien común de la humanidad*. In: http://www.justiciapazcolombia.com/IMG/pdf/buen_vivir.pdf; Thomas Fatheuer, *Buen vivir, A brief introduction to Latin America's new concepts for the good life and the rights of nature*, Heinrich Böll Foundation, 2011.

⁹² Para uma discussão sobre a apropriação urbana do bem viver na Bolívia, cf. Mario Rodríguez Ibáñez, *Resignificando la ciudad colonial y extractivista*. In: Lang, López e Santillana (org.), op. cit., pp. 249 ss.

⁹³ Eduardo Gudynas, *Postextractivismo y alternativas al desarrollo desde la sociedad civil*. In: Miriam Lang, Claudia López, Alejandra Santillana (org.), op. cit. Este artigo dá notícia da dificuldade, sobretudo no Brasil, de introduzir no debate público a discussão de alternativas ao desenvolvimento fundado no extrativismo.

⁹⁴ Ver Pablo Bertinat, *Un nuevo modelo energético para la construcción del Buen Vivir*. In: Lang, López e Santillana (org.), op. cit., p.170.

eliminaría una das maiores causas do efecto estufa, o transporte de alimentos por vía aérea ao redor do mundo. Essas são reivindicações dos movimentos socioambientais que lutam por políticas públicas que permitam a transição do agronegócio à agroecologia. Tais medidas proporcionariam a construção de uma vida digna no campo, que, além da infraestrutura básica, contaria com saúde, educação e cultura.⁹⁵ Para esses movimentos, é nisso que consiste o progresso e a modernização.

Tanto o capitalismo quanto o marxismo produtivista, ambos adeptos do desenvolvimentismo “fóssil”, justificam a destruição das culturas indígenas e camponesas como preço necessário para a modernização e para o progresso. Não era o caso de Rosa Luxemburgo, que em várias passagens de sua obra questiona esse tipo de modernização como alternativa a ser posta no lugar das culturas primitivas: “Para os economistas e políticos burgueses liberais, ferrovias, fósforos suecos, esgotos e lojas significam ‘progresso’ e ‘civilização’. Essas obras em si, enxertadas nas condições primitivas, não significam civilização nem progresso, porque são compradas ao preço da rápida ruína econômica e cultural dos povos, os quais sofrem de uma só vez todas as calamidades e todos os horrores de duas épocas: a das relações de dominação da economia natural tradicional e a da exploração capitalista mais moderna e refinada.”⁹⁶

Numa carta à amiga Sonia Liebkecht, Rosa lembra a intensa emoção que havia sentido, no seu tempo de estudante universitária em Zurique, ao ler um estudo sobre as culturas econômicas primitivas descrevendo a expulsão sistemática dos indígenas norte-americanos do próprio território pelos europeus. Ela ficava desesperada “não apenas por aquilo ter sido possível, mas também porque nada foi vingado, punido, desforrado. Eu tremia de dor por aqueles

⁹⁵ Ver entrevista de Luis Andrago e José Cueva, *Una nueva política para el campo! La agricultura orgánica y campesina: saludable, sustentable y generadora de empleo*. In: Miriam Lang, Claudia López, Alejandra Santillana (org.), op. cit.

⁹⁶ A crise da social-democracia. In: Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos*, vol. 2 (1914-1918). São Paulo, Editora UNESP, 2011, p. 141.

espanhóis, aqueles anglo-americanos já estarem mortos e putrefatos há muito tempo e não poderem ser despertados para serem submetidos eles mesmos a todos os martírios que causaram aos índios. Mas essas são ideias infantis, e assim também os pecados de hoje contra o Espírito Santo e toda a indignidade se perderão na desordem das contas históricas não saldadas [...].”⁹⁷

Será que mais uma vez a expropriação das camadas rurais subalternas se perderá “na desordem das contas históricas não saldadas”? Ou será que agora, em função da crise ecológica, os “atrasados” povos originários conseguirão finalmente se vingar da modernidade capitalista e levar adiante a sua ideia de bem viver? Essa é uma pergunta para a qual ainda não temos resposta.

⁹⁷ Carta a Sonia Liebknecht, depois de 16 de novembro de 1917. In: Rosa Luxemburgo, *Cartas*, vol. 3, São Paulo, Editora UNESP, 2011, p. 310.

Escritos de
Rosa Luxemburgo





“ Além de sua [...] atividade como escritora e oradora, Rosa Luxemburgo era também uma verdadeira professora [...]. Foi professora na velha Escola do Partido...

Rosa Luxemburgo ali ensinava economia política. (Somos tentados a pôr ensinava entre aspas, pois o que Rosa Luxemburgo fazia como professora era algo oposto.) [...]

De que modo ela nos obrigava a enfrentar por nossa própria conta as questões da economia política e a esclarecer nossas próprias ideias? Com perguntas! Com perguntas e mais perguntas, indagações, ela extraía da classe o conhecimento escondido a respeito do que se tratava de encontrar. Com perguntas, auscultava a resposta, deixando que nós mesmos ouvíssemos seu som oco, com perguntas explorava os argumentos e deixava que víssemos se eram equivocados ou corretos, com perguntas nos forçava a reconhecer nosso próprio erro e a encontrar por nossa própria conta uma solução inatacável...

Por vezes, havia na escola horas particularmente solenes. Isso acontecia quando a matéria da aula nos aproximava de outras ciências ou nos fazia penetrar nelas. Quando todas as condições faltavam aos alunos para encontrarem sua própria solução às questões postas, Rosa Luxemburgo fazia exposições abrangentes, passando às vezes pela sociologia, às vezes pela história, às vezes pela física. Ela enfatizava então o essencial de maneira límpida, exatamente o que era necessário, e o fazia sem nenhum ornamento retórico, o que era justamente uma maravilha retórica; eram horas solenes em que sentíamos um arrepio sagrado perante a inteligência universal dessa mulher.”

Rosi Wolfstein, 1920

No albergue

O clima de festa em que se encontrava a capital do *Reich* foi cruelmente abalado. Mal as almas piedosas acabavam de entoar o velho e belo cântico *Oh! Feliz Natal, bem-aventurado e cheio de graça*, espalhou-se a notícia de que no albergue dos sem-teto ocorrera uma intoxicação em massa. As vítimas foram velhos e moços: o comerciante Joseph Geihe, 21 anos; o operário Karl Melchior, 47 anos; Lucian Szczyptierowski, 65 anos – a cada dia chegavam novas listas dos sem-teto intoxicados. A morte foi ao seu encontro por toda parte: no albergue, na prisão, no pavilhão de aquecimento público, simplesmente na rua ou agachados em algum celeiro. Antes que o toque dos sinos anunciasse o novo ano, 150 sem-teto agonizavam, setenta haviam morrido.

Durante vários dias, o austero prédio da Rua Fröbel, que normalmente se evita, ficou no centro do interesse geral. De onde vinham essas intoxicações em massa? Era uma epidemia, uma intoxicação provocada pela ingestão de alimentos estragados? A polícia apressou-se a acalmar os bons cidadãos: não era nenhuma doença contagiosa, ou seja, as pessoas distintas, a gente de bem não corria nenhum perigo. A hecatombe restringia-se ao “círculo dos frequentadores do albergue”, às pessoas que no Natal tinham-se permitido o prazer de alguns arenques defumados malcheirosos “muito baratos”, ou alguma aguardente de má qualidade. Mas esses arenques malcheirosos, onde as pessoas os tinham pegado? Tinham-nos comprado de algum “peixeiro ambulante” ou apanhado no mercado, no meio do lixo? Essa última hipótese foi rejeitada por uma razão convincente: nos mercados municipais os dejetos não são, como imaginam as pessoas superficiais e sem formação em economia política, um bem abandonado do qual o primeiro sem-teto que aparece pode se apropriar. Esses dejetos são juntados e vendidos a grandes empresas de engorda de porcos: cuidadosamente desinfetados e triturados, eles servem

para alimentar os porcos. Os vigilantes serviços policiais do mercado municipal cuidam para que a ralé humana não venha, sem autorização, surripiar aos porcos sua comida e devorá-la sem ser desinfetada e triturada. Portanto, era impossível que os sem-teto, contrariamente ao que pensavam algumas pessoas de forma leviana, tivessem pegado seu banquete de Natal no lixo do mercado municipal. A polícia anda à procura do “peixeiro ambulante” ou do taberneiro que vendeu aos sem-teto a aguardente venenosa.

Em toda a sua vida, nunca Joseph Geihe, Karl Melchior e Lucian Szczyptierowski, com suas modestas existências, haviam despertado tanta atenção. Agora – quanta honra! Verdadeiras sumidades médicas cheias de títulos revolvem-lhes os intestinos com as próprias mãos. O conteúdo do seu estômago – a que até então o mundo havia sido completamente indiferente – é agora examinado minuciosamente e comentado em toda a imprensa. Dez senhores – é o que dizem os jornais – estão ocupados em isolar culturas do bacilo responsável pela morte dos frequentadores do albergue. O mundo quer saber com precisão onde cada um dos sem-teto adoeceu: no celeiro onde a polícia o encontrou morto, ou já no albergue onde havia passado a noite anterior? Lucian Szczyptierowski tornou-se repentinamente uma importante personalidade e com certeza ficaria inchado de orgulho se não estivesse, cadáver nauseabundo, sobre a mesa de dissecação.

Até mesmo o imperador – que, graças a Deus, devido ao recente aumento da carestia, teve três milhões de marcos acrescentados à lista civil⁹⁸ que recebe na qualidade de rei da Prússia e está protegido do pior – se informou de imediato sobre o estado dos intoxicados do albergue municipal. E sua nobre esposa, de modo bem feminino, mandou os pêsames ao primeiro burgomestre Kirschner, através do camareiro von Winterfeldt. O primeiro burgomestre Kirschner não teve, é verdade, o prazer de comer arenque estragado, mesmo sendo

⁹⁸ Em 9 de junho de 1910 foi aprovado no Parlamento prussiano, contra os votos dos social-democratas, o projeto de lei aumentando a dotação da coroa. O projeto de lei trouxe à corte prussiana um acréscimo de 3,5 milhões de marcos; assim, a corte tinha anualmente, à sua disposição, um total de 19,2 milhões de marcos provenientes de receitas estatais.

tão barato, e ele se encontra, assim como sua família, em excelente estado de saúde. Ele também não é, pelo que sabemos, parente de sangue ou parente por aliança de Joseph Geihe nem de Lucian Szczytierowski. Mas no final das contas a quem deveria o camareiro von Winterfeldt dar os pêsames da imperatriz? Ele não podia apresentar as saudações de Sua Majestade aos pedaços de corpos sobre a mesa de dissecação. E à “família enlutada”? Quem a conhece? Como descobri-la nas espeluncas, nos asilos de crianças abandonadas, nos bairros de prostitutas ou nas fábricas e minas? Então o primeiro burgomestre Kirschner aceitou em nome da família os pêsames da imperatriz e isso deu a ele forças para suportar calmamente a dor dos Szczytierowski. Também na prefeitura foi dada uma demonstração de viril sangue-frio perante a catástrofe do albergue. Identificou-se, controlou-se, protocolou-se, preencheram-se longas folhas de papel, sempre de cabeça erguida, mantendo-se perante a agonia dos outros uma atitude tão corajosa e imperturbável quanto a dos heróis antigos perante a própria morte.

E, no entanto, todo esse incidente introduziu na vida pública uma estridente dissonância. Habitualmente nossa sociedade, como um todo, parece bastante próspera; ela preza a honestidade, a ordem e os bons costumes. Certamente existem lacunas e imperfeições no edifício e na vida do Estado. Mas o sol não tem também as suas manchas? E será que existe alguma coisa perfeita neste mundo? Os próprios trabalhadores, sobretudo os mais bem colocados, os organizados, acreditam de bom grado que no final das contas a existência e a luta do proletariado decorrem nos limites da honestidade e da prosperidade. A “pauperização” não é uma triste teoria há muito refutada? Todos sabem que existem albergues, mendigos, prostitutas, polícia secreta, criminosos e “elementos desonestos”. Mas habitualmente tudo isso é sentido como algo distante e estranho, situado em algum lugar fora da sociedade propriamente dita. Entre os trabalhadores honrados e esses excluídos existe um muro, e raramente se pensa na miséria que se arrasta na lama do outro lado do muro. De repente, algo acontece que atua como se, no meio

de um círculo de pessoas bem educadas, sensíveis e gentis, alguém descobrisse por acaso, debaixo de móveis preciosos, indícios de crimes horríveis, de depravações vergonhosas. De repente, a máscara da prosperidade é arrancada da nossa sociedade pelo horrível espectro da miséria, e sua honestidade revela-se como a maquiagem de uma prostituta. De repente, sob a embriaguez e a frivolidade exteriores da civilização, escancara-se um abismo de barbárie e bestialidade. Imagens do inferno vêm à tona: criaturas humanas revolvem o lixo à procura de detritos, retorcem-se na agonia da morte e morrem exalando um sopro pestilento.

E o muro que nos separa desse lúgubre reino das sombras revela-se repentinamente como um simples cenário de papel pintado.

Quem são os moradores do albergue, vítimas do arenque estragado e da aguardente de má qualidade? Um comerciante, um operário da construção civil, um torneiro, um mecânico – trabalhadores, trabalhadores, só trabalhadores. E quem são os sem-nome que a polícia não pôde identificar? Trabalhadores, só trabalhadores, ou assemelhados, que ainda ontem eram trabalhadores.

E nenhum trabalhador tem garantias contra o albergue, contra o arenque estragado, contra a aguardente de má qualidade. Ainda hoje é vigoroso, respeitável, laborioso – mas o que será dele amanhã se for despedido por ter atingido o limite fatal dos 40 anos, para além do qual o patrão o declara “inutilizável”? Ou se amanhã sofrer um acidente que o deixe aleijado, que o transforme num mendigo aposentado?

Diz-se que em grande parte vão parar no albergue de indigentes e na prisão somente elementos fracos e depravados: velhos débeis mentais, jovens delinquentes, pessoas anormais que perderam o pleno gozo de suas faculdades mentais. Pode ser. Contudo, as naturezas fracas e depravadas das classes superiores não vão para o albergue, e sim para casas de repouso, ou vão servir nas colônias, onde podem tirar partido de seus instintos com os negros e as negras. Antigas rainhas e duquesas que ficaram idiotas passam o resto da vida em palácios fechados, cercadas de luxo e de servidores atenciosos.

Para o sultão Abdul Hamid, esse velho monstro louco, com milhares de vidas humanas na consciência e cujos sentidos se embotaram com assassinatos e depravações sexuais, a sociedade deu como último lugar de repouso uma *villa* luxuosa, com jardins de recreio, excelentes cozinheiros e um harém em que a menina mais nova tem doze anos; para o jovem delinquente Prosper Arenberg, uma prisão com champanhe, ostras e companheiros divertidos; para os príncipes anormais, a indulgência dos tribunais, os cuidados de esposas heroicas, e o consolo mudo de uma boa adega com velhas garrafas; para a mulher do oficial Allenstein, essa louca que não está mais em pleno gozo de suas faculdades mentais, culpada de um assassinato e um suicídio – uma confortável existência burguesa, roupas de seda e a simpatia discreta da sociedade.

Mas os proletários velhos, fracos, que perderam o uso de suas faculdades mentais, morrem na rua como os cães de Constantinopla, ao longo das cercas, nos albergues, nas sarjetas, e ao lado deles encontra-se uma única herança – o rabo de um arenque estragado. A separação entre as classes estende-se de modo rude e cruel até a loucura, o crime, a morte. Para a corja proprietária, indulgência e vida prazerosa até o último suspiro; para o Lázaro proletário, o escorpião da fome e os bacilos venenosos da morte nas lixeiras.

Assim se encerra o círculo da existência proletária na sociedade capitalista. O proletário começa como trabalhador capaz e honesto, labutando pacientemente desde a infância para pagar seu tributo cotidiano ao capital. A colheita dourada dos milhões e milhões amontoa-se nos celeiros dos capitalistas, uma torrente de riquezas cada vez mais poderosa rola através dos bancos, das bolsas, enquanto os trabalhadores – massa obscura, discreta, silenciosa – saem todos os dias das fábricas e oficinas tal como entraram de manhã, pobres-diabos, eternos vendedores levando ao mercado o único bem que possuem – a própria pele.

De tempos em tempos um acidente, uma tempestade, varre-os às dúzias, às centenas, para debaixo da terra – um curto relato nos jornais, um número informa o desastre, depois de alguns dias são

esquecidos, seu último suspiro é sufocado pela respiração ofegante e os passos pesados dos atarefados ávidos de lucro. Depois de alguns dias, novas dúzias e centenas ficam em seu lugar sob o jugo do capital.

De tempos em tempos, vem uma crise, semanas e meses de desemprego, de luta desesperada contra a fome. E novamente o trabalhador consegue subir um degrau da engrenagem, feliz por poder novamente empregar seus músculos e nervos a serviço do capital.

Mas, progressivamente, as forças começam a faltar. Um período mais longo de desemprego, um acidente, a velhice que se aproxima – este, depois aquele, precisam agarrar o primeiro emprego que aparece, abandonam a profissão e deslizam irresistivelmente para baixo. Os períodos de desemprego tornam-se cada vez maiores; os empregos, cada vez mais irregulares. Em pouco tempo, o acaso domina a existência do proletário, a infelicidade o persegue, a carestia toca-o mais duramente que os outros. A energia perpetuamente tensa na luta por um pedaço de pão relaxa-se, por fim; a autoestima diminui – e lá está ele à porta do albergue dos sem-teto, ou à porta da prisão.

Assim, a cada ano, milhares de existências proletárias afastam-se das condições de classe normais da classe trabalhadora para cair na escuridão da miséria. Eles caem silenciosamente como um sedimento que se deposita no fundo da sociedade, elementos usados, inúteis, dos quais o capital não pode retirar mais nenhuma seiva, lixo humano que é varrido com vassoura de ferro: contra eles ergue-se o braço da lei, da fome e do frio. E por fim a sociedade burguesa estende aos seus proscritos o copo de veneno.

O sistema público de assistência aos pobres, diz Karl Marx em *O capital*, constitui o asilo de inválidos dos trabalhadores empregados e o peso morto dos desempregados. O nascimento da pobreza pública está indissolúvelmente ligado ao nascimento de uma camada de trabalhadores desempregados disponíveis, ambas são igualmente necessárias, ambas condicionam a existência da produção capitalista e o desenvolvimento da riqueza. Quanto maiores forem a riqueza social, o capital explorador, o volume e a energia de seu crescimento,

portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a produtividade de seu trabalho, tanto maior será a camada dos desempregados. Mas quanto maior for essa camada em relação à massa de trabalhadores ocupados, tanto mais aumenta a superpopulação dos pobres. Esta é a lei geral absoluta da produção capitalista.⁹⁹

Lucian Szczyptierowski, que morreu na rua, envenenado por arenque estragado, faz parte do proletariado assim como qualquer trabalhador qualificado e bem remunerado que pode comprar cartões impressos de ano-novo e uma corrente de relógio dourada. O albergue dos sem-teto e os controles policiais são pilares da sociedade atual assim como o Palácio do Chanceler e o Deutsche Bank [Banco Alemão]. E o banquete de arenque envenenado com aguardente de má qualidade no albergue municipal constitui o substrato invisível do caviar e do champanhe na mesa dos milionários. Os senhores médicos cheios de títulos bem que podem procurar ao microscópio o germe mortal nos intestinos dos intoxicados e isolar suas “culturas puras”: o verdadeiro bacilo envenenado que matou os frequentadores do albergue chama-se ordem social capitalista em estado puro.

Todo dia, sem-teto morrem, sucumbem à fome e ao frio – ninguém fica sabendo, só o relatório policial os menciona. O que desta vez chamou a atenção em Berlim foi apenas o caráter maciço do fenômeno. O proletário só pode chamar a atenção da sociedade como massa que carrega miséria aos montes. Mesmo o último dentre eles, o sem-teto, adquire dimensão pública quando forma uma massa, nem que seja um simples monte de cadáveres!

Habitualmente um cadáver é coisa muda, insignificante. Todavia existem cadáveres que gritam mais alto que trombetas e iluminam mais que archotes. Depois da luta nas barricadas em 18 de março de 1848, os trabalhadores berlinenses levantaram os corpos dos mortos em combate e os levaram até o palácio real, forçando o despotismo a descobrir a cabeça perante as vítimas. No presente, trata-se de

⁹⁹ Ver Karl Marx. *Das Kapital*, vol. 1. In: Karl Marx, Friedrich Engels. *Werke*, vol. 23. Berlim: 1970, pp. 673 ss. Tradução brasileira: *O capital*, vol. 1, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 209. A citação de Rosa Luxemburgo não reproduz exatamente o trecho mencionado. (NT)

erguer os corpos envenenados dos sem-teto de Berlim, que são carne da nossa carne e sangue do nosso sangue, sobre as mãos de milhões de proletários e de levá-los neste novo ano de lutas gritando: abaixo a infame ordem social que engendra tamanhos horrores!

Extraído de *Die Gleichheit* (Stuttgart), 22º ano, 1912, nº 8, pp. 113-115.

“ Penso que existem poucas pessoas que escreveram cartas na história da literatura mundial para as quais, como no caso de Rosa Luxemburgo, um máximo de autoanálise seja idêntico a uma exploração altamente fidedigna daquele mundo exterior, cuja miséria social compreendeu ao descrever o sofrimento de um búfalo romeno...

A humanidade em nossa sociedade também poderá ser avaliada pelo quanto respeitarmos o legado de Rosa Luxemburgo.’

Walter Jens, 1988

Meu pobre búfalo, meu pobre irmão querido

Uma carta da prisão a Sonia Liebknecht

Breslau, na véspera de 24 de dezembro de 1917.

Sonitchka, meu passarinho, fiquei tão contente com a sua carta! Queria responder imediatamente, mas tinha muito o que fazer, e precisava de grande concentração, por isso não pude dar-me a esse luxo. Então preferi esperar uma oportunidade, pois é muito melhor poder tagarelar com você à vontade.

Pensei em você todos os dias ao ler as notícias da Rússia, e preocupei-me imaginando a sua enorme aflição a cada telegrama estúpido. O que de lá chega neste momento são, na maioria, informações de tártaros, e isso é duplamente verdadeiro no que se refere ao sul.¹⁰⁴ O que importa às agências telegráficas (aqui e lá) é exagerar o mais possível o caos, e elas aumentam de maneira tendenciosa todo boato não confirmado. Até as coisas se esclarecerem, não tem sentido, não há razão para inquietar-se à toa, por antecipação. De modo geral, parece que as coisas se passam sem nenhum derramamento de sangue; em todo caso, os boatos sobre “combates” não foram confirmados. Trata-se simplesmente de uma áspera luta partidária a qual parece sempre, pela explicação dos correspondentes dos jornais burgueses, uma loucura desenfreada e um inferno. No que se refere aos *pogroms* contra judeus, todos os boatos nesse sentido são completamente falsos. Na Rússia, a época dos *pogroms* acabou de uma vez por todas.

¹⁰⁴ Sonia Liebknecht (1884-1964), mulher de Karl Liebknecht, era de Rostov sobre o rio Don.

O poder dos trabalhadores e do socialismo é muito forte para isso.¹⁰⁵ A revolução purificou de tal maneira a atmosfera dos miasmas e do reacionarismo sufocante que Kichinev¹⁰⁶ é para sempre *passé*. Tenho menos dificuldade em imaginar *pogroms* contra judeus na Alemanha... Aí reina, sem dúvida, a atmosfera de baixeza, covardia, reacionarismo e estupidez propícia para isso. Nesse ponto, você pode ficar totalmente tranquila no que se refere ao sul da Rússia. Como as coisas desembocaram ali num conflito muito agudo entre o governo de São Petersburgo e a Rada,¹⁰⁷ logo elas devem se resolver e esclarecer, o que permitirá ter um panorama da situação. De onde quer que se olhe não faz nenhum sentido, não há nenhum motivo para que você, na incerteza, se aflija, cheia de medo e inquietação. Tenha coragem, minha menina, mantenha a cabeça erguida, fique firme e tranquila. Tudo vai melhorar, é só não ficar sempre à espera do pior! [...]

Eu tinha uma grande esperança de vê-la por aqui em breve, em janeiro. Agora soube que Mat[hilde] W[urm] quer vir em janeiro. Seria difícil para mim desistir da sua visita em janeiro, mas como é natural não posso decidir. Se você disser que só pode vir em janeiro, então talvez fique [tudo] como estava; talvez Mat W possa vir em fevereiro? Em todo caso, gostaria de saber logo quando a verei.

¹⁰⁵ No dia 24 de outubro de 1917 (na Alemanha, 6 de novembro – o calendário juliano vigorou na Rússia até 1918), os bolcheviques iniciaram em Petrogrado (hoje São Petersburgo), capital da Rússia, a insurreição armada; em 25 de outubro, derrubaram o governo provisório de Kerenski, dando assim início à Revolução de Outubro. Em 26 de outubro, o Segundo Congresso Geral dos Sovietes Russos decidiu a tomada do poder pelos soviets de delegados operários, soldados e camponeses. Formou-se o primeiro governo dos soviets, o Conselho dos Comissários do Povo, presidido por V. I. Lenin.

¹⁰⁶ Em Kichinev, em abril de 1903, uma organização armada pelo regime tsarista aterrorizou judeus, estudantes, pessoas de esquerda e trabalhadores revolucionários. Os *pogroms* eram uma reação do regime tsarista contra greves e manifestações. Ver Edgar H. Judge, *Ostern in Kischinjaw. Anatomie eines Pogroms [Páscoa em Kischinjaw. A anatomia de um pogrom]*, Mainz, 1995.

¹⁰⁷ Em abril de 1917 formou-se em Kiev, a partir de um bloco de partidos e grupos ucranianos, a Rada Central ucraniana, que depois da Revolução de Outubro se declarou o órgão supremo da “República Popular Ucraniana”, tomando posição contra o “Conselho dos Comissários do Povo” em Petrogrado. No Primeiro Congresso Geral dos Sovietes Ucranianos, em dezembro de 1917, em Charcov, formou-se o governo soviético ucraniano como contragoverno. Em 26 de janeiro (8 de fevereiro) de 1918, as tropas soviéticas ocuparam Kiev.

Faz agora um ano que Karl [Liebknecht] está na prisão em Luckau.¹⁰⁸ Neste mês pensei nisso com frequência; faz exatamente um ano que você esteve comigo em Wronke e me ofereceu a linda árvore de Natal... Este ano pedi que me comprassem uma, mas a que me trouxeram era muito reles, com galhos faltando – não tem comparação com a do ano passado. Não sei como vou pôr nela as oito velas que comprei. É o meu terceiro Natal no xadrez, mas não considere isso tragicamente. Estou calma e alegre como sempre.

Ontem fiquei muito tempo acordada – agora não consigo dormir antes da uma, mas preciso ir para a cama às dez, porque a luz é apagada –, e então no escuro sonho com diversas coisas. Ontem então pensava: como é estranho eu viver permanentemente numa alegre embriaguez, sem nenhuma razão particular. Assim, por exemplo, estou aqui deitada nesta cela escura, num colchão duro como pedra, enquanto à minha volta, no edifício, reina a habitual paz de cemitério; parece que se está no túmulo. Através da janela desenha-se no teto o reflexo do bico de gás ardendo a noite inteira na frente da prisão. De tempo em tempos ouve-se o ruído surdo de um trem que passa ao longe, ou então, bem perto, debaixo das minhas janelas, o pigarro da sentinela que, com suas botas pesadas, dá alguns passos lentos para desentorpecer as pernas. A areia estala tão desesperadamente sob esses passos que todo o vazio e a falta de perspectivas da existência ressoam na noite úmida e sombria. E aqui estou eu deitada, quieta, sozinha, enrolada nos véus negros das trevas, do tédio, da falta de liberdade, do inverno – e, apesar disso, meu coração bate com uma alegria interior desconhecida, incompreensível, como se sob um sol radiante eu estivesse atravessando um prado em flor. No escuro, sorrio à vida, como se eu conhecesse algum segredo mágico que pune todo mal e as tristes mentiras, transformando-as em luz intensa e felicidade. E, ao mesmo tempo, procuro uma razão para essa alegria, não encontro nada, e tenho que sorrir novamente – de mim mesma. Creio que o segredo não é outro senão a própria vida;

¹⁰⁸ Karl Liebknecht foi para a prisão de Luckau em 8 de dezembro de 1916.

a profunda escuridão noturna é bela e suave como veludo, basta saber olhar. No estalar da areia úmida sob os passos lentos e pesados da sentinela canta também uma bela, uma pequena canção da vida – basta apenas saber ouvir. Nesses momentos penso em você. Gostaria tanto de passar-lhe essa chave mágica para que você percebesse sempre, em todas as situações, o que há de belo e alegre na vida, para que também você viva na embriaguez, como que caminhando por um prado cheio de cores. Longe de mim a ideia de contentá-la com ascetismo, com alegrias imaginárias. Concedo-lhe todas as verdadeiras alegrias dos sentidos. Só gostaria de dar-lhe também a minha inesgotável serenidade interior, para não me preocupar mais com você, para que andasse na vida com um manto de estrelas protegendo-a de tudo que é mesquinho, banal e angustiante.

Você colheu no parque de Steglitz um lindo buquê de bagos negros e rosas-violetas. Os bagos negros podem ser de sabugueiro – seus bagos pendem em cachos pesados e densos entre grandes feixes de folhas pinuladas, você certamente conhece – ou, mais provavelmente, de alfena: panículas de bagos, elegantes, graciosas, eretas, e folhinhas verdes, compridas e finas. Os bagos de rosa-violeta, escondidos sob folhas bem pequeninas, podem ser de nespereira anã; na realidade eles são vermelhos, mas, neste período da estação, já demasiado maduros e começando a apodrecer, têm frequentemente uma aparência violeta avermelhada; as folhinhas se parecem com as do mirto, pequenas, afiladas na ponta, o lado de cima verde-escuro, semelhante ao couro; o de baixo, rugoso.

Soniucha, você conhece o poema de Platen, *Verhängnisvolle Gabel* [*Garfo fatal*]?¹⁰⁹ Você poderia enviá-lo ou trazê-lo? Karl mencionou uma vez que o tinha lido em casa. Os poemas de George são bonitos; agora sei de onde vem o verso “e sob o murmúrio do trigo erubescente” [*Und unterm Rauschen rötlichen Getreides...*]¹¹⁰ que você sempre recitava quando íamos passear no campo.

¹⁰⁹ August Graf von Platen-Hallermünde (1796-1835). Rosa Luxemburgo alude a um poema satírico publicado em 1826, *Die verhängnisvolle Gabel* (*O garfo fatal*) (NT).

¹¹⁰ O verso é do poema *Nun lasse mich rufen*, da coletânea *Der siebente Ring* [*O sétimo círculo*] de Stefan George.

Você poderia copiar para mim, quando for possível, o novo *Amadis*?¹¹¹ Gosto tanto desse poema – naturalmente graças ao *lied* de Hugo Wolf –, mas não o tenho aqui. Você continua lendo a *Lenda de Lessing*?¹¹² Retomei a *História do materialismo*, de Lange, que sempre me estimula e restaura. Gostaria tanto que você a lesse um dia desses.

Ah! Sonitchka, passei aqui por uma dor violenta. No pátio onde passeio chegam muitas vezes carroças do exército, abarrotadas de sacos ou túnicas velhas e camisas de soldados, muitas vezes manchadas de sangue...; são descarregadas, distribuídas pelas celas, consertadas, novamente postas nas carroças para serem entregues ao exército. Outro dia, chegou uma dessas carroças, puxada não por cavalos, mas por búfalos. Era a primeira vez que via esses animais de perto. São mais fortes e maiores que os nossos bois, têm a cabeça chata, chifres curvos e baixos, e uma cabeça totalmente negra, de grandes olhos meigos, que lembra a dos nossos carneiros. Vêm da Romênia, são um troféu de guerra... Os soldados que conduziam a carroça diziam ser muito difícil capturar esses animais selvagens e ainda mais difícil utilizá-los para carregar fardos, pois estavam acostumados à liberdade. Foram terrivelmente maltratados até compreenderem que perderam a guerra e que também para eles vale a expressão *vae victis* [ai dos vencidos]... Só em Breslau deve haver uma centena desses animais; acostumados que estavam às ricas pastagens da Romênia, recebem ali uma ração parca, miserável. Trabalham sem descanso puxando todo tipo de carga e com isso não demoram a morrer. Há alguns dias então uma dessas carroças cheia de sacos entrou no pátio. A carga era tão alta que os búfalos não conseguiam transpor a soleira do portão. O soldado que os acompanhava, um tipo brutal, pôs-se a bater-lhes de tal maneira com o grosso cabo do chicote que a vigia da prisão, indignada, perguntou-lhe se não tinha pena dos animais. “Ninguém tem pena de nós, homens”, respondeu com um sorriso mau, e pôs-se a bater ainda

¹¹¹ Poema épico cômico, de 1771, de Christoph Martin Wieland (NT).

¹¹² *Die Lessing Legende*, de Franz Mehring.

com mais força... Os animais deram finalmente um puxão e conseguiram transpor o obstáculo, mas um deles sangrava... Sonitchka, a pele do búfalo é proverbialmente espessa e resistente, e ela foi dilacerada. Durante o descarregamento, os animais permaneciam imóveis, esgotados, e um deles, o que sangrava, olhava em frente e tinha, na cara escura e nos olhos negros e meigos, uma expressão de criança em prantos. Era exatamente a expressão de uma criança que foi severamente punida e que não sabe por qual motivo, por quê, não sabe como escapar ao sofrimento e a essa força brutal... Eu estava diante dele, o animal me olhava, as lágrimas saltaram-me dos olhos – eram as lágrimas dele. Ninguém pode sofrer mais por um irmão querido do que eu sofri na minha impotência com essa dor silenciosa. Como estavam longe, perdidas, inacessíveis, as pastagens da Romênia, essas pastagens verdes, suculentas e livres! Como tudo lá era diferente, o brilho do sol, o sopro do vento, como eram diferentes os belos cantos dos pássaros ou o melodioso chamado do pastor. E aqui – esta cidade estrangeira, horrível, o estábulo sombrio, o feno mofado, repugnante, misturado com a palha apodrecida, os homens desconhecidos, assustadores, e – as pancadas, o sangue que corre da ferida aberta... Oh! Meu pobre búfalo, meu pobre irmão querido, aqui estamos os dois tão impotentes e mudos, mas somos só um na dor, na impotência, na saudade. Entretanto os prisioneiros agitavam-se em volta do carro, descarregavam os pesados sacos e arrastavam-nos para dentro; já o soldado enfiara as mãos nos bolsos das calças e, percorrendo o pátio com grandes passos, ria e assobiava baixinho uma canção da moda. Diante de mim a guerra desfilava em todo o seu esplendor.

Escreva logo.

Abraços, Sonitchka,

Sua R.

Soniucha, querida, fique calma e alegre apesar de tudo. Assim é a vida. É preciso tomá-la corajosamente, sem medo, sorrindo – apesar de tudo. Feliz Natal!

“ Não faremos justiça a Rosa Luxemburgo se a apresentarmos como o último ícone do socialismo na Alemanha. Porém, também não devemos admitir que ela seja somente percebida de maneira seletiva, e posta numa linha genealógica artificial com Marx-Lenin-Stalin-Mao Tse-tung.

Se já tiverem sido esboçadas conexões nesse nível, é preciso resistir a elas: “mais Rosa Luxemburgo” poderia ter impedido Stalin, Thälmann e, no final, talvez mesmo Hitler. Se tivessem existido muitos do seu calibre intelectual e teórico, não teria acontecido a divisão dos campos do movimento operário nos anos 1920, e/ou teria havido uma aproximação dos campos inimigos no começo dos anos 1930 para impedir Hitler. Ninguém sabe que caminho Rosa Luxemburgo teria seguido em termos pessoais nem que caminho o movimento socialista teria adotado sob sua influência. Ela só pode ser julgada em conexão com a situação histórica na qual atuou.

Absolver Rosa Luxemburgo de todas as falhas dos movimentos socialistas/comunistas posteriores graças à “clemência de um assassinato oportuno” é tão especulativo quanto a tentativa de culpá-la por sua morte precoce.”

Klaus Uwe Benneter

Sobre cisão, unidade e saída

*Carta aberta aos amigos políticos*¹⁰⁰

Desde 4 de agosto de 1914, estabeleceu-se na social-democracia alemã um processo de decomposição e desagregação que não tem um dia, não tem uma hora de descanso e que se realiza com o rigor e a lógica de um processo natural. Cada novo passo no caminho da política imperialista, cada nova investida incontestável das potências dominantes visando a reforçar sua posição de poder, cada convocação, cada missão do Reichstag a serviço da política dominante, sim, simplesmente cada novo dia em que a guerra continua, constituem para a social-democracia mais um desabamento de suas vigas, mais um desmoronamento de seus muros apodrecidos. Cada nova ação do imperialismo triunfante exclui a social-democracia como elemento determinante da política ativa e vai destruindo e liquidando da vida pública na Alemanha como partido com uma política particular, como órgão dos interesses de classe do proletariado.

Quem abranger este imenso processo histórico em toda a sua amplitude e profundidade não pode encarar, senão com um dar de ombros e um sorriso de comiseração, tanto os cuidados diligentes dos socialistas governamentais Scheidemann & Cia. que, mediante toda espécie de truques e vigarices, pretendem com o tempo fundar seu domínio sobre o conjunto do partido, quanto a indignação bem-comportada da suave oposição em torno de

¹⁰⁰ Publicado em Rosa Luxemburgo, *Textos escolhidos*, vol. 2 (1914-1919), São Paulo, Editora UNESP, 2011, pp. 151-156.

Haase-Ledebour,¹⁰¹ quando esta se acredita suspeita de “tendências à cisão”. As divertidas disputas entre as duas tendências sobre qual delas quer verdadeiramente “cindir” o partido e os esforços zelosos de cada uma para atribuir à adversária a responsabilidade por esse crime monstruoso são, em si, uma graciosa contribuição ao fato de que, no fundo, toda a concepção da direita e do pântano sobre as condições fundamentais de existência do partido é feita da mesma madeira. Associações, instâncias, conferências, assembleias gerais, livros-caixa, carteirinhas de membros, eis “o partido” para os camaradas ao estilo de Scheidemann, assim como para os camaradas ao estilo de Haase. Tanto uns quanto outros não percebem que associações, instâncias, carteirinhas de membros e livros-caixa se transformam em farrapos sem valor no instante em que o partido deixa de exercer a política exigida por sua natureza. Tanto uns quanto outros não percebem que suas disputas sobre a questão da cisão ou da unidade da social-democracia alemã não passam de uma briga a respeito das barbas do imperador, visto que hoje a social-democracia alemã como um todo já não existe mais.

Imaginemos por um instante que na Basílica de São Pedro, em Roma, esse venerável templo da fé cristã, esse precioso monumento da cultura religiosa, em uma bela manhã – a pena quase se recusa a escrevê-lo –, em vez do culto católico, se desencadeasse aos olhos de todos uma orgia desavergonhada, como em um bordel. Imaginemos

¹⁰¹ Referência a um grupo muito heterogêneo no SPD que, durante a I Guerra Mundial, se afastou progressivamente da direção do partido, a qual desde 4 de agosto de 1914 conduzia uma política de defesa da pátria. Depois que Karl Liebknecht se recusou, em dezembro de 1914 – ele foi o primeiro deputado do Reichstag a tomar essa decisão –, a votar a favor dos créditos de guerra e que o número dos *objetores* subiu até dezembro de 1915 para 19 deputados, a direção do SPD em torno de Friedrich Ebert e de Philipp Scheidemann decidiu expulsar esse grupo da bancada e do partido, o qual formou então a bancada da “comunidade de trabalho social-democrata” no Reichstag. Entre 6 e 8 de abril de 1917, uma conferência do *Reich* da oposição social-democrata fundou em Gotha o Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD); Hugo Haase, *copresidente* do SPD de 1911 a 1916, assumiu com Wilhelm Dittman a sua direção. O USPD reunia desviacionistas de esquerda como Hugo Haase e Kurt Eisner, teóricos como Karl Kautsky e revisionistas como Eduard Bernstein. Também o Grupo Internacional (posteriormente denominado Grupo Spartakus) em torno de Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Leo Jogiches, Julian Marchlewski, Franz Mehring, Wilhelm Pieck, August Thalheimer e Clara Zetkin, que desde o começo da guerra estava em oposição aberta, ficou no USPD, mantendo-se, porém, como grupo formando a ala de extrema-esquerda do partido.

algo ainda mais espantoso, pensemos que os padres, nessa orgia, tivessem conservado as sotainas, os ornamentos e os incensários que usavam anteriormente na missa solene. Será que então a Basílica de São Pedro ainda seria uma igreja, ou seria algo totalmente diferente? As altas paredes ainda seriam certamente as mesmas, os altares e os paramentos sacerdotais seriam os antigos, mas depois de olharem para dentro, horrorizados, todos recuariam assustados e perguntariam, consternados: o que aconteceu com a Igreja no mundo inteiro?

Pois bem, a Igreja é uma casa onde se reza a Deus, e a social-democracia é um partido que conduz a luta de classes do proletariado. Abandonando oficialmente a luta de classes, a social-democracia alemã lançou-se, tal qual o poder irresistível de uma avalanche despencando, em um processo de decomposição e hoje abriga sob seu telhado torto tendências tão divergentes, elementos que por natureza são tão distantes e tão mortalmente inimigos como burguesia e proletariado, imperialismo e socialismo, Estado de classes e confraternização internacional dos povos.

É deste ponto de vista que se deve julgar o projeto político em formato reduzido com que a suave oposição do centro se apresentou nesta situação histórica, sem precedente na história universal. Todo o projeto se esgota e, ao mesmo tempo, se critica em uma palavra: “Volta!”. Eles querem voltar às circunstâncias que existiam antes da irrupção da guerra mundial, querem reaver a sua social-democracia alemã tal como era até 4 de agosto de 1914. Querem voltar à “antiga e comprovada tática” com suas “fulgurantes vitórias” de eleição em eleição para o Reichstag, voltar às batalhas vitoriosas contra o “revisionismo” de congresso em congresso do partido, à paciente cantilena agitadora em favor da solidariedade internacional do trabalho, voltar às 47 reuniões de massa quotidianas que, conduzidas pela batuta, “transcorreram magnificamente”, com suas retumbantes resoluções adotadas “unanimente” e seu triplo “Viva!” à “social-democracia alemã, internacional, revolucionária e libertadora dos povos”, voltar às “semanas vermelhas” que copiavam em miniatura o grande milagre do Senhor e que faziam em sete dias, diante da

admiração piedosa do mundo, 150 mil “social-democratas”. Volta, volta aos bons tempos do encantador e confortável autoengano.

*Coloca sobre a mesa os resedás perfumados.
Traz as últimas sécias vermelhas,
E deixa-nos ainda falar de amor,
Como outrora em maio...*¹⁰²

Mas, infelizmente, o pequeno projeto tem um grande buraco: a antiga social-democracia alemã, como era “outrora em maio”, já não existe; só existe uma, a que nasceu em agosto. Aquela social-democracia alemã d’antanho, com sua “antiga e comprovada tática”, jaz esmagada sob as rodas do carro triunfante do imperialismo. O pântano tem saudade e quer voltar ao partido tal como era antes da guerra mundial, é uma das utopias mais infantis que esta terrível guerra produziu, só havendo uma coisa que se lhe compare em puerilidade: é a tocante candura política com que os dirigentes do pântano, os Haase, Ledebour, Dittmann pretendem agora ressuscitar de entre os mortos a antiga e gloriosa social-democracia que, antes, eles mesmos contribuíram a enterrar, e sobre cujo túmulo dançaram durante um ano e meio, comportando-se, em meio à guerra mundial de hoje, exatamente como antes da guerra, “fiéis à velha e comprovada tática”, entoando no Reichstag exatamente os mesmos discursos do tempo de Adão, como se nada tivesse acontecido.

E enquanto no primeiro plano do partido se representa essa inocente peça satírica, de uma oposição virada para trás e que, por isso, só oferece seu traseiro macio ao assalto do presente, consuma-se no interior do partido um processo trágico em termos de história mundial: o cerco mortal das tropas de elite do proletariado alemão pelos tentáculos do capital alemão. A dominação exercida pelas instâncias do partido e dos sindicatos – dos Scheidemann

¹⁰² *Lied* de Richard Strauss a partir de um poema de Hermann von Gilm (1812-1864).

e consortes assim como dos Legien¹⁰³ e consortes – sobre o operariado organizado não passa, em essência, da mais brutal vitória da burguesia alemã sobre a classe trabalhadora jamais obtida ou mesmo sonhada. As massas atraídas pelas bandeiras da social-democracia e dos sindicatos para lutar contra o capital encontram-se hoje, justamente por meio dessas organizações e nessas organizações, sob o jugo da burguesia, como nunca haviam estado desde o início das condições capitalistas modernas.

Resulta daí uma conclusão decisiva sobre a questão da “cisão e unidade” do partido também para aqueles que aspiram a sair do colapso do movimento operário avançando, e não retrocedendo. Por mais louvável e compreensível que sejam a impaciência e a cólera amarga provocadas nos dias de hoje pela fuga do partido de muitos de seus melhores elementos, fuga é fuga, e para nós é uma traição às massas que se debatem e sufocam no nó corredio dos Scheidemann e Legien, abandonadas à mercê da burguesia. Pode-se “sair” de pequenas seitas e conventículos, quando eles não nos convêm mais, para fundar novas seitas e conventículos. Não passa de fantasia imatura querer libertar o conjunto da massa dos proletários do jugo pesado e perigoso da burguesia mediante a simples “saída” [do partido], precedendo-os nesse caminho com um exemplo corajoso. Jogar fora a carteirinha do partido e ter a ilusão de ter-se libertado representa, só que de ponta-cabeça, o mesmo que idolatrar a carteirinha do partido e ter a ilusão de poder; ambas são apenas os diferentes polos do cretinismo organizativo, essa doença constitutiva da velha social-democracia alemã. A desagregação da social-democracia alemã é um processo histórico de grandes dimensões, um conflito geral entre a classe trabalhadora e a burguesia, e não podemos nos esquivar, enojados, desse campo de batalha, ficando de lado no nosso cantinho, debaixo de um arbusto, para respirar um ar mais puro. Trata-se de levar essa luta gigantesca ao extremo. Trata-se de unir forças e puxar até que arrebente o nó mortal da social-democracia alemã oficial

¹⁰³ Karl Legien (1861-1920), sindicalista e deputado social-democrata a favor da guerra.

e dos sindicatos livres oficiais colocados pela classe dominante na garganta das massas perdidas e traídas; trata-se de apoiar as massas ludibriadas nesta difícilíssima luta pela sua libertação, de defendê-las fielmente e de peito aberto. A liquidação desse “monte de podridão organizada” que hoje se chama social-democracia alemã não é um assunto privado que possa ser resolvido por indivíduos ou grupos isolados. Ela acompanhará a guerra mundial como um complemento inevitável; e como uma importante questão de poder, que diz respeito ao espaço público, deve ser decidida empregando-se todas as forças. Nesse conflito geral com as instâncias da social-democracia e dos sindicatos, os dados da luta de classes na Alemanha serão lançados por décadas, e de maneira decisiva; nessas circunstâncias vale para cada um de nós, até o último: “Aqui estou, não posso agir de outro modo!”.

Der Kampf (Duisburg), nº 31, 6 de janeiro de 1917.

A tática da revolução¹¹³

A pergunta de como a social-democracia deve agir diante da campanha eleitoral de nossa burguesia enfatiza, sobretudo, a questão da tática do proletariado na fase atual. O curso e o resultado da luta revolucionária dependem amplamente da medida em que a classe operária a trava conscientemente, da medida em que ela entende com exatidão a natureza, as condições e as metas de sua tática. Especialmente importante é que as fileiras que lideram a luta percebam com toda a sua consciência a diferença entre as táticas do proletariado em tempos pacíficos e em tempos revolucionários. Somente o desconhecimento desta diferença pode explicar certas opiniões defendidas em alguns círculos da social-democracia, por exemplo, em partes de nosso partido irmão russo, opiniões como a de que seria uma tática “não social-democrata” atrapalhar os partidos burgueses na preparação e realização das eleições para a Duma [Parlamento] do tsar, que isso seria um “terrorismo” que as massas operárias não entendem. Se fosse realmente assim, seria apenas a prova de que as massas operárias ainda não estariam entendendo suficientemente o que significa revolução e quais os deveres que ela impõe ao proletariado em luta.¹¹⁴

¹¹³ Tradução do alemão de Monika Ottermann. Tradução do polonês para o alemão e notas de rodapé de Holger Politt. Texto alemão publicado em: *Rosa Luxemburg, Arbeiterrevolution 1905/06. Polnische Texte, [Revolução trabalhadora 1905/06. Textos poloneses]*, tradução e organização de Holger Politt. Berlim: Dietz Verlag, 2014. Este livro contém uma seleção de textos escritos entre 1904 e 1908, a maioria publicada pela primeira vez em alemão, e muitos deles pela primeira vez desde os dias da revolução de 1905-1907. Na medida em que foram escritos para o movimento em luta, são não só uma impressionante crônica desses eventos, como também a possibilidade de reconstruir detalhadamente a compreensão que Rosa Luxemburgo teve da revolução. Assim sendo, constituem um complemento indispensável das obras da revolucionária polonesa escritas naquela época e já publicadas em alemão (cf. especialmente *Gesammelte Werke* 1/2; 2; 6). Um aspecto especialmente interessante é que, devido ao tema e à substância teórica e material, os textos publicados neste livro têm uma relação imediata com o manuscrito sobre a Revolução Russa de 1918, redigido na prisão em língua alemã.

¹¹⁴ Diante de uma poderosa onda revolucionária que se reergueu no segundo semestre de 1905, o tsar prometeu reformas constitucionais em todo o império. O cerne das reformas eram as eleições para a Duma, que ocorreram, finalmente, no início de 1906. Os partidos operários

Segundo sua natureza e seu conteúdo, a tática da social-democracia é sempre revolucionária. Isto resulta de sua meta final, resulta do próprio programa da social-democracia que, em cada fase, ilumina sua luta. Essa meta, porém, é a reviravolta social completa, a total eliminação do atual sistema capitalista e o estabelecimento de uma ordem inteiramente nova, socialista, no caminho da conquista do poder político pela classe operária, portanto, no caminho da ditadura do proletariado. Vistas assim, as habituais reuniões populares na Alemanha, nas quais os operários tomam cerveja e escutam calmamente o novo orador, tomando conhecimento das metas e do programa da social-democracia, é um ato revolucionário em nada menor que a última revolta armada de operários em Moscou.¹¹⁵ A tática, quer dizer, a forma de luta cotidiana da social-democracia, é, de acordo com sua natureza, sempre revolucionária, na medida em que cobra conscientemente a realização do programa e contanto que o próprio programa da social-democracia seja revolucionário.

Entretanto, as formas, os métodos da luta proletária, são uns em tempos de paz e outros em tempos de revolução, e é bom que sejam diferentes. Esta diferença não consiste, como acham a burguesia e a polícia, no fato de que, durante a revolução, “há pancadaria nas ruas e corre sangue”, enquanto, em tempos pacíficos, a luta dos operários teria uma “forma civilizada”. Não, a diferença é muito mais profunda.

Tanto em tempos mais calmos como durante a tempestade revolucionária, a essência da tática social-democrata consiste na luta de classe. Em tempos pacíficos, porém, essa luta acontece no âmbito da dominação política da burguesia. O Direito em vigor em cada país

boicotaram firmemente essas eleições por violarem grosseiramente o princípio do sufrágio universal. No interior do Partido Operário Social-Democrata Russo [POSDR], dividido em duas alas, houve discussões. Enquanto os mencheviques consideravam que, em determinadas condições, era possível a participação nas eleições, os bolcheviques rejeitavam decididamente essa possibilidade. Também o partido social-democrata polonês, SDKPiL [Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia], no qual Rosa Luxemburgo ocupava uma posição de destaque, defendia que as plenas liberdades políticas precisavam ser conquistadas na luta revolucionária pela queda da dominação tsarista. Consequentemente, as eleições para a Duma foram rejeitadas como tentativa fraudulenta de neutralizar a onda revolucionária.

¹¹⁵No dia 7 (20) de dezembro de 1906 irrompeu nas ruas de Moscou uma revolta armada que, depois de nove dias, foi sufocada violentamente por tropas militares.

determina num dado momento os limites e as formas da luta operária. Por exemplo, a classe operária na Alemanha precisa respeitar em sua agitação e em sua luta política as normas do direito eleitoral existente, o direito de reunião e de imprensa; na sua luta econômica, o direito de associação, ou seja, de formar organizações etc. Todas essas leis, normas e restrições impõem à luta operária desde o início determinadas formas. As amarras e barreiras são obra dos parlamentos burgueses, são resultado da legislação na qual a burguesia tem mais peso. Todas essas leis, todos esses direitos, estão adaptados à dominação política da burguesia. Dessa maneira, a social-democracia na Alemanha não se serve somente dos direitos políticos já existentes; ela luta incansavelmente pela ampliação do direito eleitoral e do direito de associação, entre outros, em benefício do proletariado. Contudo, em tempos pacíficos, ela trava essa luta contra a dominação política da burguesia sempre com base e no âmbito do Direito já existente.

Dessa maneira, a “legalidade burguesa”, ou seja, o Direito a serviço da dominação burguesa, cria uma espécie de jaula de aço, em cujo interior precisa se dar a luta de classes do proletariado. Por isso, em tempos pacíficos, o acúmulo de experiências e a organização do proletariado são o resultado predominante dessa luta, enquanto que não pode haver muitos resultados positivos na forma de novas conquistas e direitos políticos. Por exemplo, a social-democracia alemã conseguiu reunir sob sua bandeira mais de três milhões de integrantes da população masculina adulta, mas todo esse poder não é capaz de dar um só passo à frente no tocante à legislação de proteção aos trabalhadores ou no que se refere ao direito de associação, porque atualmente o Parlamento e o governo continuam inteiramente nas mãos da burguesia. No Império Tsarista, a jaula “legal” da luta proletária nos tempos antes da revolução era a dominação irrestrita do “direito” do tsar, ou seja, do chicote.

Em tempos revolucionários, essa jaula da “legalidade” explode como uma caldeira com excesso de pressão, e a luta de classes vaza para fora, desnuda, sem qualquer barreira. É claro que, durante a

revolução, a burguesia governa em termos econômicos e sociais, assim como antes, já que os meios de produção são de sua propriedade e toda a vida social é orientada pela produção. Em termos políticos e legais, porém, a dominação do antigo poder de governo, do absolutismo, foi abolida, e a luta do proletariado pode se revelar em toda a sua força. Aparentemente, a revolução acontece quando enormes forças físicas do poder reinante se chocam com o povo em revolta. Na realidade, porém, a força física do proletariado revolucionário é apenas resultado e expressão de sua consciência política, mas essa consciência e o poder político atuam na revolução de modo não distorcido, livre, não estão neutralizados pelos “direitos” da sociedade burguesa. A força de classe do proletariado choca-se com a força da dominação e das classes proprietárias, os interesses do proletariado chocam-se com os interesses de seus opressores. Eles se chocam direta e imediatamente, sem as barreiras e catracas da “legalidade”. Na revolução, na qual os interesses das classes são ajustados numa luta corpo a corpo, forma-se aquilo que Lassalle chamou “a natureza da constituição”, ou seja, a relação de fato das forças das classes.¹¹⁶ A constituição que será escrita futuramente e o Direito futuro que determinará, talvez por décadas, a situação e a condição da luta operária, dependem da posição que o proletariado consegue conquistar efetivamente hoje, no tempo da revolução, em todas as áreas. Quanto mais força política o proletariado manifesta e conquista agora, durante a tempestade revolucionária, tanto maior será sua participação nos direitos e tanto mais favorável será a situação sob a dominação futura da burguesia, já tranquila, depois da revolução.

Por isso, agora, no tempo da revolução, a diretriz de nossa tática deve ser esta: aspirar à dominação de fato total do proletariado, aspirar a uma espécie de “ditadura” política do proletariado, mas não para fazer acontecer a insurreição socialista, e sim para primeiro

¹¹⁶ Cf. Ferdinand Lassalle, *Über Verfassungswesen. Ein Vortrag gehalten in einem Berliner Bürger-Bezirksverein* 16. April 1862 [Sobre a natureza da Constituição. Palestra ministrada em uma associação distrital civil de Berlim em 16 de abril de 1862] Em: Idem, *Ausgewählte Reden und Schriften* [Discursos e escritos escolhidos], ed. Hans-Jürgen Friederici, Berlim, 1991, pp. 82-105.

realizar as metas da revolução. A luta revolucionária toda se move em direção a essa meta. Na fase inicial da revolução, a convocação da assembleia constitucional pelo governo era a palavra de ordem dos operários na Rússia. Hoje em dia, nenhum proletário consciente acredita ainda na possibilidade da convocação da constituinte pelo cadáver apodrecido do absolutismo; isso nem sequer seria desejado. Apenas o próprio povo revolucionário pode operar, por meio da vitória definitiva e por meio da eliminação dos restos do cadáver do governo, a convocação de representantes do povo, pode proclamar a república para o Estado inteiro, inclusive a autonomia da Polônia¹¹⁷, pode instaurar a jornada de trabalho de oito horas.

Essa “ditadura” revolucionária, porém, essa vitória do proletariado, não chegará de uma só vez, numa determinada hora, e não cairá do céu. Ela só pode ser o último resultado de um avanço lento, mas constante, do proletariado rumo ao poder. O caminho necessário e único para essa meta é a realização da vontade e dos interesses conscientes do proletariado, o qual precisa ser conquistado passo a passo; é a conquista do poder do proletariado em todos os campos, a qualquer preço.

Vejam os dois exemplos que mostram a diferença da tática em tempos pacíficos e em tempos revolucionários. Os operários na Alemanha estão travando uma luta incessante e incansável pela melhoria das condições de trabalho, criando nessa luta, e para apoiá-la, imensas organizações sindicais que têm hoje mais de um milhão de afiliados. Em sua luta econômica, porém, estão fortemente limitados devido ao direito de associação na Alemanha, que, por exemplo, nega aos trabalhadores rurais ou aos funcionários da ferrovia e dos correios o direito de se organizar. Além disso, dificultam-se até mesmo a luta e a organização sindicais aos trabalhadores das indústrias – nas empresas estatais, por parte do governo; nas fábricas privadas, constantemente, por parte da polícia e dos tribunais;

¹¹⁷Para a compreensão da questão polonesa após a revolução, cf. Rosa Luxemburgo, *Nationalitätenfrage und Autonomie [Questão das nacionalidades e autonomia]*, tradução e organização Holger Politt, Berlim, 2012.

em outras grandes empresas, por parte dos poderosos reis do capital, mas, principalmente, por parte dos “cartéis”, ou seja, das grandes associações dos capitalistas industriais. Todas essas forças trabalham juntas para garantir que o empresário esteja sempre em seu direito quando se comporta em sua fábrica como o “senhor da casa”. Os operários alemães defendem-se exclusivamente pelo diligente aproveitamento do direito de associação já existente e pela agitação nas reuniões, pelas eleições e, no parlamento, pela ampliação do Direito.

No entanto, eles não tentam romper com esse Direito ou transgredi-lo. Por exemplo, não tentam de modo algum criar violentamente para os trabalhadores rurais ou para os operários nas empresas estatais as associações proibidas pelo Direito. Esse tipo de tática seria impossível na Alemanha de hoje e não faria sentido. Seria impossível porque, em tempos pacíficos, é inviável mobilizar artificialmente na massa do proletariado aquela energia combativa e determinação que poderiam conquistar, rapidamente, o que pode ser alcançado, sem nem considerar as possíveis vítimas e perigos dessa luta. Não faria sentido porque, sem a pressão de uma ação combativa de todo o proletariado, pressão que é gerada somente pela revolução, as tentativas de setores individuais do proletariado de romper com as leis existentes do Estado burguês podem ter efeito apenas por um tempo muito limitado e, pouco depois, seriam eliminadas violentamente.

Uma tática totalmente diferente impõe-se pela atual situação revolucionária aos operários na Rússia e na Polônia. Aqui, o poder das organizações sindicais do proletariado e de suas conquistas na luta contra o capital não dependem de “direitos” formais, mas unicamente das forças efetivas e da consciência da classe operária. Na fase atual, o proletariado do Império Tsarista não conhece em sua luta pela melhoria das condições de trabalho outro limite que não o das forças efetivas, e nem deveria conhecer. Os operários em sua luta sindical deveriam buscar, sempre que possível, a destruição da onipotência do capitalista na fábrica e a conquista de uma posição em que os operários são os “senhores da casa”. Não no sentido do

poder econômico, já que o capital e a possibilidade da exploração permanecem nas mãos do capitalista, mas pelo menos no sentido do estabelecimento das condições de trabalho e da ordem interna da fábrica. A conquista da liberdade mais completa que pode ser alcançada para quem é vítima dos salários da exploração capitalista e a influência da organização dos operários, deve ser a meta orientadora na atual luta sindical. Para isso, porém, faz-se necessária a maior pressão possível da parte do proletariado, o emprego de todos os meios que são expressão da consciência e da vontade das massas proletárias.

O mesmo acontece no campo da luta política. Em tempos pacíficos como, por exemplo, na Alemanha até o momento, a atuação do proletariado consciente para expressar sua vontade e defender seus interesses é dificultada e limitada pelas políticas e pelas leis existentes. Ainda que a social-democracia seja o partido mais forte na Alemanha, a coalizão dos partidos burgueses tem maioria no parlamento e impõe constantemente um direito que visa a passar a perna na classe operária e a submetê-la. Até o momento, a social-democracia alemã luta exclusivamente pela via da agitação pacífica e da organização, assim como por meio das campanhas eleitorais, sempre procurando conquistar para suas metas a maioria da população trabalhadora – e, na situação atual, também não pode fazer outra coisa. No império do tsar, porém, a meta da agitação deve ser não só e exclusivamente o esclarecimento das amplas massas do proletariado, mas também a conquista da influência efetiva sobre a situação, a conquista do poder de fato do proletariado na sociedade por meio do aumento da pressão. Enquanto, em tempos pacíficos, o proletariado precisa, por exemplo, suportar serenamente as bravatas dos partidos burgueses e se limitar à crítica pública dessa política, em tempos de revolução ele pode e deve procurar incondicionalmente sufocar a reação burguesa com tacão de ferro, impedir a ação dos grupos burgueses que lhe são hostis. No nosso país [Polônia], entre esses deveres está o de sufocar a Nacional-Democracia e sua campanha para a eleição

da Duma, por meio da pressão incondicional das massas operárias conscientes.¹¹⁸

É claro que o proletariado em luta não pode ter ilusões acerca da duração de sua dominação na sociedade. Após o final da atual revolução, após a volta da sociedade à situação “normal”, a dominação da burguesia, tanto na fábrica como no Estado, conseguirá com certeza marginalizar e eliminar na primeira fase grande parte das conquistas da atual luta revolucionária. Por isso é tanto mais importante que o proletariado abra as maiores brechas possíveis na situação atual, que ele revolucione na maior medida possível as condições dentro da fábrica e na sociedade. Quanto mais a social-democracia puder fazer avançar a onda revolucionária em direção à ditadura política do proletariado, tanto menos a burguesia será capaz, logo após a revolução, de rechaçar as conquistas. Pois essa busca do proletariado, de fazer valer sua vontade na luta, de “impô-la à sociedade” (assim a queixa da Nacional-Democracia), fará com que a massa operária alcance da forma mais rápida possível a consciência e a maturidade de classe – o fruto mais precioso e mais duradouro da revolução, que garante os futuros progressos do socialismo em tempos pacíficos. Nosso proletariado já deu uma brilhante prova da compreensão dessa tática especial em tempos revolucionários, a saber, quando, no fim de outubro e início de novembro do ano passado, a social-democracia se tornou por certo tempo o poder dominante, determinando as condições e os interesses do proletariado na Bacia de Dąbrowa.¹¹⁹

¹¹⁸ A Nacional-Democracia era o partido burguês mais importante no Reino da Polónia (pertencente à Rússia) que, desde o início, se opôs abertamente à revolução operária. Participou das eleições para a Duma e ganhou em abril de 1906 quase todas as cadeiras parlamentares previstas para a Polónia. Durante a campanha eleitoral ocorreram confrontos, em parte armados e sangrentos, com os partidos operários. Em vários artigos, Rosa Luxemburgo condenou severamente a conduta da Nacional-Democracia.

¹¹⁹ Em fim de outubro/início de novembro de 1905, várias dezenas de milhares de operários fizeram manifestações nas grandes cidades da região das minas de carvão, como Sosnowiec, Dąbrowa Górnicza e Będzin. Ao mesmo tempo, foram criadas estruturas de autoadministração por comitês de operários. As autoridades noticiaram, de forma sensacionalista, que o poder efetivo na região já estava nas mãos da social-democracia. Empresários industriais procuraram Witte e Skalon para pôr um fim definitivo a esses “distúrbios”. Em 10 de novembro de 1905, o czar impôs a lei marcial a todo o Reino da Polónia.

Essa deveria ser, incessantemente, a meta orientadora da ação proletária em todo o país e em todo o Estado. Pois tempos revolucionários são não somente os momentos em que há nas ruas lutas sangrentas com os militares, e sim cada momento, cada dia, por mais tranquilo que pareça, na atual fase revolucionária. Por isso, a social-democracia deveria se ater com determinação férrea à tática revolucionária, e lembrar a cada passo dado que a revolução não é um tempo para discutir com a reação, e sim um tempo para sufocá-la e derrubá-la pela ação da massa consciente do proletariado, um tempo para impor a vontade do proletariado por meio da luta.

Czerwony Sztandar [*Bandeira Vermelha*]

N.º 56, 23 de março de 1906, pp. 1-3

O partido revolucionário de Rosa

Nota de Holger Politt

Em nenhum momento de sua vida Rosa Luxemburgo teve sua postura política confirmada com tanto vigor como no dia 22 de janeiro de 1905, quando irrompeu a revolução no Império Tsarista. Embora ela estivesse nessa época em Berlim, onde já tinha conquistado um nome e uma posição firme no SPD, seu outro partido, de cuja fundação havia participado em Zurique em 1893, seria a partir desse momento a força motriz na luta operária contra a dominação tsarista. O partido tinha o curioso nome de Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia (SDKPiL), que era também o resumo de seu programa. Era um partido social-democrata na parte da Polônia pertencente à Rússia, sem,

contudo, estender a luta política para as partes da Polônia situadas na Prússia e na Áustria. Por isso, tanto mais importante se tornou a aliança com o movimento operário russo, a qual adquiriu para o partido uma importância estratégica. (Em 1906, o SDKPiL tornou-se membro do Partido Operário Social-Democrata Russo [POS DR], onde permaneceu até 1912, mantendo sua independência organizativa e ideológica.)

No fundo, o partido poderia se chamar simplesmente Partido da Revolução, pois os jovens social-democratas poloneses já não conseguiam conceber a queda da dominação tsarista sem o levante revolucionário da classe operária. Primeiro, a destituição do tsar e a instauração de plenas liberdades políticas numa república democrática para toda a Rússia; em seguida, o caminho restante para a abolição da ordem social baseada em condições capitalistas e em direção ao socialismo; e, finalmente, também a solução da questão polonesa – esta era a sequência básica no SDKPiL.

Já os socialistas poloneses, que tinham fundado seu partido, o PPS (Partido Socialista Polonês), em 1892, perto de Paris, seguiram outra lógica. Para esse partido, o ponto decisivo consistia em eliminar primeiramente a dominação do tsar sobre a parte polonesa, um guia também para todas as outras partes, para finalmente restaurar a Polônia. Segundo o PPS, uma Polônia restaurada era considerada a melhor precondição para o caminho rumo ao socialismo. Por isso, tudo era inicialmente subordinado a uma insurreição liderada pelos operários, concebida segundo a tradição das insurreições nacionais polonesas do século XIX. Não se excluía uma articulação com o movimento operário russo, mas ela não era obrigatória.

A competição entre o SDKPiL e o PPS parecia decidida com o início da revolução, pois o PPS se cindiu de fato quanto à questão da revolução. Sua maior parte afastou-se da tradição da insurreição e passou para o lado da revolução, sem, contudo, se tornar social-democrata. Que o PPS da insurreição viesse a ganhar essa competição deve-se à I Guerra Mundial ou, melhor, a seu desfecho, mas na época da revolução essa conjuntura ainda estava muito distante. Em nenhum momento de sua existência o SDKPiL esteve mais forte do

que nos dias da revolução; em nenhum momento de sua vida Rosa Luxemburgo esteve mais engajada no movimento polonês.

Desde os anos 70 do século XIX, o Reino da Polônia passara por um repentino e gigantesco desenvolvimento, tornando-se a região industrial mais importante do Império Tsarista. Rosa Luxemburgo escreveu sua tese de doutorado sobre esse tema, convicta de que a antiga Polônia havia desaparecido por completo. No seu entender, somente as duas classes principais da sociedade moderna – o proletariado e a burguesia – determinavam o desenvolvimento da Polônia. O grupo que até então desfrutara desse desenvolvimento – a burguesia, que havia alcançado uma riqueza vergonhosa – sabia muito bem de onde vinha tudo isso: do insaciável mercado russo e da exploração do proletariado industrial. Além do mais, era esse proletariado quem mais sofria sob a servidão da autocracia que obstruía o caminho de qualquer liberdade política necessária à luta operária.

Iniciada a revolução, os centros industriais no Reino da Polônia tornaram-se rapidamente os focos mais perigosos – sob bandeiras vermelhas! Para se ter uma ideia do impacto basta aduzir um único número. Somente na região industrial de Varsóvia e arredores, aderiram à greve de 1905-1906, dois terços do total dos grevistas registrados em toda a Alemanha entre 1894 e 1908! Quem ainda se lembra das imagens das poderosas greves operárias na Polônia, em 1980-1981, pode tomá-las como baliza da revolução de 1905-1906, mesmo que desde muito as bandeiras já não fossem vermelhas.

Até o fim de 1905, a situação política no Império Tsarista agravou-se dramaticamente, por todo lado o gigantesco país estava em chamas. No final de dezembro, Rosa Luxemburgo viajou para Varsóvia e dedicou-se de corpo e alma a escrever artigos. Como tinha entrado ilegalmente no país em revolução, manteve-se “invisível”, também em Varsóvia tendo a pena por única arma. Ela vivia na convicção de ver nas semanas e meses seguintes a reviravolta, a vitória da revolução. Um dos textos escritos naquela época é *Tática da revolução*, que só foi publicado quando Rosa Luxemburgo já estava detida na prisão do tsar. Quando dela saiu em meados de

junho de 1906, escreveu a famosa frase: “A revolução é magnífica, tudo o mais é bobagem!”.

Em fevereiro e março de 1906, Rosa Luxemburgo redigiu vários textos nos quais questiona o que deveria acontecer depois da queda da dominação tsarista. Nas lutas travadas durante a revolução havia se fortalecido a aliança política do SDKPiL com os bolcheviques e aumentado a crítica às ideias dos mencheviques. Ainda que os social-democratas poloneses defendessem convictamente a coesão organizativa do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), o ritmo da revolução tinha bagunçado um pouco as coisas. Mesmo assim, este breve texto de março de 1906 caracteriza como quase nenhum outro o modo pelo qual as ideias de Rosa Luxemburgo se distinguem daquilo que se imporá no âmbito dos bolcheviques. Para ela, a liberdade política uma vez alcançada e as liberdades democráticas conquistadas na luta sangrenta, em primeiro lugar a liberdade de opinião, de organização e de reunião, precisavam ser protegidas pelo movimento operário como a menina dos olhos.

“ Paul Levi deseja agora especialmente receber favores da burguesia – e, por conseguinte, dos agentes da Segunda Internacional e da Internacional Dois e Meio – ao reeditar justamente as obras de Rosa Luxemburgo em que ela se enganou... Mas no pátio traseiro do movimento operário, entre montes de lixo, galinhas da laia de Paul Levi, Scheidemann, Kautsky e de toda essa corja vão evidentemente cair em um êxtase todo especial com os erros da grande comunista”.

Lenin, 1922

“Querida Clara, digo-o abertamente: a bagagem que os russos, no momento, põem nas costas do comunismo, nós, comunistas alemães – que Deus me perdoe se também aí me incluo –, mal a poderíamos arrastar, mesmo que ainda tivéssemos um Partido Comunista – que Deus me perdoe se não levo em conta o atual...

Os russos têm agora um método cômodo. Quem diz alguma coisa [contra eles] é menchevique. Assim sendo, considero uma necessidade do momento escancarar as fontes mais profundas dos erros dos russos em termos puramente ideológicos; na minha opinião, é preciso mostrar que esses erros provêm de uma concepção leninista que Rosa Luxemburgo combatia há cerca de 20 anos e que, tanto pela causa como contra um método demasiado cômodo, é preciso distanciar-se do menchevismo. O quanto isso é necessário foi-me claramente mostrado pelo fato de que Lenin também se encarregou de fazer passar por menchevismo os artigos que escrevi. Um Lenin deveria saber afinal que menchevismo é algo completamente diferente, coisa que vou procurar mostrar. Em resumo, acredito que existe uma diferença profunda, tanto entre Rosa e os mencheviques, quanto entre Rosa e os bolcheviques. Penso, querida camarada Clara, que você não faz justiça a Rosa quando reduz tudo a mal-entendidos, a falta de informação – Rosa estava muito bem informada – ou a mau humor pessoal.

Uma pessoa com uma visão de mundo tão completa como Rosa é sempre a mesma por toda parte: quer escreva o programa de Spartakus ou critique os bolcheviques, quer escreva artigos ou livros, quer faça um discurso ou tome decisões táticas – é sempre a mesma pessoa, e precisamente o que consola é que existam ou tenham existido pessoas assim.”

Paul Levi, em 23 de setembro de 1921, a Clara Zetkin, que, a pedido de Lenin, procurava dissuadir Levi de publicar o manuscrito de Rosa Luxemburgo sobre a Revolução Russa.

A Revolução Russa¹²⁰

1

A Revolução Russa é o fato mais marcante da guerra mundial. Sua explosão, seu radicalismo sem igual, seu efeito duradouro desmentem à perfeição o palavreado com que a social-democracia alemã oficial, no seu zelo servil, encobriu ideologicamente no início a campanha de conquistas do imperialismo alemão: nesse palavreado, as baionetas alemãs tinham por missão derrubar o tsarismo e libertar os povos por ele oprimidos. O alcance prodigioso obtido pela revolução na Rússia, seu efeito profundo, que abala todas as relações de classe, que revela o conjunto dos problemas econômicos e sociais, que a fez avançar, com a fatalidade de sua lógica interna, do primeiro estágio da república burguesa para fases novas – não tendo sido a queda do tsarismo senão um pequeno episódio, quase uma ninharia –, tudo isso mostra claramente que a libertação da Rússia não foi obra da guerra nem da derrota militar do tsarismo, não foi mérito das “baionetas alemãs em punhos alemães”, como prometia o editorial da *Neue Zeit* dirigida por Kautsky, mas que ela possuía raízes profundas no próprio país e atingira a plena maturidade interna. A aventura bélica do imperialismo alemão, sob o escudo ideológico da social-democracia alemã, não provocou a revolução na Rússia; ao contrário, interrompeu-a no início, durante algum tempo – após seu primeiro grande fluxo ascendente de 1911 a 1913 –, para em seguida, depois da explosão, criar-lhe as condições mais difíceis e anormais.

Porém, para todo observador que reflita, esse desenvolvimento é uma prova flagrante contra a teoria doutrinária que Kautsky compartilha com o partido dos socialistas governamentais, segundo a qual a Rússia, país economicamente atrasado, essencialmente agrário, não estaria maduro para a revolução social nem para uma ditadura do

¹²⁰Título da redação. Manuscrito incompleto, reproduzido de acordo com *Rosa Luxemburg, Gesammelte Werke*, vol. 4, pp. 332-365, com uma modificação na p. 94.

proletariado. Essa teoria, que só admite como possível na Rússia uma revolução burguesa – concepção de que resulta igualmente a tática da coalizão dos socialistas com o liberalismo burguês na Rússia – é, ao mesmo tempo, a da ala oportunista do movimento operário russo, os chamados mencheviques, sob a experimentada direção de Axelrod e Dan. Tanto os oportunistas russos quanto os alemães estão totalmente de acordo com os socialistas governamentais alemães nessa concepção fundamental da revolução russa, da qual decorre naturalmente a tomada de posição em questões de detalhes táticos. Na opinião dos três, a Revolução Russa deveria ter parado no estágio da derrubada do tsarismo, nobre tarefa que, na mitologia da social-democracia alemã, os estrategistas militares do imperialismo alemão haviam estabelecido. Se ela foi além, se estabeleceu como tarefa a ditadura do proletariado, isso aconteceu, segundo essa doutrina, por simples erro da ala radical do movimento operário russo, os bolcheviques; e todas as intempéries que a revolução enfrentou, posteriormente, no seu desenvolvimento, todas as confusões de que foi vítima, nada mais são que o simples resultado desse erro fatal. Teoricamente, essa doutrina, apresentada tanto pelo *Vorwärts* de Stampfer quanto por Kautsky como fruto do “pensamento marxista”, chega à descoberta “marxista” original de que a transformação socialista é assunto nacional, por assim dizer doméstico, de cada Estado moderno em particular. Nas brumas desse esquema abstrato, um Kautsky sabe, naturalmente, descrever com minúcias as imbricações econômicas mundiais do capitalismo, que fazem com que todos os países modernos sejam organicamente interdependentes.

A revolução na Rússia – fruto do desenvolvimento internacional e da questão agrária – não pode ser resolvida nos limites da sociedade burguesa.

Na prática, essa doutrina tende a recusar a responsabilidade do proletariado internacional – do proletariado alemão em primeiro lugar – pelo destino da Revolução Russa, e a negar as conexões internacionais dessa revolução. O desenrolar da guerra e da Revolução Russa mostraram não a falta de maturidade da Rússia, mas sim

a falta de maturidade do proletariado alemão para cumprir sua missão histórica. Enfatizar isso com toda a clareza é a primeira tarefa de uma análise crítica da Revolução Russa. O destino da revolução na Rússia dependia inteiramente dos [acontecimentos] internacionais. Assentando inteiramente a sua política na revolução mundial do proletariado, os bolcheviques deram a prova mais brilhante de sua perspicácia política, de sua fidelidade aos princípios, da força audaciosa de sua política. Aí torna-se visível o salto colossal dado pelo desenvolvimento capitalista nos últimos dez anos. A revolução de 1905-1907 suscitou apenas um fraco eco na Europa. Por isso, tinha de permanecer um capítulo introdutório. A continuação e o desfecho estavam ligados ao desenvolvimento europeu.

É claro que só uma crítica aprofundada e refletida, não uma apologia acrítica, será capaz de recolher esses tesouros de experiências e ensinamentos. De fato, seria loucura imaginar que o primeiro experimento histórico mundial de ditadura da classe operária, realizado nas mais difíceis condições – em plena conflagração mundial e em pleno caos provocado pelo genocídio imperialista, preso na armadilha de ferro da potência militar mais reacionária da Europa, em face da completa omissão do proletariado internacional –, que num experimento de ditadura operária em condições tão anormais, tudo o que se fez ou deixou de fazer na Rússia alcançasse o cúmulo da perfeição. Ao contrário, os conceitos elementares da política socialista e a compreensão dos pressupostos históricos necessários à realização dessa política obrigam a reconhecer que, em condições tão fatais, nem o mais gigantesco idealismo, nem a mais inabalável energia revolucionária seriam capazes de realizar a democracia e o socialismo, mas apenas rudimentos frágeis e caricaturais de ambos.

Encarar isso com clareza, em todas as suas implicações e conseqüências profundas, é, incontestavelmente, o dever elementar dos socialistas de todos os países; pois somente a partir dessa compreensão amarga é que se poderá medir toda a extensão da responsabilidade específica do proletariado internacional no que se

refere ao destino da Revolução Russa. Aliás, é apenas por esse meio que se verá a importância decisiva de uma ação internacional conjunta na revolução proletária – condição fundamental, sem a qual a maior habilidade e os mais sublimes sacrifícios do proletariado de um único país enredam-se inevitavelmente numa confusão de contradições e erros.

Também não há dúvida de que as cabeças inteligentes que dirigem a Revolução Russa, Lenin e Trotsky, só deram alguns passos decisivos em seu caminho espinhoso, semeado de armadilhas de todos os tipos, dominados por grandes dúvidas e pelas mais violentas hesitações interiores; nada pode estar mais longe deles do que ver a Internacional aceitar tudo o que fizeram, sob dura pressão, no fervilhante turbilhão dos acontecimentos, como modelo sublime de política socialista, digno da admiração acrítica e da imitação fervorosa.

Seria igualmente errado temer que um exame crítico dos caminhos seguidos até aqui pela Revolução Russa possa abalar perigosamente o prestígio e o exemplo fascinante do proletariado russo, o único capaz de vencer a inércia fatal das massas alemãs. Nada mais falso. O despertar da combatividade revolucionária da classe operária alemã não pode provir, como que por encanto, de qualquer operação de sugestão praticada segundo o espírito dos métodos de tutela da social-democracia alemã – que Deus a tenha –, que incitaria a massa a crer cegamente numa autoridade imaculada, quer a de suas próprias “instâncias”, quer a do “exemplo russo”. A capacidade de o proletariado alemão realizar ações históricas não pode nascer da fabricação de um entusiasmo revolucionário acrítico; ao contrário, só nascerá da compreensão da terrível gravidade, de toda a complexidade das tarefas a cumprir, da maturidade política e da autonomia intelectual, da capacidade de julgamento crítico das massas, sistematicamente abafadas ao longo de décadas, sob os mais diversos pretextos, pela social-democracia alemã. Analisar criticamente a Revolução Russa em todo o seu contexto histórico é o melhor meio de educar os trabalhadores alemães e de outros países para as tarefas resultantes da situação atual.

O primeiro período da Revolução Russa, desde a sua explosão em março até a revolução de outubro, corresponde exatamente, em seu curso geral, ao esquema evolutivo das grandes revoluções inglesa e francesa. É o desenvolvimento típico de todo primeiro grande conflito generalizado das forças revolucionárias, engendradas no seio da sociedade burguesa, contra as amarras da velha sociedade.

Ele progride naturalmente em linha ascendente: moderados no início, os objetivos radicalizam-se cada vez mais e, paralelamente, passa-se da coalizão de classes e partidos à dominação exclusiva do partido mais radical.

No primeiro momento, em março de 1917, os “cadetes”, isto é, a burguesia liberal, estavam à cabeça da revolução. A primeira vaga global da maré revolucionária arrastou tudo e todos: a quarta Duma – o mais reacionário produto do *reacionaríssimo* sufrágio censitário das quatro classes,¹²¹ proveniente do golpe de Estado¹²² – transformou-se subitamente num órgão da revolução. Todos os partidos burgueses, inclusive a direita nacionalista, formaram de repente uma falange contra o absolutismo. Este caiu ao primeiro assalto, quase sem luta, como um órgão carcomido em que bastava tocar para que desmoronasse. Do mesmo modo, a breve tentativa da burguesia liberal de salvar pelo menos a dinastia e o trono espantou-se em poucas horas. Em dias, horas, o avanço impetuoso do desenvolvimento saltou distâncias para as quais, outrora, a França

¹²¹De acordo com a lei eleitoral de dezembro de 1905, os eleitores foram divididos segundo a posição e a propriedade em quatro cúrias, em que os proprietários de terras mantinham privilégios especiais e o número de deputados operários e camponeses foi reduzido. Após o golpe de Estado de 1907, foram acrescentadas novas limitações a esse direito de voto antidemocrático, de tal maneira que a dominação dos grandes proprietários de terras e da grande burguesia era garantida na Duma, e os povos das demais nacionalidades do império russo não possuíam nenhum direito de voto, ou apenas um direito extremamente limitado.

¹²²No dia 3 de junho de 1907, o governo tsarista dissolveu a II Duma e prendeu os membros da bancada social-democrata. Simultaneamente, introduziu uma nova lei eleitoral sem o consentimento da Duma. Esse golpe de Estado permitiu ao governo manter uma maioria de direita na Duma e transformar a IV Duma, eleita em 1912, em um órgão de poder das “camadas reacionárias da burocracia tsarista, amalgamadas com os proprietários de terras escravocratas e com as altas camadas da burguesia” (V. I. Lenin, *Werke*, vol. 19, p. 29.)

precisara de décadas. Constatou-se aqui que a Rússia realizou os resultados de um século de desenvolvimento europeu e, sobretudo, que a revolução de 1917 foi a continuação direta da revolução de 1905-1907, e não um presente dos “libertadores” alemães. Em março de 1917, o movimento retomou sua obra precisamente no ponto em que a havia deixado dez anos antes. A República democrática foi, desde a primeira investida, o produto acabado, internamente maduro, da revolução.

Mas então começou a segunda e mais difícil tarefa. Desde o primeiro momento, a força motriz da revolução havia sido a massa do proletariado urbano. Mas suas reivindicações não se esgotavam com a democracia política; ao contrário, dirigiam-se para a questão candente da política internacional: a paz imediata. Ao mesmo tempo, a revolução se apoiava na massa do exército, que fazia a mesma reivindicação de paz imediata, e na massa dos camponeses, que punha em primeiro plano a questão agrária, pivô da revolução desde 1905. Paz imediata e terra – esses dois objetivos implicavam a cisão no interior da falange revolucionária. A reivindicação de paz imediata estava em contradição absoluta com a tendência imperialista da burguesia liberal, cujo porta-voz era Miliukov;¹²³ a questão agrária era, no início, um espantalho para a outra ala da burguesia, a nobreza proprietária de terras, mas, em seguida, foi considerada um atentado à sacrossanta propriedade privada em geral, tornando-se um ponto sensível para o conjunto das classes burguesas.

Assim, no dia seguinte ao da primeira vitória da revolução, começou em seu seio uma luta interna em torno das duas questões principais: a paz e a questão agrária. A burguesia liberal adotou uma tática diversionista e evasiva. As massas trabalhadoras, o exército, os camponeses pressionavam cada vez mais violentamente. Não há dúvida de que o próprio destino da democracia política da República estava ligado à questão da paz e à questão agrária. As classes burguesas, que, submersas pela primeira vaga tempestuosa

¹²³ O líder dos cadetes P. N. Miliukov era ministro do exterior do governo provisório.

da revolução, se tinham deixado arrastar até a forma do Estado republicano, começaram imediatamente a procurar pontos de apoio na retaguarda e a organizar em segredo a contrarrevolução. A expedição dos cossacos de Kaledin contra São Petersburgo¹²⁴ revelou claramente essa tendência. Se essa agressão tivesse sido coroada de êxito, teria sido selada a sorte, não somente das questões da paz e da terra, mas também da democracia e da própria República. As consequências inevitáveis teriam [sido] a ditadura militar acompanhada de um regime de terror contra o proletariado e, em seguida, a volta à monarquia.

Isso permite medir o que tem de utópico e, no fundo, de reacionário, a tática dos socialistas da tendência Kautsky, os mencheviques.

É francamente espantoso observar como esse homem diligente,¹²⁵ nos quatro anos da guerra mundial, com seu incansável trabalho de escriba, tranquila e metodicamente, abriu sucessivamente buracos no socialismo, transformando-o numa peneira, sem nenhum lugar intacto. A serenidade acrítica com que seus seguidores assistem a esse trabalho aplicado do seu teórico oficial e engolem, sem piscar, cada uma de suas novas descobertas, só pode ser comparada à serenidade dos seguidores de Scheidemann & Cia., quando esses últimos, na prática, esburacam, passo a passo, o socialismo. De fato, ambos os trabalhos se completam perfeitamente e Kautsky, o guardião oficial do templo marxista, na realidade apenas executa teoricamente, desde o início da guerra, o que os Scheidemann fazem na prática: 1. a Internacional, instrumento da paz; 2. desarmamento e sociedade das nações; por fim 3. democracia, não socialismo.

Obcecados pela ficção do caráter burguês da Revolução Russa – pois a Rússia ainda não estaria madura para a revolução social

¹²⁴O líder dos cossacos A. M. Kaledin mobilizou os cossacos do Don e apoiou as tropas contrarrevolucionárias que, em agosto de 1917, chefiadas por L. G. Kornilov, marcharam contra Petrogrado [nome de São Petersburgo de 1914 a 1924, quando passa a chamar-se Leningrado] para derrotar a revolução e instituir uma ditadura militar. Liderados pelos bolcheviques, trabalhadores e soldados enfrentaram os contrarrevolucionários, levando-os a uma derrota completa.

¹²⁵ Trata-se de Karl Kautsky.

–, eles agarraram-se desesperadamente à coalizão com os liberais burgueses, isto é, quiseram unir à força os elementos que, separados pela natural marcha interna do desenvolvimento revolucionário, haviam entrado em violenta contradição recíproca. Os Axelrod e Dan queriam a todo custo colaborar com as classes e os partidos que ameaçavam mais perigosamente a revolução e sua primeira conquista, a democracia.

Nessa situação, coube à tendência bolchevique o mérito histórico de ter proclamado e seguido, desde o início, com uma coerência férrea, a única tática que podia salvar a democracia e fazer avançar a revolução. Todo o poder exclusivamente nas mãos das massas trabalhadoras e camponesas, nas mãos dos soviets – essa era de fato a única saída para as dificuldades em que a revolução havia caído, o golpe de espada que cortava o nó górdio, tirava a revolução do impasse e deixava o campo livre para que ela continuasse a se desenvolver sem entraves.

O partido de Lenin foi assim o único na Rússia que compreendeu, nesse primeiro período, os verdadeiros interesses da revolução, foi o elemento que a fez avançar e, nesse sentido, foi o único partido que praticou uma política realmente socialista.

Isso explica também que os bolcheviques, minoria proscrita, caluniada e acuada por todos os lados no início da revolução, tenham, num tempo muito curto, se tornado seus dirigentes e podido reunir, sob a sua bandeira, todas as massas realmente populares: o proletariado urbano, o exército, os camponeses, assim como os elementos revolucionários da democracia, a ala esquerda dos socialistas revolucionários.

Depois de poucos meses, a situação real da Revolução Russa resumia-se à alternativa: vitória da contrarrevolução ou ditadura do proletariado, Kaledin ou Lenin. Essa situação objetiva a que chega rapidamente toda revolução, uma vez dissipada a primeira embriaguez, resultou na Rússia das questões concretas e candentes da paz e da terra, para as quais não existia solução nos limites da revolução “burguesa”.

Com isso, a Revolução Russa apenas confirmou a lição fundamental de toda grande revolução, cuja lei vital é a seguinte: ela precisa avançar muito rápida e decididamente, abater com mão de ferro todos os obstáculos e pôr seus objetivos sempre mais longe, ou será rapidamente jogada para alguém de seu frágil ponto de partida e esmagada pela contrarrevolução. Parar, marcar passo, contentar-se com o primeiro objetivo alcançado, isso não existe numa revolução. E quem quer transpor para a tática revolucionária essa sabedoria caseira das guerrinhas parlamentares mostra apenas que a psicologia, que a própria lei vital da revolução, é-lhe tão estranha quanto toda a experiência histórica, que permanece para ele um livro fechado a sete chaves.

Vejamos o decorrer da Revolução Inglesa desde que explodiu, em 1642. Pela lógica das coisas, primeiro as tergiversações débeis dos presbiterianos e a guerra hesitante contra o exército real, em que os chefes presbiterianos evitaram deliberadamente uma batalha decisiva e uma vitória contra Carlos I, levaram à necessidade imperiosa de que os Independentes os expulsassem do Parlamento e tomassem o poder. Em seguida, ocorreu o mesmo no interior do exército dos Independentes: a massa subalterna e pequeno-burguesa dos soldados, os “niveladores” de Lilburn, formava a tropa de choque de todo o movimento independente. Por fim, os elementos proletários da massa dos soldados, os que iam mais longe no tocante à transformação social e se exprimiam no movimento dos *diggers*, representavam, por sua vez, o fermento do partido democrático dos “niveladores”.

Sem a influência dos elementos proletários revolucionários sobre o espírito da massa dos soldados, sem a pressão da massa democrática dos soldados sobre a camada dirigente burguesa do partido independente, não se teria chegado à “depuração” do Longo Parlamento expulsando os presbiterianos, nem à conclusão vitoriosa da guerra contra o exército dos *gentlemen* e contra os escoceses, nem ao processo contra Carlos I e à sua execução, nem à supressão da Câmara dos Lordes e à proclamação da República.

E o que aconteceu na grande Revolução Francesa? A tomada do poder pelos jacobinos, depois de quatro anos de lutas, demonstrou-se o único meio de salvar as conquistas da revolução, efetivar a República, destroçar o feudalismo, organizar a defesa revolucionária interna e externa, sufocar as conspirações da contrarrevolução e propagar por toda a Europa a vaga revolucionária vinda da França.

Kautsky e seus correligionários russos, que desejavam que a Revolução Russa conservasse o “caráter burguês” da sua primeira fase, são a exata contrapartida dos liberais alemães e ingleses do século passado, que distinguiam assim os dois célebres períodos da grande Revolução Francesa: a “boa” revolução da primeira fase, a fase girondina, e a “má”, a partir da tomada do poder pelos jacobinos. Essa concepção liberal, superficial da história não precisava naturalmente compreender que, sem a tomada do poder por esses jacobinos “sem medida”, até mesmo as tímidas meias conquistas da fase girondina logo teriam sido soterradas sob as ruínas da revolução, e que a alternativa real à ditadura jacobina, tal como posta pela marcha inexorável do desenvolvimento histórico no ano de 1793, não era a democracia “moderada”, e sim a restauração dos Bourbon! Em nenhuma revolução o “justo meio” pode ser mantido, sua lei natural exige decisões rápidas: ou a locomotiva subirá a encosta histórica a todo vapor até o cume, ou, arrastada pelo próprio peso, voltará à planície de onde partiu, arrastando consigo para o abismo, sem esperança de salvação, os que, com suas fracas forças, queriam detê-la a meio do caminho.

Assim se explica que, em toda revolução, o único partido capaz de conquistar a direção e o poder é aquele que tem a coragem de lançar palavras de ordem mobilizadoras e extrair daí todas as consequências. Assim se explica o papel lamentável dos mencheviques russos, os Dan, Tsereteli etc., que no início exerciam enorme influência sobre as massas, mas que, após um longo período de oscilações, após terem se recusado com unhas e dentes a tomar o poder e assumir as responsabilidades, foram varridos de cena de maneira inglória.

O partido de Lenin foi o único que compreendeu as exigências e os deveres de um partido verdadeiramente revolucionário e que assegurou a continuidade da revolução com a palavra de ordem “Todo o poder às mãos do proletariado e do campesinato”.

Os bolcheviques resolveram assim a célebre questão da “maioria do povo”, pesadelo que sempre oprimiu os social-democratas alemães. Pupilos incorrigíveis do cretinismo parlamentar, transpõem simplesmente para a revolução a sabedoria caseira do jardim de infância parlamentar: para fazer alguma coisa, é preciso ter antes a maioria. Portanto, também na revolução, conquistemos primeiro a “maioria”. Mas a dialética real das revoluções inverte essa sabedoria de toupeira parlamentar: o caminho não leva à tática revolucionária pela maioria, ele leva à maioria pela tática revolucionária. Só um partido que saiba dirigir, isto é, fazer avançar, ganha seguidores na tempestade. A resolução com que Lenin e seus companheiros lançaram no momento decisivo a única palavra de ordem mobilizadora – “Todo o poder ao proletariado e campesinato!” – fez de uma minoria perseguida, caluniada, “ilegal”, cujos dirigentes, como Marat, precisavam esconder-se nas caves, praticamente de um dia para o outro, a dona absoluta da situação.

Os bolcheviques também estabeleceram imediatamente, como objetivo da tomada do poder, o mais avançado e completo programa revolucionário: não se tratava de garantir a democracia burguesa, e sim a ditadura do proletariado, tendo como fim a realização do socialismo. Eles adquiriram assim o imperecível mérito histórico de terem proclamado, pela primeira vez, os objetivos finais do socialismo como programa imediato da prática política.

Tudo o que, num momento histórico, um partido pode dar em termos de coragem, energia, perspicácia revolucionária e coerência, foi plenamente realizado por Lenin, Trotsky e seus companheiros. Toda a honra e a capacidade de ação revolucionárias que faltaram à social-democracia ocidental encontravam-se nos bolcheviques. Com sua insurreição de outubro, não somente salvaram, de fato, a Revolução Russa, mas também a honra do socialismo internacional.

Os bolcheviques são os herdeiros históricos dos “niveladores” ingleses e dos jacobinos franceses. Mas a tarefa concreta que lhes coube na Revolução Russa, após a tomada do poder, era incomparavelmente mais difícil que a de seus antecessores.¹²⁶ Certamente a palavra de ordem exortando os camponeses à imediata tomada e partilha das terras¹²⁷ era a fórmula mais sumária, mais simples e lapidar para atingir um duplo fim: aniquilar a grande propriedade fundiária e vincular imediatamente os camponeses ao governo revolucionário. Como medida política para fortalecer o governo *proletário-socialista*, era uma tática excelente. Mas infelizmente ela possuía duas faces, e seu reverso, a tomada imediata das terras pelos camponeses, não tem nada a ver com uma agricultura socialista.

No plano agrário, a reestruturação socialista das condições econômicas pressupõe duas coisas: primeiro, a nacionalização precisamente da grande propriedade fundiária, pois ela representa uma concentração, a mais avançada do ponto de vista técnico, dos meios de produção e dos métodos agrícolas, sendo a única que pode servir de ponto de partida para uma economia socialista no campo. Embora, naturalmente, não seja necessário confiscar ao pequeno camponês o seu pedacinho de terra, e se possa deixar tranquilamente a seu critério convencer-se das vantagens da exploração coletiva que o levarão a aderir primeiro ao agrupamento cooperativo e, por fim, ao sistema de exploração social coletiva, é evidente que toda reforma econômica socialista no campo deve começar pela grande e pela média propriedade fundiária.

¹²⁶ Nota de Rosa Luxemburgo na margem superior, sem indicar a inserção: “(Importância da questão agrária. Já em 1905. Em seguida, na III Duma, os camponeses de direita! Questão camponesa e defesa, exército)”.

¹²⁷ Segundo o decreto sobre a terra do Segundo Congresso Geral dos Sovietes Russos, de 8 de novembro de 1917, e a “comissão eleitoral camponesa” nele incluída, a propriedade privada do solo foi suprimida, e as propriedades dos latifundiários, as terras dos príncipes, dos mosteiros e da Igreja foram desapropriadas sem indenização. O solo foi dividido segundo o princípio da utilização igual, ou seja, segundo determinadas normas de trabalho e de consumo. A forma de utilização do solo, se individual, comunitária ou coletiva, ficava a critério dos aldeões. Terras com empreendimentos altamente desenvolvidos não deviam ser divididas, e sim transferidas para as mãos da comunidade ou do Estado.

Nesse caso, é preciso, antes de mais nada, transferir o direito de propriedade à nação, ou, o que vem a ser o mesmo num governo socialista, ao Estado; somente isso oferece a possibilidade de organizar a produção agrícola numa grande e coerente perspectiva socialista.

Mas, em segundo lugar, um dos pressupostos dessa reestruturação consiste em suprimir a separação entre agricultura e indústria, traço característico da sociedade burguesa, para dar lugar à sua interpenetração e fusão, a uma completa formação da produção agrícola e industrial segundo perspectivas unificadas. Independentemente de como será nos detalhes a gestão prática – municipal, como propõem alguns, ou centralizada no Estado –, a condição prévia, em todo caso, é uma reforma unificada partindo do centro, tendo por premissa a nacionalização das terras. Nacionalização da grande e da média propriedade fundiária, unificação da indústria e da agricultura são os dois aspectos fundamentais de toda reforma econômica socialista, sem os quais não existe socialismo.

Que o governo dos soviets na Rússia não tenha realizado essas reformas consideráveis, quem pode recriminá-lo por isso? Seria um gracejo de mau gosto exigir ou esperar que Lenin e seus companheiros, no breve período em que estão no poder, no meio do turbilhão impetuoso das lutas internas e externas, pressionados por todos os lados por inimigos e resistências sem conta, tivessem dado conta ou apenas começado a dar conta de uma das tarefas mais difíceis, e mesmo, podemos dizer tranquilamente, da tarefa mais difícil da transformação socialista! Também nós, no Ocidente, uma vez no poder, apesar de condições extremamente favoráveis, quebraremos alguns dentes com essa dura noz, antes de termos saído das dificuldades mais simples dentre as mil dificuldades complexas dessa gigantesca tarefa!

Mas, em todo caso, um governo socialista que chegou ao poder deve fazer uma coisa: tomar medidas no sentido desses pré-requisitos fundamentais para uma posterior reforma socialista das condições agrárias; deve, pelo menos, evitar tudo o que barra o caminho a essas medidas.

Ora, a palavra de ordem lançada pelos bolcheviques – apropriação imediata e repartição das terras pelos camponeses – deveria precisamente agir no sentido inverso. Não só não é uma medida socialista, como bloqueia o caminho que para lá conduz, acumulando dificuldades insuperáveis para a reestruturação das condições agrárias em sentido socialista.

A tomada das terras pelos camponeses conforme a sumária e lapidar palavra de ordem de Lenin e seus amigos – “Ide e tomai as terras!” – levou simplesmente a uma passagem brusca e caótica da grande propriedade fundiária à propriedade fundiária camponesa. Não foi criada a propriedade social, e sim uma nova propriedade privada: dividiu-se a grande propriedade em médias e pequenas propriedades, a grande exploração relativamente avançada em pequenas explorações primitivas que, no plano técnico, trabalham com os meios da época dos faraós. E mais: essa medida e a maneira caótica, puramente arbitrária, como foram aplicadas não eliminaram as diferenças de propriedade no campo, porém as agravaram. Embora os bolcheviques recomendassem ao campesinato formar comitês de camponeses, a fim de fazer da apropriação das terras da nobreza uma espécie de ação coletiva, é claro que esse conselho genérico não podia mudar nada no tocante à prática efetiva e à efetiva correlação de forças no campo. Com ou sem comitês, os camponeses ricos e os usurários, que formavam a burguesia rural e que de fato detinham o poder local em toda aldeia russa, foram certamente os principais beneficiários da revolução agrária. Mesmo sem ver, é evidente para todo mundo que ao fim da partilha das terras as desigualdades econômicas e sociais no seio do campesinato não foram eliminadas e sim exacerbadas, assim como agravados os antagonismos de classe. E esse deslocamento de forças ocorreu, incontestavelmente, em detrimento dos interesses proletários e socialistas.

Discurso de Lenin sobre a necessária centralização da indústria, a nacionalização dos bancos, do comércio e da indústria. Por que não das terras? Aqui, ao contrário, descentralização e propriedade privada. O próprio programa agrário de Lenin antes da revolução era outro. Retomou-se a palavra de ordem dos tão denegridos

socialistas revolucionários, ou, mais exatamente, a palavra de ordem do movimento espontâneo do campesinato.

Para introduzir princípios socialistas nas condições agrárias, o governo soviético procurou, em seguida, criar comunas agrárias compostas de proletários, na maioria elementos urbanos desempregados. Mas pode-se facilmente prever que os resultados desses esforços, comparados à situação do campo como um todo, permanecem necessariamente ínfimos, não podendo sequer ser considerados na análise da questão.¹²⁸ (Após o parcelamento, em pequenas explorações, da grande propriedade fundiária, o ponto de partida mais apropriado para a economia socialista, procura-se agora criar, a partir de pequenas unidades, explorações comunistas exemplares.) Nas condições dadas, essas comunas têm apenas o valor de um experimento, não de uma reforma social abrangente.

Anteriormente, uma reforma socialista no campo teria, quando muito, encontrado a resistência de uma pequena casta de grandes proprietários fundiários nobres e capitalistas e de uma pequena minoria da rica burguesia rural, cuja expropriação por uma massa popular revolucionária é uma brincadeira de crianças. Agora, após a “tomada de posse”, a coletivização socialista da agricultura tem um novo inimigo, uma massa de camponeses proprietários, que aumentou e se fortaleceu enormemente, e que defenderá com unhas e dentes, contra todo atentado socialista, sua propriedade recentemente adquirida. Agora, a questão da futura socialização da agricultura, e, por conseguinte, da produção na Rússia, tornou-se um tema de conflito e de luta entre o proletariado urbano e a massa camponesa. O boicote das cidades pelos camponeses, que retêm os víveres para obter lucros exorbitantes, exatamente como os *junkers* prussianos, mostra a que ponto o conflito se agravou. O pequeno camponês francês tornou-se o mais intrépido defensor da grande Revolução Francesa, que lhe doara as terras confiscadas aos emigrados. Como soldado de Napoleão, levou a bandeira francesa à vitória, atravessou toda a Europa e aniquilou o feudalismo

¹²⁸ Nota de Rosa Luxemburgo na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Monopólio dos cereais com recompensas. Agora *post festum* querem introduzir a luta de classes nas aldeias!”.

num país após outro. Talvez Lenin e seus amigos esperassem que sua palavra de ordem em relação ao setor agrário produzisse efeito semelhante. Mas o camponês russo, tendo tomado a terra por conta própria, não pensou nem em sonhos em defender a Rússia e a revolução à qual devia a terra. Aferrou-se à sua nova propriedade e abandonou a revolução a seus inimigos, o Estado à ruína, a população urbana à fome.

A revolução agrária de Lenin criou no campo uma nova e poderosa camada popular de inimigos do socialismo, cuja resistência será muito mais perigosa e obstinada do que foi a da aristocracia fundiária.

Os bolcheviques são em parte culpados pela transformação da derrota militar no colapso e na desagregação da Rússia. Os próprios bolcheviques agravaram consideravelmente as dificuldades objetivas da situação com uma palavra de ordem,¹²⁹ que puseram em primeiro plano na sua política, o assim chamado direito das nações à autodeterminação,¹³⁰ ou o que na realidade se escondia por trás desse palavreado: a desagregação do Estado russo. A fórmula, constantemente proclamada com uma obstinação doutrinária, sobre o direito das diferentes nacionalidades do império russo a decidirem elas mesmas seu destino, “até inclusive o direito de se separarem do Estado russo”, era um dos cavalos de batalha particulares de Lenin e de seus companheiros, quando se opunham à guerra de Miliukov e de Kerenski.¹³¹ Ela constituía o eixo de sua política interna depois da insurreição de outubro e toda a plataforma dos bolcheviques em Brest-Litovsk,¹³² a única arma que tinham para opor à posição de força do imperialismo alemão.

¹²⁹No original: política.

¹³⁰O governo soviético defendia o princípio da autodeterminação das nações. Ele considerava que as nações oprimidas pelo tsarismo não deveriam ser forçadas a ficar presas à Rússia.

¹³¹O governo provisório com P. N. Miliukov como ministro do exterior continuou a guerra e garantiu aos países da Entente cumprir todas as obrigações implicadas na aliança entre eles e a Rússia, a fim de conduzir a guerra até a “vitória final”. Essa política prosseguiu com o novo governo constituído em maio de 1917, em que A. F. Kerenski era ministro da guerra e da marinha, e que em julho de 1917 lançou uma ofensiva que teve um saldo de 60 mil vítimas. Os bolcheviques opuseram-lhe a reivindicação de uma paz imediata sem anexações, considerando “anexações” que Polônia, Finlândia, Ucrânia e demais regiões não russas fossem mantidas à força na federação dos Estados russos.

¹³²Durante as negociações de paz em Brest-Litovsk, o governo soviético exigiu a autodeterminação de todas as nações dos países envolvidos na guerra, incluindo o direito de separação e formação de um Estado autônomo para cada nação. Esse direito deveria ser concretizado por um referendo, em determinadas precondições, de toda a população das regiões em pauta.

Em primeiro lugar, o que choca na obstinação e na intransigência com que Lenin e seus companheiros se agarraram a essa palavra de ordem é o fato de ela estar em flagrante contradição, não só com seu anterior pronunciado centralismo político, mas também com sua atitude perante os outros princípios democráticos. Enquanto manifestavam um desprezo glacial pela Assembleia Constituinte, pelo sufrágio universal, pela liberdade de imprensa e de reunião, em suma, por todo o aparato das liberdades democráticas fundamentais das massas populares, cujo conjunto constituía o “direito à autodeterminação” na própria Rússia, eles tratavam o direito das nações à autodeterminação como a joia da política democrática, por amor ao qual era preciso calar todas as considerações práticas da crítica realista. Enquanto não se tinham deixado impressionar minimamente pelo voto popular para a Assembleia Constituinte na Rússia – voto popular fundado no sufrágio mais democrático do mundo, dado na plena liberdade de uma república popular – e, a partir de austeras considerações críticas, simplesmente declararam nulo seu resultado, em Brest defenderam o “voto popular” das nações não russas para decidir fazer, ou não, parte do Estado russo, apresentando-o como o verdadeiro paládio da liberdade e da democracia, a quintessência inalterada da vontade popular, a instância suprema, a instância decisiva na questão do destino político das nações.

Essa contradição flagrante é tanto mais incompreensível quanto as formas democráticas da vida política em todos os países, como veremos em seguida, constituem de fato os mais preciosos e indispensáveis fundamentos da política socialista, ao passo que o ilustre “direito das nações à autodeterminação” não passa de oca fraseologia pequeno-burguesa, disparate.

De fato, qual é o significado desse direito? Faz parte do bê-á-bá da política socialista que ela combata, como qualquer espécie de opressão, também a opressão de uma nação por outra.

Se, apesar de tudo, políticos tão lúcidos e críticos quanto Lenin, Trotsky e seus amigos, que não fazem senão dar de ombros ironicamente a qualquer espécie de fraseologia utópica como

desarmamento, sociedade das nações etc., desta vez fizeram um cavalo de batalha de uma frase oca precisamente da mesma categoria, isso ocorreu, parece-nos, por uma espécie de política circunstancial. Lenin e seus companheiros estimavam que não havia meio mais seguro de vincular as numerosas nacionalidades não russas no seio do Império russo à causa da revolução, à causa do proletariado socialista, que lhes conceder, em nome da revolução e do socialismo, a liberdade – total e sem limites – de disporem do seu destino. Era uma política análoga à que os bolcheviques adotaram em relação aos camponeses, cuja fome de terra pensavam satisfazer com a palavra de ordem de apropriação direta das terras da nobreza, vinculando-os assim à bandeira da revolução e do governo proletário. Infelizmente, nos dois casos o cálculo revelou-se completamente falso. Enquanto Lenin e seus companheiros esperavam evidentemente, como defensores da liberdade das nações até o “separatismo”, fazer da Finlândia, Ucrânia, Polônia, Lituânia, dos países bálticos, das populações do Cáucaso etc. aliados fiéis da Revolução Russa, nós assistimos ao espetáculo inverso: uma após a outra, essas “nações” utilizaram a liberdade recém-oferecida para se aliarem, como inimigas mortais da Revolução Russa, ao imperialismo alemão, e levarem, sob sua proteção, a bandeira da contrarrevolução à própria Rússia. Um exemplo típico é o episódio com a Ucrânia, em Brest,¹³³ que provocou uma guinada decisiva nas negociações, assim como em toda a situação política interna e externa dos bolcheviques. A atitude da Finlândia, Polônia, Lituânia, dos países bálticos, das nações do Cáucaso, mostra do modo mais convincente que não se trata aqui de uma exceção fortuita, e sim de uma decisão típica.

Certamente, em todos esses casos, não foram na realidade as “nações” que praticaram essa política reacionária, mas somente as

¹³³ A Assembleia ucraniana, a Rada Central, em 27 de janeiro de 1918, assinou um tratado com as potências da Europa central, embora nessa época já não detivesse mais poder efetivo, pois os soviéticos haviam vencido em quase toda a Ucrânia. Por esse tratado, a Alemanha tinha o direito de ocupar a Ucrânia, e nas negociações de Brest-Litovsk, em 27 e 28 de janeiro de 1918, exigiu anexações em termos de ultimato.

classes burguesas e pequeno-burguesas, que, na mais violenta oposição às suas próprias massas proletárias, deformaram o “direito à autodeterminação nacional” fazendo dele um instrumento da sua política contrarrevolucionária de classe. Mas – e aqui chegamos ao xis da questão – é exatamente nisso que reside o caráter utópico e pequeno-burguês desse palavreado nacionalista: na dura realidade da sociedade de classes, sobretudo numa época de antagonismos muitíssimo exacerbados, ele se transforma simplesmente num meio de dominação das classes burguesas. Os bolcheviques tiveram que aprender, em seu detrimento e em detrimento da revolução que, sob a dominação do capitalismo, não existe autodeterminação da “nação”, que numa sociedade de classes cada classe da nação aspira a se “autodeterminar” de um modo diferente, que, para as classes burguesas, as considerações sobre a liberdade nacional vêm muito depois das considerações sobre a dominação de classe. A burguesia finlandesa, assim como a pequena burguesia ucraniana, cerrou fileiras ao preferir a dominação alemã à liberdade nacional – caso esta tivesse que estar ligada aos perigos do “bolchevismo”.

A esperança de transformar em seu contrário essas relações reais de classe por meio de “plebiscitos” – em Brest tudo girava em torno dessa ideia – e de obter um voto majoritário a favor da fusão com a Revolução Russa graças à confiança na massa popular revolucionária, essa esperança, caso tenha sido seriamente acalentada por Lenin e Trotsky, dava mostras de um otimismo incompreensível e, se era apenas uma estocada tática no duelo com a política de força dos alemães, significava brincar perigosamente com o fogo. Mas mesmo sem a ocupação militar alemã, esse esplêndido “plebiscito”, caso tivesse ocorrido nos países limítrofes, dado o estado de espírito da massa camponesa e de grandes camadas de proletários ainda indiferentes, dada a tendência reacionária da pequena burguesia e os mil meios de que a burguesia dispunha para influenciar o voto, teria muito provavelmente chegado por toda parte a um resultado que daria pouca alegria aos bolcheviques. A regra infalível quando se trata de plebiscitos sobre a questão nacional pode ser assim enunciada:

ou as classes dominantes se arranjam para impedi-los quando não lhes convém, ou, quando se realizam, procuram influenciar os resultados por todos os meios e truques, de tal modo que nunca poderemos introduzir o socialismo pela via do plebiscito.

Aliás, o fato de que a questão das aspirações nacionais e das tendências particularistas tenha sido levantada em plena luta revolucionária, e tenha mesmo sido posta em primeiro plano por ocasião da paz de Brest, erigindo-a em *schibboleth* [senha] da política socialista e revolucionária, lançou a maior confusão nas fileiras do socialismo e abalou, precisamente nos países limítrofes, a posição do proletariado. Na Finlândia, o proletariado socialista, enquanto lutou fazendo parte da compacta falange revolucionária da Rússia, já tinha uma posição de força dominante; detinha a maioria na Dieta [Parlamento], no exército, reduzira a burguesia à impotência completa e era senhor da situação no país. No início do século, quando ainda não tinham sido inventadas as inépcias do “nacionalismo ucraniano”, com seus *karboventse* [moeda ucraniana] e seus “universais” [Assembleia Nacional da Ucrânia], quando Lenin ainda não tinha feito da “Ucrânia independente” o seu cavalo de batalha, a Ucrânia russa era a fortaleza do movimento revolucionário russo. Foi de lá, de Rostov, de Odessa, da bacia do Donetz que, de 1902 a 1904, correram as primeiras torrentes de lava da revolução, transformando todo o sul da Rússia num mar de chamas e preparando assim a explosão de 1905; o mesmo se repetiu na atual revolução – o proletariado do sul da Rússia constituiu as tropas de elite da falange proletária. Desde 1905, a Polônia e os países bálticos eram os centros mais poderosos e mais seguros da revolução, ali o proletariado socialista representava um papel preponderante.

Como é possível que em todos esses países a contrarrevolução subitamente triunfe? Foi precisamente separando-o da Rússia que o movimento nacionalista paralisou o proletariado e o entregou à burguesia nacional dos países limítrofes. Em vez de no espírito de uma autêntica política de classe internacionalista que, aliás, defendiam, se esforcem para realizar a mais compacta coordenação das forças

revolucionárias em todo o território do império, em vez de defenderem com unhas e dentes a integridade do império russo como território da revolução, em vez de oporem a todas as tendências separatistas nacionalistas este mandamento político supremo: a coesão indissolúvel dos proletários de todas as nações no âmbito da Revolução Russa – os bolcheviques, com sua retumbante fraseologia nacionalista sobre o “direito à autodeterminação até a constituição de Estados separados”, forneceram, em contrapartida, à burguesia de todos os países limítrofes, o mais desejado e esplêndido pretexto, forneceram literalmente a bandeira de suas aspirações contrarrevolucionárias. Em vez de prevenir os proletários dos países limítrofes contra todo separatismo, mostrando-o como uma armadilha puramente burguesa, e de sufocar, com mão de ferro, as tendências separatistas no ovo – o uso da força, nesse caso, significava agir verdadeiramente no sentido e no espírito da ditadura proletária –, ao contrário, com sua palavra de ordem, confundiram as massas de todos os países limítrofes, entregando-as à demagogia das classes burguesas. Encorajando dessa maneira o nacionalismo, eles próprios provocaram e prepararam a desagregação da Rússia, pondo na mão de seus inimigos o punhal que eles iriam enterrar no coração da Revolução Russa.

Certamente, sem a ajuda do imperialismo alemão, sem “as baionetas alemãs em punhos alemães”, como escrevia a *Neue Zeit* de Kautsky, jamais os Lubinsky e outros canalhas da Ucrânia, jamais os Erich e Mannerheim da Finlândia, nem os barões bálticos teriam acabado com as massas proletárias socialistas de seus países. Mas o separatismo nacional foi o cavalo de Troia com que os “companheiros” alemães, de baioneta em punho, se introduziram em todos esses países. Os antagonismos reais de classe e a correlação militar de forças provocaram a intervenção da Alemanha. Mas foram os bolcheviques que forneceram a ideologia que mascarou essa campanha da contrarrevolução: eles fortaleceram a posição da burguesia e enfraqueceram a do proletariado. A melhor prova é a Ucrânia, que deveria representar um papel tão fatal nos destinos da Revolução Russa. O nacionalismo ucraniano na Rússia era completamente diferente do tcheco,

do polonês ou do finlandês, nada mais que um simples capricho, uma frivolidade de algumas dúzias de intelectuais pequeno-burgueses, sem raízes na situação econômica, política ou intelectual do país, sem qualquer tradição histórica, pois a Ucrânia nunca formou um Estado ou uma nação, não tinha nenhuma cultura nacional, exceto os poemas *romântico-reacionários* de Chevtchenko. Na verdade, é como se, numa bela manhã, os habitantes do litoral norte da Alemanha quisessem fundar, por causa de Fritz Reuter, uma nação baixo-alemã e um Estado independente! E com sua agitação doutrinária sobre o “direito à autodeterminação até inclusive etc.,” Lenin e seus companheiros inflaram artificialmente essa farsa ridícula de alguns professores e estudantes universitários, transformando-a num fator político. Deram importância à farsa inicial, até que a farsa adquiriu uma terrível gravidade: ela se transformou, não num movimento nacional sério, que não tem nem nunca teve raízes, mas em estandarte, em bandeira unificadora da contrarrevolução! Desse ovo estéril saíram, em Brest, as baionetas alemãs.

As fórmulas vazias têm por vezes na história da luta de classes um significado muito real. O destino fatal do socialismo quis que nesta guerra mundial ele fosse escolhido para fornecer pretextos ideológicos à política contrarrevolucionária. Quando a guerra explodiu, a social-democracia alemã apressou-se em enfeitar o saqueio do imperialismo alemão com um escudo ideológico tirado do quarto de despejos do marxismo, declarando que se tratava da expedição libertadora contra o tsarismo russo, desejada por nossos velhos mestres em 1848. Aos antípodas do socialismo governamental, os bolcheviques, com seu palavreado sobre a “autodeterminação”, estava reservado levar água ao moinho da contrarrevolução e fornecer assim uma ideologia, não só para o estrangulamento da própria Revolução Russa, mas também para a liquidação de toda a guerra mundial, de acordo com os planos contrarrevolucionários. Temos boas razões para examinar, nesta perspectiva, a política dos bolcheviques a fundo. O “direito das nações à autodeterminação”, acoplado à Sociedade das Nações e ao desarmamento pela graça de Wilson, constitui o grito de guerra no confronto iminente entre o socialismo internacional e o

mundo burguês. É evidente que o palavreado sobre a autodeterminação, e o movimento nacional em seu conjunto, constituem atualmente o maior perigo para o socialismo internacional; a Revolução Russa e as negociações de Brest acabam de reforçá-los consideravelmente. Teremos que analisar essa plataforma de maneira ainda mais detalhada. Os destinos trágicos dessa fraseologia na Revolução Russa, em cujos espinhos os bolcheviques iriam se prender e ferir até sangrar, devem servir de advertência ao proletariado internacional.

A ditadura da Alemanha é a consequência de tudo isso. Da paz de Brest ao “tratado complementar”¹³⁴ As duzentas vítimas expiatórias de Moscou.¹³⁵ Essa situação engendrou o terror e o esmagamento da democracia.

4

Examinaremos esse ponto mais de perto através de alguns exemplos.

Na política dos bolcheviques, a conhecida dissolução da Assembleia Constituinte, em novembro de 1917, representou um papel preponderante. Essa medida foi determinante para sua posição posterior, representando de certa maneira uma guinada na sua tática. É fato que Lenin e seus companheiros, até a vitória de outubro, exigiam com estardalhaço a convocação de uma Assembleia Constituinte; que justamente a política de temporização do governo Kerenski nesse ponto constituía uma das acusações dos bolcheviques contra esse governo, dando-lhes motivo para os mais violentos

¹³⁴O tratado complementar russo-alemão, de 27 de agosto de 1918, estipulava que, com a determinação das fronteiras orientais da Estônia e da Livônia, a Alemanha precisava evacuar os territórios ocupados a leste. Assim, a Alemanha evacuariá o território a leste da Beresina, com a condição de que a Rússia soviética pagasse as somas estipuladas no acordo financeiro. A Rússia soviética renunciava à soberania sobre a Estônia, Livônia e Geórgia. No acordo financeiro russo-alemão, de 27 de agosto de 1918, a Rússia soviética era obrigada a pagar 6 bilhões de marcos à Alemanha.

¹³⁵Com o assassinato do embaixador alemão, Wilhelm Graf von Mirbach-Harff, os *socialistas-revolucionários* de esquerda começaram no dia 6 de julho de 1918, em Moscou, um golpe para derrubar o governo soviético. A insurreição foi derrotada e cem *socialistas-revolucionários* foram presos.

ataques. Na sua interessante brochura intitulada *Da revolução de outubro ao tratado de paz de Brest*, Trotsky diz que a insurreição de outubro significou a “salvação da Constituinte” assim como da revolução em geral. E continua: “Quando dizíamos que o caminho que levava à Assembleia Constituinte não passava pelo *pré-parlamento* de Tsereteli, e sim pela tomada do poder pelos soviets, éramos absolutamente sinceros”.¹³⁶

E agora, depois dessas declarações, o primeiro passo de Lenin após a Revolução de Outubro foi dispersar essa mesma Assembleia Constituinte à qual a revolução devia conduzir. Quais podem ter sido as razões para tão surpreendente guinada? Trotsky dá uma longa explicação na obra mencionada, e nós reproduzimos aqui seus argumentos.¹³⁷

Tudo isso é perfeito e muito convincente. Só admira que pessoas tão inteligentes como Lenin e Trotsky não tenham chegado à conclusão evidente que decorria dos fatos acima. Já que a Assembleia Constituinte havia sido eleita muito antes da guinada decisiva, a Revolução de Outubro, e refletia na sua composição a imagem de um passado obsoleto e não do novo estado de coisas, a conclusão impunha-se por si mesma: dissolver essa Constituinte caduca, logo natimorta, e convocar imediatamente eleições para uma nova Constituinte! Eles não queriam e não podiam confiar os destinos da revolução a uma

¹³⁶ Leo Trotsky. *Von der Oktoberrevolution bis zum Brester Friedensvertrag*. Berlim, 1919, p. 90.

¹³⁷ O escrito de Trotsky não consta do original. Ele escreve: “Se os meses que precederam a Revolução de Outubro constituíram um período em que as massas se deslocaram para a esquerda e em que os operários, os soldados e os camponeses afluíram irresistivelmente para o lado dos bolcheviques, esse processo manifestou-se no seio do Partido Socialista-Revolucionário por um fortalecimento da ala esquerda à custa da ala direita. Mas nas listas eleitorais estabelecidas pelos *socialistas-revolucionários*, os velhos nomes da ala direita ainda representavam três quartos dos candidatos... É preciso acrescentar a isso que as próprias eleições ocorreram nas primeiras semanas após a Revolução de Outubro. A notícia da mudança realizada espalhava-se de maneira relativamente lenta, em círculos concêntricos, partindo da capital para a província e das cidades para as aldeias. Em muitos lugares, as massas camponesas pouco sabiam do que se passava em Petrogrado e em Moscou. Eles votaram em ‘Terra e Liberdade’ e os representantes que elegeram para os comitês rurais colocavam-se, na maior parte do tempo, sob a bandeira dos ‘Narodniki’ [populistas]. Mas, assim, as massas camponesas votavam em Kerenski e Avksentiev, que dissolveram esses comitês rurais e prenderam seus membros... Este estado de coisas mostra claramente a que ponto a Constituinte estava atrasada em relação ao desenvolvimento da luta política e aos reagrupamentos no interior dos partidos”.

assembleia que refletia a Rússia de ontem, a Rússia de Kerenski, o período das hesitações e da coalizão com a burguesia. Muito bem! Então nada mais restava que convocar imediatamente em seu lugar uma assembleia saída da Rússia renovada e mais avançada.

Em vez disso, a partir das insuficiências específicas da Assembleia Constituinte reunida em outubro, Trotsky conclui que toda Assembleia Constituinte é supérflua e generaliza mesmo essas insuficiências, proclamando a inutilidade, durante a revolução, de toda representação popular resultante de eleições gerais:

“Graças à luta aberta e direta pelo poder governamental, as massas trabalhadoras acumulam em muito pouco tempo uma experiência política considerável e evoluem rapidamente, no seu desenvolvimento, a um nível mais elevado. O pesado mecanismo das instituições democráticas segue tanto mais dificilmente esse desenvolvimento, quanto maior for o país e mais imperfeito o seu aparato técnico” (Trotsky, p. 93).

E assim chegamos ao “mecanismo das instituições democráticas em geral”. Pode-se antes de mais nada objetar que essa apreciação das instituições representativas exprime uma concepção um tanto esquemática e rígida, que contradiz expressamente a experiência histórica de todas as épocas revolucionárias. Segundo a teoria de Trotsky, toda assembleia eleita reflete apenas, de uma vez por todas, o estado de espírito, a maturidade política e o humor do eleitorado no momento preciso em que vai às urnas. O organismo democrático seria sempre o reflexo da massa no dia da eleição, assim como o céu estrelado, segundo Herschel, não nos mostra nunca os astros tais como são quando os vemos, mas tais como eram no momento em que, de uma distância incomensurável, enviavam suas mensagens luminosas para a Terra. Nega-se assim qualquer relação intelectual viva entre os eleitos e o eleitorado, qualquer influência recíproca constante entre ambos.

Como toda experiência histórica contradiz isso! Esta mostra-nos, ao contrário, que o fluido vivo do estado de espírito popular banha constantemente os organismos representativos, penetra-os, orienta-os. Se não, como seria possível assistir de tempos em tempos, em

todo parlamento burguês, às divertidíssimas cabriolas dos “representantes do povo” que, subitamente animados por um “espírito novo”, produzem entonações inteiramente inesperadas? Como seria possível que, de tempos em tempos, as múmias mais ressequidas assumissem ares juvenis e os pequenos Scheidemann de todas as espécies encontrassem de repente em seu peito tons revolucionários – quando a cólera ruge nas fábricas, nas oficinas, nas ruas?

Essa influência constantemente viva do estado de espírito e da maturidade política das massas sobre os organismos eleitos, justamente numa revolução, seria impotente perante o esquema rígido das etiquetas partidárias e das listas eleitorais? Muito ao contrário! É justamente a revolução que, por sua efervescência e seu ardor, cria essa atmosfera política leve, vibrante, receptiva, na qual as vagas do estado de espírito popular, a pulsação da vida do povo, influem instantaneamente e do modo mais extraordinário sobre os organismos representativos. É justamente sobre isso que se assentam sempre as cenas célebres e impressionantes, no estágio inicial de todas as revoluções, em que velhos parlamentos reacionários ou muito moderados, eleitos no antigo regime por um sufrágio restrito, transformam-se subitamente em porta-vozes heroicos da insurreição, em revolucionários românticos e impetuosos. O exemplo clássico é o famoso Longo Parlamento na Inglaterra: eleito e convocado em 1642, ficou sete anos no posto e [refletiu] em seu interior todas as mudanças do estado de espírito popular, a maturidade política, a divisão das classes, a progressão da revolução até seu apogeu, desde a reverente escaramuça inicial com a coroa, quando o *speaker* falava de joelhos, até a supressão da Câmara dos Lordes, a execução de Carlos I e a proclamação da República.

Essa extraordinária metamorfose não se repetiu igualmente nos Estados gerais (*Generalstände*)¹³⁸ na França, no parlamento de Luís Filipe eleito pelo sufrágio censitário e mesmo – o último e mais impressionante exemplo está bem próximo de Trotsky – na IV Duma russa que, eleita no ano da graça de 1912,¹³⁹ sob o mais estrito domínio

¹³⁸No original: Generalstaaten.

¹³⁹No original: 1909.

da contrarrevolução, sentiu subitamente, em fevereiro de 1917, o vento juvenil da revolta e transformou-se no ponto de partida da revolução?

Tudo isso mostra que “o pesado mecanismo das ... democráticas”¹⁴⁰ encontra um corretivo poderoso exatamente no movimento vivo e na pressão constante da massa. E quanto mais democrática a instituição, quanto mais viva e forte a pulsação da vida política da massa, tanto mais imediata e precisa é a influência que ela exerce – apesar das etiquetas partidárias rígidas, das listas eleitorais obsoletas etc. É claro que toda instituição democrática tem seus limites e lacunas, o que, aliás, compartilha com todas as instituições humanas. Só que o remédio encontrado por Lenin e Trotsky – suprimir a democracia em geral – é ainda pior que o mal que deveria impedir; ele obstrui a própria fonte viva a partir da qual podem ser corrigidas todas as insuficiências congênicas das instituições sociais: a vida política ativa, sem entraves, enérgica das mais largas massas populares.

Peguemos outro exemplo surpreendente: o direito de voto elaborado pelo governo dos soviets.¹⁴¹ Não é muito claro que significado prático se pode atribuir a esse direito de voto. Da crítica feita por Lenin e Trotsky às instituições democráticas, depreende-se que recusam fundamentalmente representações populares saídas de eleições gerais, e que não querem senão apoiar-se nos soviets. Por isso não se vê bem por que mesmo assim foi elaborado um sistema de sufrágio universal. Aliás, que se saiba, o sufrágio universal nunca foi aplicado; nunca se ouviu falar de eleições para qualquer espécie de representação popular que o tivesse por base. Pode-se supor que tenha permanecido apenas um produto teórico de gabinete; mas, tal como é, constitui um produto surpreendente da teoria bolchevique da ditadura. Todo direito de voto, assim como, em geral, todo direito político, não deve ser medido por esquemas abstratos de “justiça”, nem pela fraseologia burguesa

¹⁴⁰ Reticências no original. A citação integral diz: “o pesado mecanismo das instituições democráticas”.

¹⁴¹ De acordo com a Constituição, tinham o direito de votar e ser votados, independentemente de credo, nacionalidade e residência, os seguintes cidadãos com mais de 18 anos: “Todos os que para a sua subsistência realizam trabalho produtivo e socialmente útil, assim como pessoas ocupadas no trabalho doméstico, por meio do qual as primeiras podem realizar trabalho útil, assim como trabalhadores e empregados de todos os tipos e categorias ocupados na indústria, comércio, agricultura, camponeses e cossacos que cultivam a terra, na medida em que não utilizam trabalho assalariado visando ao lucro”.

democrática, mas pelas condições sociais e econômicas segundo as quais foi talhado. Esse direito de voto foi elaborado pelo governo dos soviets para o período de transição entre a forma social *burguesa-capitalista* e a forma socialista, o período da ditadura do proletariado. Segundo a interpretação dada por Lenin e Trotsky a essa ditadura, o direito de voto só é concedido aos que vivem do próprio trabalho e recusado a todos os outros.

Ora, é claro que semelhante direito de voto só tem sentido numa sociedade que esteja economicamente em condições de permitir, a todos que o queiram, trabalhar e viver digna e decentemente de seu próprio trabalho. Seria esse o caso da Rússia atual? Dadas as monstruosas dificuldades em que se debate a Rússia soviética, isolada do mercado mundial e privada de suas principais fontes de matérias-primas, dada a terrível desorganização da vida econômica em geral, a brusca reviravolta nas condições de produção em consequência das transformações nas relações de propriedade na agricultura, na indústria e no comércio, é óbvio que inúmeras existências foram subitamente desenraizadas, atiradas para fora do caminho, sem nenhuma possibilidade objetiva de empregar sua força de trabalho no mecanismo econômico. Isso não se refere apenas à classe dos capitalistas e dos proprietários fundiários, mas também à grande camada da pequena burguesia e da própria classe trabalhadora. É fato que o encolhimento da indústria provocou um êxodo maciço do proletariado urbano para o campo, à procura de colocação na agricultura. Nessas condições, um direito de voto político, que tem como premissa econômica o trabalho obrigatório para todos, é uma medida totalmente incompreensível. Sua intenção é privar de direitos políticos apenas os exploradores. E enquanto forças de trabalho produtivas são desenraizadas em massa, o governo soviético, em contrapartida, vê-se frequentemente obrigado a arrendar, por assim dizer, a indústria nacional a seus antigos proprietários capitalistas. O governo soviético também se viu obrigado, [em] abril de 1918, a selar um acordo com as cooperativas de consumo burguesas. Por fim, a utilização de especialistas burgueses [revelou-se] indispensável. Outra consequência da mesma orientação é que camadas crescentes do proletariado são mantidas pelo

Estado com fundos públicos, na qualidade de guardas vermelhos etc. Na realidade, ela priva de direitos camadas cada vez maiores da pequena burguesia e do proletariado, para as quais o organismo econômico não prevê nenhum meio que permita exercer a obrigação de trabalhar.

É um contrassenso fazer do direito de voto um produto utópico, um produto da imaginação, desligado da realidade social. E, precisamente por isso, não constitui um instrumento sério da ditadura proletária.¹⁴²

Quando, após a Revolução de Outubro, toda camada média, a *intelligentsia* burguesa e pequeno-burguesa boicotaram durante meses o governo soviético, paralisando as estradas de ferro, os correios, o telégrafo, as escolas e o aparelho administrativo, insurgindo-se assim contra o governo dos trabalhadores, impunham-se todas as medidas de pressão para quebrar com mão de ferro a resistência contra ele: privação dos direitos políticos, dos meios de subsistência etc. Assim se exprimiria, com efeito, a ditadura socialista, que não deve recuar perante nenhum meio coercitivo para impor ou impedir certas medidas no interesse de todos. Em contrapartida, um direito de voto que priva vastas camadas da sociedade; que as exclui politicamente do quadro social, sem ser capaz, economicamente, de criar um lugar para elas no interior desse quadro; uma privação de direitos que não é uma medida concreta visando a um fim concreto, mas uma regra geral de efeito duradouro, não constitui uma necessidade da ditadura, e sim uma improvisação incapaz de sobreviver.¹⁴³

Mas a Assembleia Constituinte e o direito de voto não esgotam a questão: é preciso considerar ainda a supressão das garantias democráticas essenciais a uma vida pública sadia e à atividade política das massas trabalhadoras – liberdade de imprensa, direito de

¹⁴²Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Um anacronismo, uma antecipação da situação jurídica que convém a uma base econômica socialista já realizada, não ao período de transição da ditadura proletária”.

¹⁴³Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Tanto os soviets como espinha dorsal, quanto a Constituinte e o sufrágio universal”. Numa página solta, sem número, lê-se: “Os bolcheviques qualificavam os soviets de reacionários porque, diziam eles, eram compostos na sua maioria por camponeses (delegados dos camponeses e delegados dos soldados). Quando os soviets ficaram do seu lado, transformaram-se nos justos representantes da opinião popular. Mas essa brusca reviravolta estava ligada apenas à paz e à questão agrária”.

associação e de reunião, ilegais para todos os adversários do governo soviético.¹⁴⁴ A argumentação de Trotsky, citada anteriormente, sobre o peso das instituições eleitorais democráticas não basta, nem de longe, para justificar esses ataques. Em contrapartida, é um fato patente, incontestável, que sem imprensa totalmente livre, sem livre associação e reunião, a dominação de vastas camadas populares é totalmente impensável.

Lenin diz: o Estado burguês é um instrumento para oprimir a classe trabalhadora, o Estado socialista, um instrumento para oprimir a burguesia. Esse seria, por assim dizer, o Estado capitalista de cabeça para baixo. Essa concepção simplista negligencia o essencial: a dominação de classe da burguesia não requer a formação nem a educação política de toda a massa do povo, pelo menos não para além de certos limites estreitamente traçados. Para a ditadura proletária, ela é o elemento vital, o ar sem o qual não pode viver.

“Graças à luta aberta e direta pelo poder governamental...”¹⁴⁵ Aqui Trotsky se contradiz e contradiz seus próprios companheiros de partido da maneira mais espantosa. Justamente por isso ser verdade é que, ao sufocarem a vida pública, obstruíram a fonte da experiência política e a evolução ascendente. Ou então seria preciso admitir que essa experiência e essa evolução seriam necessárias até a tomada do poder pelos bolcheviques, que elas haviam atingido seu apogeu e que doravante haviam se tornado supérfluas. (Discurso de Lenin: a Rússia foi conquistada para o socialismo!!!)¹⁴⁶

¹⁴⁴ “A ditadura proletária reprime os exploradores, a burguesia – por isso não é hipócrita, não lhes promete liberdade e democracia –, dando, porém, aos trabalhadores a verdadeira democracia. Somente a Rússia soviética deu a toda a enorme maioria dos trabalhadores uma liberdade e uma democracia desconhecidas, impossíveis e impensáveis em qualquer República burguesa; com essa finalidade, por exemplo, tirou à burguesia seus palácios e vilas (caso contrário, a liberdade de reunião é uma hipocrisia), com essa finalidade tirou aos capitalistas as gráficas e o papel (caso contrário, a liberdade de imprensa para a maioria trabalhadora é uma mentira)” (V. I. Lenin, *Werke (Obras)*, vol. 28, pp. 97-98)

¹⁴⁵ Reticências no original. A citação completa diz: “Graças à luta aberta e direta pelo poder governamental, as massas trabalhadoras acumulam em muito pouco tempo uma experiência política considerável e evoluem rapidamente, no seu desenvolvimento, a um nível mais elevado”. Trotsky, op. cit, p. 93.

¹⁴⁶ Ver nota 45.

Na realidade é o contrário! As tarefas gigantescas que os bolcheviques enfrentaram, com coragem e determinação, exigiam precisamente a mais intensiva formação política das massas e acúmulo de experiências... [Liberdade somente para os partidários do governo, somente para os membros de um partido – por mais numerosos que sejam –, não é liberdade. Liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente. Não por fanatismo pela “justiça”, mas porque tudo quanto há de vivificante, salutar, purificador na liberdade política depende desse caráter essencial e deixa de ser eficaz quando a “liberdade” se torna privilégio.]¹⁴⁷

O pressuposto tácito da teoria da ditadura no sentido Lenin-Trotsky é que a transformação socialista seria uma coisa para a qual o partido revolucionário tem no bolso uma receita pronta, que só precisa de energia para ser realizada.¹⁴⁸ Infelizmente – ou se quisermos, felizmente –, não é assim. Muito longe de ser uma soma de prescrições prontas, que bastaria aplicar, a realização prática do socialismo como sistema econômico, social e jurídico é uma coisa totalmente envolta nas brumas do futuro. O que temos em nosso programa são apenas alguns grandes marcos orientadores que indicam em que direção é preciso procurar as medidas a tomar, indicações, aliás, de caráter sobretudo negativo. Sabemos mais ou menos o que suprimir primeiro para deixar o caminho livre à economia socialista; em contrapartida, nenhum programa de partido socialista nem nenhum manual de socialismo esclarecem de que tipo serão os milhares de medidas concretas, práticas, grandes e pequenas, que

¹⁴⁷ As frases entre colchetes seguem o texto Rosa Luxemburg, *Breslauer Gefängnismanuskripte zur Russischen Revolution*. Textkritische Ausgabe [*Sobre a Revolução Russa, manuscritos da prisão em Breslau. Edição crítica*](a), Leipzig, 2001, p. 34. A frase “A liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente”, no entanto, é reproduzida sem o complemento “se exprimir”. Nesse ponto, concordamos com a argumentação de Annelies Laschitzka, *Bemerkungen für eine textkritische Ausgabe der Breslauer Gefängnismanuskripte von Rosa Luxemburg* [*Anotações para uma crítica textual dos manuscritos da prisão em Breslau de RL*], in: *ibidem*, p. 3.

¹⁴⁸ Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Se os bolcheviques forem honestos, não vão de querer negar que precisaram caminhar às apalpadelas, fazer tentativas, experimentos, ensaios de todos os tipos, e que boa parte das medidas tomadas não são pérolas. Certamente é o que nos acontecerá a todos, quando começarmos, mesmo que as condições não sejam por todo lado tão difíceis.”

é preciso tomar a cada passo para introduzir os princípios socialistas na economia, no Direito, em todas as relações sociais. Não é uma lacuna, mas, ao contrário, é justamente a vantagem do socialismo científico sobre o utópico. O sistema social socialista não deve nem pode ser senão um produto histórico, nascido da própria escola da experiência, na hora da sua realização, nascido da história viva fazendo-se, que, exatamente como a natureza orgânica – da qual faz parte, em última análise –, tem o belo hábito de produzir sempre, junto com uma necessidade social real, os meios de satisfazê-la; ao mesmo tempo em que a tarefa a realizar, a sua solução. E assim sendo, é claro que o socialismo, por sua própria natureza, não pode ser outorgado nem introduzido por decreto. Ele pressupõe uma série de medidas coercitivas – contra a propriedade etc. Pode-se decretar o negativo, a destruição, mas não o positivo, a construção. Terra nova. Mil problemas. Só a experiência [é] capaz de corrigir e de abrir novos caminhos. Só uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil formas novas, improvisações, mantém a força criadora, corrige ela mesma todos os seus erros. Se a vida pública nos Estados de liberdade limitada é tão medíocre, tão miserável, tão esquemática, tão infecunda, é justamente porque, excluindo a democracia, ela obstrui a fonte viva de toda riqueza e de todo progresso intelectual (Prova: o ano de 1905 e os [meses] de fevereiro a outubro de 1917). No plano político, mas também econômico e social. É preciso que toda a massa popular participe. Senão o socialismo é decretado, outorgado por uma dúzia de intelectuais fechados num gabinete.

Controle público é absolutamente necessário. Senão a troca de experiências fica só no círculo restrito dos funcionários do novo governo. A corrupção [torna-se] inevitável (Palavras de Lenin, *Mitteilungs-Blatt*, n° 36¹⁴⁹). A prática do socialismo exige uma

¹⁴⁹ No original, por engano, Rosa Luxemburgo menciona o n° 29. O artigo *Após a Revolução Russa* foi publicado no *Mitteilungs-Blatt des Verbandes der sozialdemokratischen Wahlvereine in Berlins und Umgegend* [Diário oficial da Federação das associações eleitorais sociais democratas de Berlim e arredores], n° 36, de 8 de dezembro de 1918. Ele contém uma reprodução bem minuciosa, quase literal do trabalho de V. I. Lenin, *Die nächsten Aufgaben der Sowjetmacht*.

transformação completa no espírito das massas, degradadas por séculos de dominação da classe burguesa. Instintos sociais em vez de instintos egoístas; iniciativa das massas em vez de inércia; idealismo, que faz superar todos os sofrimentos etc. etc. Ninguém sabe disso melhor, nem descreve com mais precisão, nem repete com mais obstinação do que Lenin.¹⁵⁰ Só que ele se engana completamente quanto aos meios. Decretos, poder ditatorial dos contramestres, punições draconianas, domínio do terror, tudo isso é paliativo. O único caminho que leva ao renascimento é a própria escola da vida pública, a mais ampla e ilimitada democracia, opinião pública.

¹⁵⁰ Nota na margem esquerda, sem indicar a inserção: “Discurso de Lenin sobre a disciplina e a corrupção. Também entre nós, assim como em todo lado, a anarquia será inevitável. O elemento lumpemproletário é inerente à sociedade burguesa, não podendo ser separado dela. Provas:

^A Prússia oriental, as pilhagens dos ‘cossacos’.

^B Explosão geral do roubo e da pilhagem na Alemanha (‘fraudes’, empregados dos correios e estradas de ferro, polícia, total apagamento das fronteiras entre a boa sociedade e os bandidos).

^C A rápida depravação dos dirigentes sindicais. Contra isso, medidas de terror draconianas são impotentes. Ao contrário, elas corrompem ainda mais. O único antídoto: idealismo e atividade social das massas, liberdade política ilimitada.”

Numa folha solta, sem indicação de onde inseri-la, encontra-se a seguinte reflexão: “Em toda revolução, a luta contra o lumpemproletariado constitui um problema em si, de grande importância. Na Alemanha, assim como em toda parte, também teremos de enfrentar isso. O elemento lumpemproletário é profundamente inerente à sociedade burguesa, não apenas como camada particular, como dejetos sociais que cresce de forma gigantesca, sobretudo quando as muralhas da ordem social desmoronam, mas como elemento integrante de toda a sociedade. Os acontecimentos na Alemanha – e mais, ou menos, em todos os outros Estados – mostraram com que facilidade todas as camadas da sociedade burguesa caem na depravação. A gradação entre os aumentos abusivos de preços, as fraudes dos proprietários poloneses nobres, os fictícios negócios de ocasião, a adulteração de gêneros alimentícios, a trapaça, a corrupção de funcionários, o roubo, o assalto e a pilhagem se apagou de tal forma que as fronteiras entre os cidadãos honrados e os bandidos desapareceram. Repete-se aqui o mesmo fenômeno da depravação constante e rápida das virtudes burguesas quando transplantadas além-mar para um solo social estranho, em condições coloniais. Com a supressão das barreiras e dos apoios convencionais da moral e do direito, a sociedade burguesa, cuja lei vital intrínseca consiste na mais profunda imoralidade – a exploração do homem pelo homem –, cai, diretamente e sem freio, na simples depravação. A revolução proletária terá, por toda parte, de combater esse inimigo, instrumento da contrarrevolução.

Contudo, mesmo neste caso, o terror é uma espada sem gume, ou melhor, uma espada de dois gumes. A mais draconiana justiça militar é impotente contra a irrupção das desordens lumpemproletárias. Com efeito, todo regime de estado de sítio que se prolonga leva invariavelmente ao arbítrio, e todo arbítrio tem um efeito depravador sobre a sociedade. O único meio eficaz nas mãos da revolução proletária, também aqui, consiste em tomar medidas radicais de natureza política e social, na transformação rápida das garantias sociais da vida da massa e em desencadear o idealismo revolucionário, que só pode subsistir graças a uma vida intensamente ativa das massas, numa liberdade política ilimitada.

Assim como, contra as infecções e os germes infecciosos, a ação livre dos raios solares é o meio mais eficaz, purificador e terapêutico, também a própria revolução e seu princípio renovador – a vida intelectual, a atividade e a autorresponsabilidade das massas que ela suscita, portanto a mais ampla liberdade política como forma – são o único sol que cura e purifica”.

É justamente o domínio do terror que desmoraliza.

Se tudo isso for suprimido, o que resta, na realidade? No lugar dos organismos representativos saídos de eleições populares gerais, Lenin e Trotsky puseram os soviets como a única representação verdadeira das massas trabalhadoras. Mas, abafando a vida política em todo o país, a vida dos soviets ficará cada vez mais paralisada. Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem livre debate de opiniões, a vida se estiola em qualquer instituição pública, torna-se uma vida aparente em que só a burocracia subsiste como o único elemento ativo. A vida pública adormece progressivamente, algumas dúzias de chefes partidários, de uma energia inesgotável e de um idealismo sem limites, dirigem e governam; entre eles, na realidade, uma dúzia de cabeças eminentes dirige, e a elite do operariado é convocada de tempos em tempos para reuniões, para aplaudir os discursos dos chefes e votar unanimemente as resoluções propostas; portanto, no fundo, é uma clique que governa – de fato, uma ditadura, não a ditadura do proletariado, e sim a ditadura de um punhado de políticos, isto é, uma ditadura no sentido burguês, no sentido da dominação jacobina (o intervalo entre os congressos dos soviets passou de três para seis meses!). E mais: esse estado de coisas produz necessariamente um recrudescimento da selvageria na vida pública: atentados, execução de reféns etc. É uma lei objetiva, todo-poderosa, a que nenhum partido pode fugir.

O erro fundamental da teoria de Lenin-Trotsky consiste precisamente em opor, tal como Kautsky, a ditadura à democracia. “Ditadura ou democracia”, assim é posta a questão, tanto pelos bolcheviques, quanto por Kautsky. Este se decide naturalmente pela democracia, isto é, pela democracia burguesa, visto que é a alternativa que propõe a transformação socialista. Em contrapartida, Lenin-Trotsky se decidem pela ditadura em oposição à democracia e, assim sendo, pela ditadura de um punhado de pessoas, isto é, pela ditadura burguesa. São dois polos opostos, ambos igualmente muito afastados da verdadeira política socialista. Quando o proletariado toma o poder não

pode nunca, segundo o bom conselho de Kautsky, renunciar à transformação socialista, com o pretexto de que “o país não está maduro”, e consagrar-se apenas à democracia, sem trair a si mesmo e sem trair a Internacional e a revolução. Ele tem o dever e a obrigação de tomar imediatamente medidas socialistas da maneira mais enérgica, mais inexorável, mais dura, por conseguinte, exercer a ditadura, mas a ditadura da classe, não a de um partido ou de uma clique; ditadura da classe, isso significa que ela se exerce no mais amplo espaço público, com a participação sem entraves, a mais ativa possível, das massas populares, numa democracia sem limites. “Como marxistas, nunca fomos idólatras da democracia formal”, escreve Trotsky.¹⁵¹ Certamente, nunca fomos idólatras da democracia formal. Também nunca fomos idólatras do socialismo nem do marxismo. Deve-se concluir daí que devemos, à maneira de Cunow-Lensch-Parvus, jogar o socialismo e o marxismo no quarto de despejos quando nos atrapalha? Trotsky e Lenin são a negação viva dessa pergunta. “Nunca fomos idólatras da democracia formal” só pode significar que sempre fizemos distinção entre o núcleo social e a forma política da democracia burguesa; que sempre desvendamos o áspero núcleo da desigualdade e da servidão sociais escondido sob o doce invólucro da igualdade e da liberdade formais – não para rejeitá-las, mas para incitar a classe trabalhadora a não se contentar com o invólucro, incitá-la a conquistar o poder político para preenchê-lo com um conteúdo social novo. A tarefa histórica do proletariado, quando toma o poder, consiste em instaurar a democracia socialista no lugar da democracia burguesa, e não em suprimir toda democracia. A democracia socialista não começa somente na Terra prometida, quando tiver sido criada a infraestrutura da economia socialista, como um presente de Natal, já pronto, para o bom povo que, entretanto, apoiou fielmente o punhado de ditadores socialistas. A democracia socialista começa com a destruição da dominação de classe e a construção do socialismo. Ela começa no momento da conquista do poder pelo partido socialista. Ela nada mais é que a ditadura do proletariado.

¹⁵¹ Trotsky, op. cit., p. 93.

Perfeitamente: ditadura! Mas essa ditadura consiste na maneira de aplicar a democracia, não na sua supressão; ela se manifesta nas intervenções enérgicas e resolutas pondo em causa os direitos adquiridos e as relações econômicas da sociedade burguesa, sem o que a transformação socialista não pode ser realizada. Mas essa ditadura precisa ser obra da classe, não de uma pequena minoria que dirige em nome da classe; quer dizer, ela deve, a cada passo, resultar da participação ativa das massas, ser imediatamente influenciada por elas, ser submetida ao controle público no seu conjunto, emanar da formação política crescente das massas populares.

Os bolcheviques procederiam exatamente dessa maneira se não sofressem a terrível pressão da guerra mundial, da ocupação alemã e de todas as dificuldades anormais daí decorrentes, dificuldades que obrigatoriamente desfiguram qualquer política socialista, mesmo impregnada das melhores intenções e dos mais belos princípios.

Um argumento brutal nesse sentido consiste na utilização abundante do terror pelo governo dos conselhos, sobretudo no último período, antes do colapso do imperialismo alemão, desde o atentado contra o embaixador da Alemanha. A verdade banal de que as revoluções não são batizadas com água de rosas é em si mesma bem pobre.

Pode-se compreender tudo o que se passa na Rússia como uma cadeia inevitável de causas e efeitos, cujos pontos de partida e de chegada consistem na omissão do proletariado alemão e na ocupação da Rússia pelo imperialismo alemão. Seria exigir de Lenin e seus companheiros algo sobre-humano, pedir-lhes que nessas circunstâncias ainda criassem, por um passe de mágica, a mais bela democracia, a mais exemplar ditadura do proletariado e uma economia socialista florescente. Com sua atitude decididamente revolucionária, sua energia exemplar e sua inabalável fidelidade ao socialismo internacional, eles na verdade realizaram o que era possível em condições tão diabolicamente difíceis. O perigo começa quando querem fazer da necessidade uma virtude, fixar em todos os pontos da teoria uma tática que lhes foi imposta por essas condições fatais e recomendar ao [proletariado] internacional imité-la como modelo da tática socialista. Assim, põem-se

desnecessariamente como exemplo e escondem seu mérito histórico, que é real e incontestável, sob os passos em falso impostos pela necessidade; ao querer fazer entrar no seu arsenal, como novas descobertas, todos os equívocos introduzidos na Rússia por necessidade e coerção, e que, no final das contas, eram apenas irradiações da falência do socialismo internacional nesta guerra mundial, prestam um mau serviço ao socialismo internacional, por amor ao qual lutaram e sofreram.

Os socialistas governamentais alemães sempre podem gritar que a dominação dos bolcheviques na Rússia é uma caricatura da ditadura do proletariado. Quer tenha sido ou seja o caso, isso só aconteceu porque foi o produto da atitude do proletariado alemão, ela mesma uma caricatura da luta de classes socialista. Todos nós vivemos sob a lei da história, e a política socialista só pode ser executada internacionalmente. Os bolcheviques mostraram que podem fazer tudo o que um partido verdadeiramente revolucionário é capaz de realizar nos limites das possibilidades históricas. Eles não devem querer fazer milagres, pois uma revolução proletária exemplar e perfeita num país isolado, esgotado pela guerra mundial, estrangulado pelo imperialismo, traído pelo proletariado internacional, seria um milagre. O que importa é distinguir, na política dos bolcheviques, o essencial do acessório, a substância da contingência. Nesse último período, em que lutas finais decisivas são iminentes no mundo inteiro, o problema mais importante do socialismo, a questão candente da atualidade era, e é, não esta ou aquela questão de detalhe da tática, e sim a capacidade de ação do proletariado, a energia revolucionária das massas, a vontade do socialismo de chegar ao poder. Nesse sentido, Lenin, Trotsky e seus amigos foram os primeiros a dar o exemplo ao proletariado mundial, e até agora continuam sendo os únicos que, como Hutten, podem exclamar: “Eu ousei!”.

Isso é o essencial e o permanente na política dos bolcheviques. Nesse sentido, o que permanece como seu mérito histórico imperecível é que, conquistando o poder político e colocando o problema prático da realização do socialismo, abriram caminho ao proletariado internacional e fizeram progredir consideravelmente, no mundo

inteiro, o conflito entre capital e trabalho. Na Rússia, o problema só podia ser colocado. Ele não podia ser resolvido na Rússia. Ele só pode ser resolvido internacionalmente. E, nesse sentido, o futuro pertence por toda parte ao “bolchevismo”.

Segredos de um pátio de prisão¹⁵²

À senhora Hanna-Elsbeth Stühmer,
nascida Dossmann, em agradecimento
singelo pelo maravilhoso vaso de jacintos.

A primeira vez que desci para tomar sol no pátio, como prisioneira política da Barnimstrasse, encontrei uma senhora de formas opulentas, elegantemente vestida, nos dedos e no busto uma pequena joalheria que faiscava a cada movimento. Sisuda, lábios comprimidos e testa franzida, andava incansável pelo pequeno pátio, sempre em círculos, os olhos pregados no chão, com os passos marcados dos seus tamanquinhos de salto ultramodernos, como se protestasse contra a amarga injustiça do mundo e das autoridades militares. Quando percebeu minha insignificante presença, examinou-me por um tempo com um olhar míope apertado, mas logo depois se apresentou, queixando-se com alarde do seu sofrimento. O caso conhecido típico: amigas ciumentas, vingança antiga, denúncia anônima por sentimentos hostis à Alemanha, detenção, prisão “protetora”...

¹⁵² Tradução coletiva cordenada por Kristina Michahelles, feita por Angela Mendonça e Roberto Muggiatti, com colaboração de Adriana Borgerth, Simone Ruthner e Oswaldo Kuster Neto. Carta de 10 de março de 1917 para Hanna-Elsbeth Stühmer. Em virtude de sua luta contra a guerra, Rosa Luxemburgo encontrava-se encarcerada, desde o verão de 1916, na Fortaleza de Wronke, na Posnânia, como “prisioneira sob proteção” das Forças Armadas alemãs. O diretor da prisão colocou uma casinha na área da fortaleza à disposição da prisioneira política não condenada, tendo também lhe concedido alguns privilégios. Como nessas condições sua doença não progrediu – Rosa sofria havia anos de fortes dores de estômago –, ela foi transferida no verão de 1917 para a prisão de Breslau, onde sua saúde ficou completamente arruinada. Hanna-Elsbeth Stühmer era irmã do diretor da prisão, por meio do qual as duas mulheres entraram em contato. Holger Politt encontrou uma cópia deste texto no Arquivo Act Nowych, Varsóvia, e colocou-o à minha disposição, pelo que agradeço. Erhard Hexelschneider (*Rosa Luxemburg und die Künste*, Leipzig, 2007, p. 51) indica que Elke Kleeberg publicou em 1974 excertos do texto (In: *Für Dich. Illustrierte Zeitschrift für die Frau*, 1974, Heft 3 nota de J. Schütrumpf). Esta carta foi publicada pela primeira vez em alemão na íntegra em Jörn Schütrumpf, *Rosa Luxemburg – Die Liebesbriefe [As cartas de amor]*, Berlim, Dietz Verlag, 2012.

“E agora aqui estou neste buraco miserável, presa aqui nos belos dias de verão, eu, logo eu, que não posso viver sem a natureza!” E ela me contou que todos os anos empreendia uma viagem dispendiosa somente para admirar o crepúsculo nos Alpes do Tirol. Crepúsculos que a levavam às lágrimas...

Era óbvio que aquela senhora vivia na inabalável convicção de que a natureza começava no Tirol, e precisamente com um espetacular pôr do sol. Se alguém lhe contasse que, da manhã até a noite, estaria no meio da natureza, aqui mesmo na Barnimstrasse 10, onde passa seus dias, certamente pensaria que estavam zombando dela. Calei-me, sorri educadamente e despedi-me.

Agora, bela senhora, gostaria de convidá-la para um pequeno passeio comigo neste minúsculo reino da natureza. Desconheço seus fascinantes traços, mas o que importa? Sei o suficiente para pressentir o mais encantador. Permita-me, com gentil mesura, cantar como Leporello no *Don Juan* de Mozart, quando desenrola seu famoso catálogo na presença de dona Elvira:

*“Nobre senhora, se lhe apraz
leia comigo tudo – se lhe apraz
leia comigo tudo!...”*

Ao despertar, a primeira coisa que se oferecia à minha visão nesses 365 dias era a parede dos fundos cinzenta, envelhecida, com letras grandes já bem desbotadas: “Destilaria de Vinagre Timners”. Enegrecida pela fuligem, a chaminé solta com zelo sua fumaça contínua, engravidando o ar da prisão com um leve odor agridoce, o qual – nos dias nublados – costuma arranhar sensivelmente a garganta. À direita e à esquerda da fábrica, uma vila proletária colorida, cujas janelas pequenas são adornadas com vasos típicos de gerânios, gaiolas de canários e roupas de bebês, de onde ora se ouvia choro de criança, ora brigas e pancadaria, dedilhar de violões ou os chiados de um gramofone.

Conhece, senhora, a peça *Phantasius*, de Arno Holz? O início diz:

*O telhado às estrelas alçava,
A fábrica do pátio arfava,
Era o verdadeiro pardieiro,
Com corredor e realejo
No porão, ninho da rata
No térreo, grogue, aguardente e cerveja,
E até o quinto andar quartel
Dos arrabaldes sua pobreza...*

Mas acima da silhueta quebrada desses telhados, voltados todos para o leste, toda manhã acontece um espetáculo, o mais belo e sublime desde a criação do mundo: o nascer do sol.

Final do outono, cinco e meia da manhã. A casa ainda dorme – apenas um segundo a mais de sossego, antes do raivoso barulho metálico, estalado, chocalhado das chaves de 500 seres humanos, tal qual uma onda impaciente que arrebenta a represa da calma noturna e invade todos os cantos dessa enorme construção. Só mais um segundo. Nesses últimos sinais da noite moribunda, a senhora consegue enxergar a minúscula silhueta de um pássaro a cintilar lá em cima da cumeeira do prédio, e escutar o seu doce chilrear? É o estorninho que espera comigo o grandioso espetáculo de todas as manhãs.

Vamos, está começando! Vê, cara senhora, como além da fábrica de vinagre o céu cinza escuro se tinge de róseo? De repente, um clarão rosa é arremessado para o alto, incendiando toda uma família de nuvenzinhas, cada vez mais forte, até um fulgor abrasador. Metade do céu já está inflamada, espalhando tochas de fogo. E no meio, exatamente sobre a chaminé da fábrica de vinagre, o primeiro raio dourado irrompe fulgurante através da maré rubra.

É como uma abertura wagneriana. Inicialmente, só os violinos vibram sua escala, descendo dos tons mais finos e altos, cada vez mais apressados, insistentes, em seguida, o som poderoso do oboé ataca o tema condutor, depois se misturam os baixos, as flautas, clarinetas, então os tímpanos retumbantes – finalmente *tutti* –, toda a orquestra ruge nas alturas – um triunfo, um júbilo, um hino!...

Assim, toca e triunfa e jubila em silêncio no céu a orquestra das cores por cima dos muros tristonhos da Barnimstrasse. O sol, o sol desponta sobre a fábrica de vinagre! Salve, velho, eternamente jovem sol, saúdo-te! Se apenas continuares me querendo bem, se vejo tua face dourada, o que me importam grade e cadeado? Pois não sou livre como aquele pássaro no telhado, que te exulta agradecido como eu? Se porventura, no fogo de uma revolução russa, eu for conduzida à forca, limita-te a brilhar para mim no pesado caminho e caminharei feliz e sorridente até minha última elevação, como para um banquete de casamento.

Sete horas. Já posso descer para o pátio – até as dez horas, completamente só. Bela senhora, quer acompanhar-me? Aqui embaixo pode ver o simples gramado quadrado, no meio apenas um grande olmo solitário, com alguns arbustos ao redor. Só isso. No entanto, que tesouro quando olhamos mais de perto!

Logo aqui na grama orvalhada, se fizer o favor de se abaixar, prezada senhora! Vê a quantidade de trevos? Repare no seu irisado opaco – azulado, rosado, o cinza da madreperla. De onde vem isto? Cada folhinha está coberta por minúsculas gotinhas de orvalho, nelas reflete-se oblíqua a luz matinal, conferindo às folhinhas o brilho irisado do arco-íris. Já tentou compor um ramo com esses simples trevos de três folhas? São encantadores em um pequeno vaso ou copo. Parecem ser todos iguais, mas, olhando de perto, cada folhinha é um pouco diferente, assim como, na realidade, não existem duas folhas idênticas em uma árvore. Maiores ou menores, mais claras ou mais escuras, as folhas dos trevos, com sua nobre forma ovalada, oferecem um quadro vívido variado. A primeira vez que enviei um desses raminhos de trevo para a superiora, desejando-lhe um bom dia, perguntou-me depois, interessada, onde os havia encontrado. Aquelas senhoras não têm a mínima ideia de tudo o que cresce e floresce no próprio pátio, e toda vez que, com meios modestos e um pouco de arte, eu conseguia formar um buquê vistoso, alguém perguntava com admiração: de onde? Desde então, sem dúvida, os raminhos de trevos ficaram muito em moda,

e, algumas manhãs, vi com alegria uma ou outra senhora se curvar no pátio, colhendo apressadamente um punhado de trevos de três folhas...

Portanto, segure sua saia e andemos com cuidado pela grama molhada até aquele raminho lá. Conhece a *veigélia*, a planta ornamental mais apreciada do norte da Alemanha, com seus cachos exuberantes de graciosos sininhos rosados? Não são perfumados, mas alegam os olhos e a grande ramagem verde não deixa de ter sua beleza. Como vê, as folhas novas do topo erguem-se para o alto, em pequenas trouxinhas enroladas. Posso dobrar um galho para que veja essas trouxinhas? Observe seu interior com cuidado! Há alguém ali que dorme escondido no fundo: uma joaninha vermelha com cinco pontinhos negros nas costas. No outono, a essa hora matinal, descobrirá uma joaninha em cada trouxinha da *veigélia*. Ainda está bastante molhado e faz frio a essa hora, e é costume render-se ao doce sono da manhã até que o sol já esteja mais alto no céu.

Pshh, deixemos o galho endireitar-se cuidadosamente e nos afastemos com passos leves para não perturbar o pequeno dorminhoco...

Agora vamos até aquele espinheiro-preto do outro lado! Quer quebrar um frágil galho marrom? Agarra-o com valentia e recua, assustada. Eca, como é mole e pegajoso! O pequeno galho entorta-se no ar, irritado com a indesejável interrupção do sono. Prezada senhora, perdoe-me a pequena pilhéria: era uma lagarta. Observe, por favor, esse surpreendente caso de mimetismo, que apesar de Darwin e de outros, permanece ainda formalmente um mistério. Pode observar em cada ramo do arbusto diferentes hastes. As mais novas são finas, marrom-canela, lisas e brilhantes. As mais velhas, grossas, marrom-acinzentadas e foscas na cor. E agora o milagre: em cada pequena haste, mimetizada, existe uma lagarta idêntica em largura e cor: aqui, no jovem broto, uma marrom-clara magrinha; ali, na haste mais antiga, uma gorda puxando para o cinzento. Sim, por favor, aqui ao lado a senhora descobre o lascivo impulso, e como, no outono, costuma também atacar as roseiras malcuidadas: um caule gordo verde esbranquiçado que, desajeitado, estica-se até a outra.

Verdade! E nessa está uma lagarta gorda e verde-esbranquiçada, que só se distingue da haste bem de perto e por olhos treinados.

O que tem a dizer, prezada senhora? Os bichinhos não têm culpa de sua forma e cor, a autora desse milagre é a grande natureza ou aquilo que chamamos assim. Porém, há uma espécie de capacidade de diferenciação na escolha do galho adequado ao próprio traje, no qual cada bichinho se agarra sem espelho, uma tentativa consciente de dissimulação que quase resvala no código penal, quando refletindo a cor da competência do seu irmãozinho!... Não basta. Veja a postura do corpo: o ângulo agudo com a haste, à qual cada lagarta se agarra como uma haste secundária, a postura rígida, imóvel no ar – todo esse refinamento é calculado para enganar o olhar afiado das aves à espreita nas alturas.

Se tocarmos numa dessas lagartas com os dedos, ela se encolherá, impaciente, e sobre seu pequeno corpo cilíndrico deslizam ondas avermelhadas como a raiva rubra; ela procura se esquivar rapidamente ao impertinente baderneiro para retornar à sua posição budista de faquir, que considera como a única adequada e honrada. Portanto, deixemo-la em paz.

O sol subiu bastante e seus raios já encontram a pequena nespereira lá no portão de saída. Conhece, senhora, esse arbusto ornamental, com suas folhinhas brilhantes como couro, semelhantes à murta, distribuídas de maneira tão igual em cada galho que parecem compor uma completa coroa nupcial? Uma coroa verde assim ficaria linda em volta da sua cabecinha, imagino-a em um enfeite exuberante de cabelos castanhos! Essa nespereira, entretanto, não agradou apenas a mim: uma aranha cruzeira grande a escolheu para moradia. Veja aqui embaixo, aprumada entre os galhos, a enorme impecável teia recém-feita. Veja como foi colocada, de modo artístico e consciente, contra a luz do sol, para que as moscas cegas pela luz, caídas ali, pudessem ser infalivelmente capturadas na malha! Como se desenha, tão clara, tão matemática, a rede traiçoeira no perfume azul-dourado da manhã outonal! A brisa brinca levemente com a construção oscilante, que se curva e tremula sem se romper,

como uma ponte moderna elástica nas altas montanhas, trançada com o mais fino aço – obra-prima da arte da engenharia. Ali, no canto, a aranha barriguda acocora-se, alegre com sua obra, batendo os dentes à espera de um gordo café da manhã...

Aproxima-se o meio-dia, finalmente pego meu Homero e recolho-me à minha cela. O bom Homero ficou-se pacientemente o tempo todo em cima do banco. A senhora também conhece o efeito maravilhoso de um bom livro ao alcance das mãos, mas que não se lê. Quantas vezes procuro um bom livro que me acalente suavemente até o sono, à noite. Às vezes demora até encontrar o livro certo. Então, coloco-o na mesinha, ao lado da cama – sem tocar nele. Basta sua mera presença. Assim, *Ulisses* me faz companhia todas as manhãs no meu passeio pelo pátio, mas nesse outono ainda não fui além dos insultos do corcunda Tersites. Mas o que importa? Tersites morreu há muito tempo, mas a aranha vive, compartilha comigo o breve instante da existência que nos foi destinado pelos deuses.

Uma tarde na prisão passa muito depressa. Agora no outono, às quatro da tarde o céu já tem claramente a coloração do iminente pôr do sol. E precisamente esta última bela hora da luz estival é escolhida todos os dias pelos pombos, que fazem seus ninhos em cima da casa, ao lado da fábrica de vinagre, para um voo alegre em comitiva. Veja, estimada senhora, como sempre rodopiam no alto, em volta da casa, como batem as asas e aprisionam feericamente a luz do sol com o branco-neve da parte interna da asa! Agora pousam no telhado, qual um buquê colorido de grandes magnólias brancas, marrons, azuis de aço, depois se erguem como que obedecendo a uma ordem, realizando mais uma dúzia de voltas, todas juntas em uma fiel revoada. Precisamos aproveitar a tarde, saborear a doce luz solar até o fim. E mais uma volta, e outra ainda...

Enquanto isso, o barulho surdo, ofegante, insistente no interior da enorme prisão alcança o clímax. Parece voltar-se contra o final da tarde. O apressado entrechoque das chaves e o rumor são ensurdecadores. Finalmente, o último soar redentor da campainha: um, dois, três – como se cortado por uma grande tesoura, o barulho

emudece. A calma noturna chega tão brusca e rápida que meus nervos sempre levam um choque e minhas têmporas se contraem com uma dor afiada. Agora, reina o silêncio. O peito respira aliviado, o pátio emudecido e o gigantesco prédio calado parecem completamente mudados, pensativos e sonhadores...

Já quer me deixar, prezada senhora? Oh, por favor, só mais um momentinho! Olha interrogativa para o meu sorriso jovial, para meu olhar para cima? Sim, lá em cima aparece ainda uma parte importante do espetáculo que tomei a liberdade de encomendar para a senhora... Veja como nuvens róseas e leves se agrupam lá em cima, bem alto no céu! Só Deus sabe de onde vieram! O céu estava claro e azul, agora ferve tudo com pequenas flâmulas que brilham no mais delicado rosa, pacíficas, como um sorriso, tão diferentes das nuvens rubras da manhã. O brilho escuro que antecede o pôr do sol possui algo das dores do parto, do trágico fúnebre do pressentimento. Essas nuvenzinhas de fim de tarde são como crianças inocentes brincando, como o toque da Ave-Maria dos sinos de uma tranquila igreja de um vilarejo.

O céu inteiro dança e sorri em rosa. O palco está pronto, o espetáculo pode começar. *Zirr-zirr*, escuta os sons metálicos vindos do alto, como finos parafusos prateados? E vê as fitas escuras relampejando na altura? São as andorinhas! Agora no outono, a cada entardecer, como as últimas convidadas do dia, apresentam seu alegre espetáculo aéreo sob nuvens rosadas, antes de nos dizer adeus e voar para o Egito [África?]. Quão audazes e livres caem e disparam através do luminoso espaço! *Zirr-zirr!*, ressoam ainda, nas alturas – adeus! Adeus! Partimos em breve, mas voltamos no próximo ano! *Zirr-zirr!*...

Möricke afirma que as andorinhas sabem cantar, sentadas em uma árvore. Conhece o seu poema *Uma horinha antes do amanhecer*?

*Quando ainda no sono jazia
Uma horinha antes da aurora
Cantava no ramo em frente à janela
Para mim uma andorinha, mal percebia*

*Uma horinha antes da aurora:
Escuta o que a ti digo,
O teu amor eu pleiteio,
Por isso, o canto entoo,
Acalanta ele um amor sereno -
Uma horinha antes da aurora!
Ah! Nada mais fales!
Oh quieto, não escutes!
Voa, voa da minha árvore.
Ah, amor fiel é uma quimera,
Uma horinha antes da aurora...*

Não é lindo, esse poema? Tão simples e cativante como uma canção popular. Mas jamais vi andorinhas cantando nas árvores. O único som que conheço da andorinha é este *zirr-zirr* nas alturas da revoada noturna.

E de repente, assim como começou, o espetáculo termina. As andorinhas desapareceram, as nuvens ferruginosas se apagaram. O anoitecer e a quietude descem frios sobre a terra. Acima da Destilaria Timners ergue-se pungente a pálida face da lua. Embaixo, no pátio, o gato Mulle esgueira-se para o roubo em suas patas macias. Parece tão sinistro, como um mágico – chego a temê-lo; ele carrega algo dos segredos da noite... Agora, uma sombra escura revoa em silêncio diante da minha janela – o morcego...

O dia termina, acabou – não volta mais. Tal qual uma pérola, afunda no oceano da eternidade.

Bela senhora, dê-me sua mãozinha para que eu possa agora acompanhá-la para casa. Eis a sua mansão coberta de hera. Muito, muito obrigada pela amável visita que me fez aos salões diáfanos da minha fantasia, e aceite o pouco que uma pobre prisioneira tem para oferecer. Mas nem mesmo um rei poderia homenagear seu convidado de forma mais nobre do que colocar a seus pés o sol, a lua e a terra em todo o seu verde esplendor. Estimada senhora, boa noite!

*Der Mann ward zum Sieb, die Frau
mußte schwimmen, die Sau,
für sich, für keinen, für jeden –*

*Der Landwehrkanal wird nicht rauschen.
Nichts
stockt.*

*O homem virou peneira, a mulher
teve de nadar, a porca,
para si, para ninguém, para todos –*

*O Landwehrkanal não há de rugir.
Nada
para.*

Paul Celan
Trecho de *Tu estás na grande espreita*
[*Du liegst im großen Gelausche, 1967*]

Tradução Flávio Kothe

O sapato

Em 1919 a revolucionária Rosa Luxemburgo
foi assassinada em Berlim. Os assassinos
a arrebentaram a coronhadas de fuzil
e a jogaram nas águas de um canal.
No caminho ela perdeu um sapato.
Alguém recolheu esse sapato, jogado na lama.
Rosa queria um mundo onde a justiça não fosse
sacrificada em nome da liberdade,
nem a liberdade, sacrificada em nome
da justiça.
A cada dia alguém recolhe essa bandeira.
Jogada na lama, como o sapato.

Eduardo Galeano
Os filhos dos dias
[*Los hijos de los dias, 2012*]

Dados biográficos

ALEXANDRE III (governou o Império Russo de 1881 a 1894) – o atentado de março de 1887 contra o tsar russo Alexandre III falhou; os autores foram capturados e executados; entre eles, o irmão mais velho de Lenin.

BABEUF, GRACO (na realidade, François-Noël Babeuf, 1760-1797) – durante a Revolução Francesa, foi porta-voz da “conspiração dos iguais”, o primeiro “partido comunista realmente atuante” (Marx); fracassou ao tentar conduzir a revolução a uma transformação comunista com a ajuda de uma ditadura popular; foi guilhotinado.

BAKUNIN, MIKHAIL ALEXANDROVICH (1814-1876) – revolucionário russo que defendia um socialismo libertário, eticamente fundado, em geral denominado anarquismo; participou de quase todos os empreendimentos revolucionários de seu tempo na Europa ocidental; entregue à Rússia, fugiu do exílio em 1861; foi membro da Primeira Internacional. O desentendimento com Karl Marx em 1872 levou à cisão da ala revolucionária do movimento operário em um socialismo marxista e um anarquismo autônomo; Bakunin influenciou na Rússia os “populistas”, que viam no campesinato uma força de resistência, assim como viam o movimento operário italiano e o espanhol.

BEBEL, AUGUST (1840-1913) – com Wilhelm Liebknecht, foi fundador e líder do Partido Operário Social-Democrata (*eisenschianos*, 1869) e, após a união com a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (*lassalleanos*), em 1875, líder do Partido Operário Social-Democrata, mais tarde SPD; esteve várias vezes na prisão; como marxista, defendia um caminho de reformas políticas e

esperava o colapso do capitalismo; obras principais: *A mulher e o socialismo* (1883), *Minha vida* (1910-1914).

BERIA, LAVRENTI PAVLOVITCH (1899-1953) – um dos principais chefes stalinistas; em 1922, contribuiu decisivamente para a subjugação da Geórgia; entre 1938 e 1945, foi chefe da polícia secreta GPU (sucessora da “Tcheca”); em 1946, membro do Bureau Político do comitê central do PCUS; após a morte de Stalin (5 de março de 1953), foi seu sucessor junto com Malenkov e Molotov; em dezembro de 1953, perdeu o poder, foi condenado e executado.

BERNSTEIN, EDUARD (1850-1938) – partidário de Marx, emigrou na época da lei contra os socialistas (ver p. 33), primeiro para Zurique, depois para Londres; publicou a revista *Sozialdemokrat*; a partir de meados dos anos 1890, passou a defender a transição pacífica para o socialismo através do caminho parlamentar, tornando-se assim o fundador do “revisionismo” das ideias de Marx (ver p. 34), o qual considerava inevitável a superação do modo de produção capitalista; Rosa Luxemburgo tornou-se a mais importante crítica de Eduard Bernstein.

BISMARCK, OTTO FÜRST VON (1815-1898) – primeiro-ministro da Prússia a partir de 1862, unificou a Alemanha sob o domínio da Prússia, forçando a Áustria a sair da Confederação Germânica (“solução da pequena Alemanha”) através de três guerras (contra a Dinamarca, em 1864; contra a Áustria, em 1866; e contra a França, em 1870-1871). Garantiu o domínio das elites reacionárias com uma “revolução pelo alto”, em que a burguesia capitalista enobrecida participava do poder; paralisou as aspirações democráticas com o sufrágio universal e freou o capitalismo com reformas sociais; suas tentativas de destruir o catolicismo político e a social-democracia fracassaram; caiu em 1890; para as elites alemãs, Bismarck é até hoje o político ideal e uma figura central de identificação.

BLANQUI, LOUIS AUGUSTE (1805-1881) – ver p. 60.

CAMPANELLA, TOMMASO (na realidade, Giovanni Domenico, 1568-1639) – em seu livro *A cidade do sol* (1623), escrito nos cárceres da Inquisição, projetou uma comunidade dirigida por uma hierarquia de sábios, com propriedade social, produção e repartição organizadas, onde todos teriam obrigação de trabalhar, de ter instrução e formação cultural.

DZIERZYNSKI, FELIKS EDMUNDOVITCH (1877-1926) – em 1900, unificou a social-democracia da Lituânia com a social-democracia do Reino da Polônia, o partido de Leo Jogiches e Rosa Luxemburgo, que juntos passaram a se chamar SDKPiL; aderiu aos bolcheviques na Revolução Russa de 1905; a partir de 1907, foi membro do comitê central bolchevique; passou vários anos na prisão; em 1917, organizou a polícia secreta “Tcheca”, com a qual o governo soviético impedia qualquer resistência política.

ENGELS, FRIEDRICH (1829-1895) – com Karl Marx, fundou o “socialismo científico”, segundo o qual o desenvolvimento econômico era a causa última do desenvolvimento social; obras mais importantes: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845); *Manifesto do Partido Comunista* (1848); *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1883).

FANON, FRANTZ (1925-1961) – teórico e psiquiatra caribenho; via as causas do subdesenvolvimento do “Terceiro Mundo” na exploração imposta pelo “Primeiro Mundo”, deduzindo daí o direito à resistência; em 1956, aderiu à Frente de Libertação Nacional da Argélia; obra principal: *Os condenados da terra* (1961).

FISCHER, RUTH (na realidade, Elfriede Golke, 1895-1961) – membro fundador do Partido Comunista Austríaco; a partir de 1919, dirigente do Partido Comunista Alemão (KPD); a partir de

1924, executou com afincos a *bolchevização*, sendo a primeira a caluniar a obra de Rosa Luxemburgo, que caracterizou como “sífilis”; em 1925, brigou com Stalin; em 1926, foi expulsa do KPD; depois de 1945, foi denunciada junto com os irmãos Gerhard e Hanns Eisler pela “Comissão de investigação de atividades antiamericanas” (“Comissão McCarthy”) como comunista.

FOURIER, CHARLES (1772-1837) – criticou incisivamente a sociedade capitalista; defendeu a formação de cooperativas agroindustriais em escala mundial (“falanstérios”), onde a competição coletiva, as múltiplas capacidades e necessidades, assim como a participação em tudo que é produzido, deveriam tornar o trabalho atraente e conduzir à harmonia dos interesses individuais e sociais.

GRACO, TIBÉRIO SEMPRONIO (162 a. C.-133 a. C.) – tribuno do povo, queria melhorar a situação dos camponeses romanos por meio da repartição das terras públicas que se encontravam nas mãos dos nobres grandes proprietários de terras; assassinado, com 300 de seus seguidores; seu irmão, Caio (153 a. C.-121 a. C.), retomou esse programa, foi eleito tribuno do povo e morreu assassinado com três mil de seus seguidores.

GRAMSCI, ANTONIO (1891-1937) – membro fundador, em 1921, do Partido Comunista Italiano e, em 1924, do jornal *Unitá*; de 1924 a 1927, foi secretário-geral do PCI; condenado em 1928, sob o fascismo italiano, a vinte anos de encarceramento; adoeceu e morreu em consequência da prisão; com seus escritos teóricos, na maioria redigidos no cárcere, influencia até hoje os debates sobre um socialismo democrático, emancipador e não autoritário.

GUEVARA, ERNESTO CHE (1928-1967) – médico argentino; a partir de 1956, lutou com Fidel Castro como líder da guerrilha contra a ditadura cubana de Batista; após a vitória em 1959, teve diversas posições de liderança; em 1965, embrenhou-se no continente

latino-americano; fracassou na tentativa de mobilizar a população indígena da Bolívia para uma insurreição; foi assassinado com seu grupo de guerrilheiros.

GUILHERME II (1859-1940) – imperador alemão (a partir de 1888). Implementou a corrida armamentista marítima e terrestre, além de praticar uma política colonial agressiva, mergulhando a Alemanha em 1914 na ruptura civilizacional representada pela I Guerra Mundial; esquivou-se às suas responsabilidades fugindo para Doorn (Holanda).

HECKERT, FRITZ (1884-1936) – pedreiro, antes da I Guerra Mundial já fazia parte da esquerda do SPD; em 1916, liderou em Chemnitz a criação de um dos maiores grupos *spartakistas*; em geral, exerceu funções dirigentes no KPD.

HO CHI MINH (“o iluminado”; na realidade, Nguyen Ai Quoc, 1890-1969) – membro fundador do Partido Comunista Francês e, em 1930, do Partido Comunista da Indochina; a partir de 1941, dirigiu um grupo guerrilheiro (Viet-minh), primeiro contra a ocupação japonesa (até 1945) e em seguida contra a ocupação francesa (até 1954); em 1945, proclamou a República no Vietnã, tornando-se seu presidente; após a divisão do país em 1954, presidente do Vietnã do Norte; após a luta vitoriosa contra a agressão estadunidense (1964-1975), tornou-se símbolo da resistência no “Terceiro Mundo” contra um poder materialmente superior.

JACOB, MATHILDE (1873-1943) – estenodatilógrafa e tradutora, desde 1913 datilografava, reproduzia e provavelmente também enviava os artigos de Rosa Luxemburgo e de seus amigos redigidos para a *Sozialdemokratische Korrespondenz* [*Correspondência social-democrata*]; tornou-se a pessoa mais íntima de Rosa Luxemburgo e, durante a I Guerra Mundial, manteve contato com ela na prisão; após a morte de Rosa Luxemburgo, foi a colaboradora mais próxima

de Paul Levi, em cujas publicações trabalhou até 1928; morreu em Theresienstadt em 1943.

JOGICHES, LEO (1867-1919) – ativista revolucionário, considerado o primeiro companheiro de Rosa Luxemburgo (ver p. 28 ss.). Junto com Luxemburgo, organizou o KPD e foi responsável pela organização da luta clandestina do Grupo Spartakus. Faleceu assassinado na prisão em 1919, após o assassinato de Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht.

KAUTSKY, KARL (1854-1938) – editor da *Die Neue Zeit* (*O tempo novo*), a mais importante revista teórica da Segunda Internacional (ver p. 25); formou o “marxismo” a fim de tornar compreensíveis para os trabalhadores as ideias de Marx e de Engels; criou assim um “recipiente” que até hoje é enchido por pessoas de esquerda, de várias tendências, com suas próprias ideias, sendo apresentado como a visão de mundo de Marx e Engels; até 1910, o aliado mais próximo de Rosa Luxemburgo.

KRAUS, KARL (1874-1936) – editor da revista vienense *Die Fackel* (*A tocha*), que redigiu sozinho a partir de 1911; crítico feroz da decadência cultural na sociedade moderna e do militarismo; obra principal: *Os últimos dias da humanidade* (1918-1919).

KROPOTKIN (CONDE), PIOTR (1842-1921) – membro da grande nobreza russa, adepto das ideias revolucionárias, conseguiu, em 1876, fugir da prisão na Rússia para o Ocidente, onde influenciou o movimento anarquista; defendia a abolição da propriedade privada e do Estado e desejava construir uma sociedade de associações livres de ajuda mútua.

LASSALLE, FERDINAND (1825-1864) – estimulou a formação de um movimento operário autônomo, politicamente emancipado da tutela burguesa; primeiro presidente da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães que, em 1875, se uniu aos *eisenachianos* (ver

August Bebel); morreu em duelo; o SPD e alguns membros da esquerda alemã são até hoje influenciados por ele.

LENIN, VLADIMIR ILICH (na realidade, Ulianov, 1870-1924) – jurista, líder e mais importante teórico dos bolcheviques (ver p. 20); unia-se a Rosa Luxemburgo pelo espírito revolucionário e pela rejeição incondicional ao capitalismo e à guerra imperialista; as divergências existentes entre eles desde 1904, referentes sobretudo às questões de “organização e democracia”, só mudaram um pouco quando Lenin tomou o poder na Rússia.

LEVI, PAUL (1883-1930) – em 1914, advogado de Rosa Luxemburgo; líder do KPD após o assassinato de Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches; expulso do partido em 1921 por causa de sua crítica ao golpismo; retorno ao SPD; com Mathilde Jacob, cuidou da obra póstuma de Rosa Luxemburgo: em 1922, publicou *A Revolução Russa* e, em 1925, a *Introdução à economia política*.

LIEBKNECHT, KARL (1871-1919) – advogado; filho de Wilhelm Liebknecht; em 1907, presidente da Juventude Socialista Internacional; adversário resolutivo do militarismo e da política armamentista; em dezembro de 1914, foi o primeiro social-democrata a votar contra a renovação dos créditos de guerra; esteve na prisão antes e durante a guerra; em 1919, líder do KPD junto com Rosa Luxemburgo e com ela assassinado em 15 de janeiro de 1919; obra principal: *Militarismo e antimilitarismo* (1907).

LIEBKNECHT, WILHELM (1826-1900) – fundador e líder, junto com August Bebel, do Partido Operário Social-Democrata (*eisenachianos*, 1869) e, após a unificação com a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (*lassalleanos*), em 1875, do Partido Operário Social-Democrata, mais tarde SPD; esteve várias vezes na prisão; foi membro fundador da Segunda Internacional (ver p. 31); autor do *Volksfremdwörterbuch* (*Dicionário popular de neologismos*) (1874);

o primeiro líder operário a ser enterrado no cemitério dos pobres em Friedrichsfelde, em Berlim.

LUMUMBA, PATRICE (1925-1961) – membro fundador e presidente do movimento nacional congolês; como primeiro-ministro da República do Congo-Kinshasa (atual Zaire), combateu a intervenção belga e a divisão de Katanga, a província do cobre; morreu assassinado depois de um golpe de Estado.

MAO TSE-TUNG (1893-1976) – a partir de 1927, liderou a criação de zonas soviéticas na China; a partir de 1935, foi líder de fato do Partido Comunista da China; em 1949, levou a China à independência e, no início dos anos 1960, tirou-a da tutela da União Soviética; foi um dos líderes do movimento de não alinhamento com qualquer dos dois superpoderes, Estados Unidos da América ou União Soviética; iniciou em 1966 a Revolução Cultural, em que muitos milhões de pessoas, sobretudo intelectuais e políticos, foram exilados e assassinados; a Revolução Cultural fascinou parte do movimento estudantil do Ocidente na década de 1960.

MARX, KARL (1818-1883) – fundou com Friedrich Engels o “socialismo científico”, segundo o qual o desenvolvimento econômico era a causa última do desenvolvimento social; obras principais: *Manifesto do Partido Comunista* (1848); *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1854); *O Capital* (vol.1: 1867; vol.2: 1884; vol.3: 1894); com sua teoria da acumulação; Rosa Luxemburgo vinculou-se à obra econômica de Marx, procurando desenvolvê-la (ver p. 49); pessoas de esquerda no mundo inteiro referem-se a Marx ou, comumente, ao “marxismo”.

MEHRING, FRANZ (1846-1919) – historiador e jornalista, aderiu em 1891 ao SPD; de 1902 a 1907, foi redator-chefe do *Leipziger Volkszeitung* [*Jornal popular de Leipzig*]; a partir de 1908, foi professor na escola do Partido Social-Democrata; a partir de 1911, com Rosa Luxemburgo, foi um dos líderes da esquerda.

MOLOTOV, VYACHESLAV (1890-1986) – uma das lideranças stalinistas; entre outras coisas foi, de 1930 a 1941, presidente do Conselho dos Comissários do Povo (primeiro-ministro); em 1939, assinou o Pacto Stalin-Hitler; em 1957, perdeu o poder.

MÜNTZER, THOMAS (1489-1525) – no começo partidário de Martinho Lutero, o teólogo desenvolveu a partir de 1521 uma concepção própria de reforma que levava a uma sociedade sem classes e sem autoridade; durante a Guerra Camponesa procurou, na qualidade de condutor espiritual de Mühlhausen, centralizar a insurreição; após a derrota em Frankenhausen, foi aprisionado, torturado e executado.

NOSKE, GUSTAV (1868-1946) – o social-democrata reprimiu, como governador da cidade de Kiel, em setembro de 1918, o levante dos marinheiros; como dirigente do departamento militar do Conselho dos Comissários do Povo (ministro da defesa), apoiou o assassinato de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht; ficou conhecido pela confissão: “Alguém precisa ser o carneiro sangüinário!”.

PARVUS, ALEXANDER (na realidade, Israel Lasarevitch Helphand, 1867-1924) – o redator-chefe da *Sächsische Arbeiter-Zeitung* (*Jornal operário da Saxônia*) (1896-1898) foi, com Karl Kautsky e Rosa Luxemburgo, o terceiro membro proeminente da esquerda que se voltou incisivamente contra o revisionismo; mais tarde, tornou-se comerciante de armas; uma das figuras mais ambíguas da esquerda europeia; a teoria da revolução permanente, em que originalmente estava em jogo a questão da relação entre proletariado e campesinato na revolução, foi a partir de 1924 um dos mais importantes pontos de acusação dos stalinistas contra Trotsky (assim como contra Parvus e Rosa Luxemburgo).

PABST, WALDEMAR (1880-1970) – primeiro oficial do Estado-Maior da Divisão de Cavalaria da Guarda; em 15 de janeiro de

1919, deu ordem para assassinar os líderes do KPD, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, que haviam sido presos.

PLEKANOV, GEORGI VALENTINOVITCH (1856-1918) – em 1883, foi membro fundador da primeira organização marxista russa; no início apoiou Lenin, mas a partir de 1903 ligou-se aos mencheviques; obras principais: *Anarquismo e socialismo* (1894); *Contribuições à história do materialismo* (1896).

POL POT (na realidade, Saloth Sar, 1928-1998) – estudou em Paris, onde se ligou ao Partido Comunista; criou no Camboja uma organização guerrilheira (Khmer Vermelho) e propagou a ideia de que os problemas do Camboja decorriam de um conflito não superado entre a cidade e o campo, que devia ser resolvido a favor da população rural; instituiu em 1975 um regime de terror que assassinou de maneira planejada milhões de pessoas, entre elas quase todos os intelectuais; derrubado em 1979, quando o Vietnã invadiu o Camboja.

ROUX, JACQUES (1752-1794) – sacerdote; durante a Revolução Francesa, foi ideólogo da extrema-esquerda (*enragés* – raivosos); criticou os jacobinos porque, em sua constituição, davam pouca atenção aos interesses sociais das camadas baixas (*sans-culottes*); suicidou-se na prisão.

SANDINO, AUGUSTO (1895-1934) – De 1926 a 1933, foi líder da guerra popular na Nicarágua contra a intervenção estadunidense (“general dos homens livres”); mais tarde, o ditador Anastasio Somoza mandou matá-lo; a Frente Sandinista de Libertação Nacional, que em 1979 derrubou o regime de Somoza, refere-se a Sandino.

SPARTAKUS (morreu em 71 a. C.) – o líder da grande insurreição dos escravos na Antiguidade (74-71 a. C.) e seus 60 mil insurretos tiveram no início grande sucesso, mas sofreram uma derrota decisiva às margens do rio Silarius (na Apúlia, atual Puglia); seis mil de seus correligionários foram crucificados ao longo da via Apia.

STALIN, JOSEF VISSARIÓNOVITCH (na realidade, Djugashvili, [1878] 1879-1953) – membro da direção bolchevique, ampliou sistematicamente seu poder como secretário-geral a partir de 1922 e, após a morte de Lenin, excluiu todos os adversários e concorrentes; a partir de 1928, foi um ditador sem limites, procurando restaurar as relações burguesas por meio de um regime totalitário radical de esquerda; com o terror, que vitimou milhões de pessoas de todas as classes e camadas, procurou introduzir o “socialismo num só país”; durante a II Guerra Mundial, os povos da União Soviética, apesar do domínio de Stalin, deram uma contribuição decisiva para a derrota do fascismo totalitário de Hitler; após a morte de Stalin, os líderes do PCUS procuraram manter-se no poder por meio de uma ditadura *político-burocrática* que abandonou o terror sistemático; em 1991, decidiram se colocar à cabeça da restauração que Stalin havia querido impedir a qualquer preço.

THÄLMANN, ERNST (1886-1944) – trabalhador dos transportes e presidente do KPD; a partir de 1925, submeteu o KPD aos ditames de Stalin; em 1933, foi preso pelos nazistas; o planejado *processo-espetáculo* fracassou devido à sua firmeza; assassinado no campo de concentração de Buchenwald.

TROTSKY, LEON DAVIDOVITCH (na realidade Bronstein, 1879-1940) – ao lado de Lenin, o mais importante organizador da Revolução de Outubro; em 1917-1918, foi Comissário do Povo para Assuntos Externos; a partir de 1918 (até 1925), como Comissário do Povo do Exército e da Marinha, formou o Exército Vermelho, e ajudou assim a salvar a revolução da contrarrevolução; a partir de 1923, criticou a política do aparelho burocrático do partido; perdeu todos os postos; primeiro banido, em seguida expulso da União Soviética em 1929; assassinado por um agente de Stalin no México; as diversas “Quarta Internacionais” reportam-se a Trotsky e ao trotskismo.

ULBRICHT, WALTER (1893-1973) – depois da destruição do KPD, assumiu de fato a direção do partido em 1935, no exílio so-

viético; após 1945, submeteu todos os concorrentes e marcou essencialmente a RDA; caiu em 1971.

WOLFSTEIN, ROSI (após o casamento Rosi Frölich, 1888-1987) – adversária de Rosa Luxemburgo no congresso de fundação do KPD. Publicou com Paul Frölich – mais tarde seu marido – a obra de Rosa Luxemburgo; em 1929, foi expulsada do KPD.

ZETKIN, CLARA (1857-1933) – fundadora e dirigente do movimento feminista proletário internacional, era amiga íntima e politicamente próxima de Rosa Luxemburgo; até hoje uma figura com que a esquerda se identifica.

ZINOVIEV, GRIGORI OVSEYEVITCH (na realidade Ovsey-Gerschen Radomylski-Apfelbaum, 1883-1936) – colaborador pessoal de Lenin, foi, após a Revolução de Outubro, presidente da Internacional Comunista (ver p. 40); derrubado em 1926, perseguido em 1936 e condenado à morte no primeiro Processo de Moscou.

Autores

GERHARD DILGER: nasceu em 1959; mestre em letras modernas e jornalista; mora na América do Sul desde 1992; trabalhou como livreiro, professor e correspondente dos jornais *taz*, *Neues Deutschland*, *WOZ* e *Der Standard*; desde 2013, diretor do escritório da Fundação Rosa Luxemburgo em São Paulo.

MICHAEL KRÄTKE: nasceu em 1950; professor de economia política na Universidade de Lancaster; editor da revista *Zeitschrift für sozialistische Politik und Wirtschaft* [Revista para política e economia socialista]. Publicou, entre outros livros, *Die größte Krise der kapitalistischen Weltwirtschaft* [A maior crise da economia global capitalista] (2008); *Rosa Luxemburg. Eine politische Ökonomin in ihrer Zeit* [Rosa Luxemburgo. Uma economista política em nosso tempo]. (2009).

ISABEL LOUREIRO: nasceu em 1952; doutora em filosofia; publicou, entre outros, *Rosa Luxemburg, os dilemas da ação revolucionária* (2003); *A revolução alemã (1918-1923)* (2005); *Rosa Luxemburgo: no princípio era a ação* (2013). In: *O pensamento alemão no século XX*, vol. 2, São Paulo, CosacNaify.

MICHAEL LÖWY: nasceu em 1938; com uma obra vastíssima, mencionemos apenas os livros mais recentes publicados no Brasil: *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”* (2005); *O que é ecossocialismo?* (2014); *A jaula de aço – Max Weber e o marxismo weberiano* (2014).

HOLGER POLITT: nasceu em 1958; doutor em filosofia; de 2002 a 2009, diretor do escritório da Fundação Rosa Luxemburgo em Varsóvia; várias traduções comentadas para o alemão da obra polonesa de Rosa Luxemburgo, entre outras, *Nationalitätenfrage und Autonomie* [A questão das nacionalidades e autonomia] (2012).

JÖRN SCHÜTRUMPF: nasceu em 1956; historiador; desde 2003 diretor-executivo da Editora Karl Dietz de Berlim; publicou, entre outros livros, *Freiheiten ohne Freiheit: Die Deutsche Demokratische Republik [Liberdades sem liberdade: a República Democrática Alemã]* (2009); organizador de Rosa Luxemburg, *Die Liebesbriefe [As cartas de amor]* (2012); Angelica Balabanoff, *Lenin oder: der Zweck heiligt die Mittel [Angelica Balabanoff, Lenin ou: o fim justifica os meios]* (2012).



A Fundação Rosa Luxemburgo

A Fundação Rosa Luxemburgo é uma das principais instituições de educação política do planeta, com escritórios na África, América, Ásia, Europa e Oriente Médio. A organização procura contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática e igualitária, promovendo pesquisa, reflexão e debate sobre alternativas ao capitalismo.


Fundada em 1990 em Berlim, a fundação é uma instituição sem fins lucrativos vinculada ao partido A Esquerda (Die Linke, em alemão). Desde 2000, suas iniciativas de cooperação internacional e solidariedade contam com apoio do Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento e do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.

O escritório regional do Brasil e Cone Sul atua, desde 2003, na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Conta com duas unidades, uma em São Paulo e uma em Buenos Aires. Na região, os eixos principais são: resistência nas cidades, com foco na defesa de direitos, transparência e democracia; resistência no campo, com críticas a modelos extrativistas, transgenia e mercantilização da natureza; e alternativas ao desenvolvimentismo, com uso de experiências locais e conceitos como Bem Viver.

Visite www.rosaluxspba.org

Este livro foi composto em Minion e Aleo
e impresso sobre papel reciclado 90gr
pela Gráfica e Editora Nova Letra,
Blumenau (SC), Brasil





“O capitalismo é a primeira forma econômica com força para propagar-se, uma forma que tende a estender-se a todo o globo terrestre e a eliminar todas as outras formas econômicas, não tolerando nenhuma outra a seu lado.”

Rosa Luxemburgo

